

cadernos da
FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 18 – Janeiro/2016





CADERNOS DA FEI – EDIÇÃO Nº 18 - JANEIRO/2016

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora
do Centro Universitário FEI e dos institutos a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

Editado no Centro Universitário FEI, Instituição filiada à



Associação Brasileira das Universidades Comunitárias

EXPEDIENTE

Revisão

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação e Marketing da FEI
Silvana V. Mendes Arruda

Fotos

Arquivo FEI, Ilton Barbosa, Leonardo Britos,
Istockphoto e Shutterstock

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901
Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

www.fei.edu.br



■ Deus
Inovador

Pe. Theodoro
P.S. Peters, S.J.

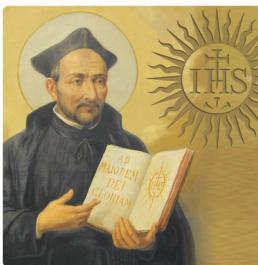
31

Índice

■ "Gravissimum
Educationis"

Dom Odilo
Pedro Scherer

47



Nova marca do Centro Universitário FEI.
Um novo ritmo para o seu futuro.

VOZ DO PRESIDENTE

A vida na fé: luta contínua	07
Colocar-se ao lado das pessoas.....	11
Abrindo novos caminhos	14
Bater à porta de Deus	18
A Companhia de Jesus na Universidade.....	21
Fé e Cultura.....	24
As razões para a esperança.....	26
Deus inovador	31

PALAVRAS DO REITOR

Artífices e autores.....	33
Os desafios de novas soluções	39

IGREJA

O Sínodo para o Papa	43
"Gravissimum Educationis".....	47
Um questão de sensibilidade	57
Deus anda pela cozinha.....	67

FÉ E CULTURA

Por uma ecologia integral	77
A avaliação da aprendizagem no Ensino Superior	86

PROJETOS E EXPERIÊNCIAS

■ A formação do leitor literário	95
--	----

DESTAQUES

■ FEI participa de Congresso de Educação em Roma	103
FEI na 25ª Assembleia da FIUC na Austrália	103

NA LUZ DA ETERNIDADE

■ Prof. Dalton Rubens Maiuri	104
Prof. Francisco Granizo Lopes.....	105
Prof. Godofredo J. Casati Júnior.....	106



É TEMPO DE...

Fabricar
Fortalecer
Fascinar
Festejar
Fomentar
Fraternizar
Fazer

Edificar
Empregar
Empreender
Educar
Emocionar
Encorajar
Evoluir

Imaginar
Inspirar
Impulsionar
Interagir
Inventar
Investir
Inovar



Nova marca do
Centro Universitário FEI.
Um novo ritmo para o seu futuro.

fei.edu.br

Apresentando...

Como sempre, recolhemos para a memória institucional e partilha com os colaboradores e amigos, o que contribuiu para os debates nas Semanas de Qualidade e para comentários dos acontecimentos que marcaram o ano acadêmico.

As palavras da Presidência e as diretrizes da Reitoria são motivadoras enquanto contribuíram para o bom relacionamento na comunidade universitária, a qualificação profissional na docência, na administração e serviços.

As reflexões do Papa sobre o Sínodo da Família; do Cardeal Dom Odilo sobre a Universidade Católica e de Dom Aloisio Jorge Pena Vitral, bispo de Teófilo Otoni, sobre os sentimentos diante dos desafios da vida, mostram um lado diferente dos que são responsáveis pelo Povo de Deus.

A encíclica “Laudato si’ ” que surpreendeu o mundo pelas colocações ousadas do Papa Francisco tem do Padre Martinho Lenz, S.J., uma leitura que focaliza os princípios norteadores de uma ética que leva em conta a sustentabilidade da natureza e do homem.

Um texto de “Leitura infinita – Bíblia e Interpretação” do jesuíta português Padre José Tolentino Mendonça, reproduz o tema que desenvolveu na Aula Inaugural, no campus de São Paulo.

A avaliação no Ensino Superior é uma questão complexa. A profa. Cristina Zukowski Tavares discorreu com propriedade sobre ela na Semana de Qualidade com a participação de outras instituições universitárias.

Não poderia faltar o registro do II Concurso Literário. É uma iniciativa de sucesso que com outras realizadas no campo da música e esporte quebram a rotina da vida acadêmica.

Encerramos a edição homenageando os professores que por muito tempo viveram a vida da FEI e deixam saudades. Que à luz da eternidade gozem da alegria dos que cumpriram com fidelidade sua missão.

***Pe. Paulo D’Elboux, S.J.
Assistente Religioso do Centro Universitário FEI***



Pôr do sol no campanário da Capela Santo Inácio de Loyola
Centro Universitário HU campus São Bernardo do Campo

A VIDA NA FÉ: LUTA CONTÍNUA

Homilia proferida na Capela Santo Inácio de Loyola por ocasião da abertura do ano letivo de 2015. São Bernardo do Campo, 26 de janeiro de 2015.

Sempre é muito bom reunirmo-nos neste espaço sagrado para o início das atividades do ano letivo. Este espaço é para todos uma referência nas andanças do dia a dia. Aviva nossa memória sobre a missão universitária que partilhamos na especificidade das ações que realizarmos. Fazemos parte de uma comunidade, aspirando tornar-se apoio para o desenvolvimento pleno das capacidades de todas as pessoas com as quais nos relacionamos. Nossa olhar ultrapassa o presente na construção do futuro promissor dos nossos sonhos.

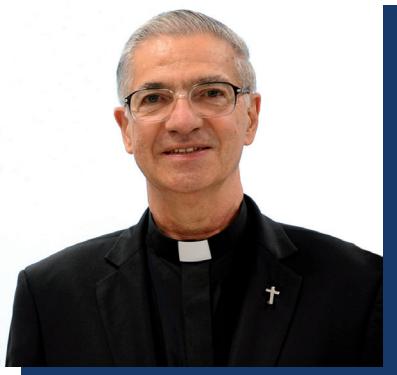
Os talentos pessoais partidos visam a construção de um ambiente de paz e de produtivi-

dade, de alegria e seriedade, de riscos nas iniciativas e cálculos eficientes, de critério científico e amadurecimento na fé recebida. As oportunidades esperam respostas através de atitudes e de projetos. Construímos uma comunidade científica a serviço da dignidade humana, do equilíbrio ecológico, do serviço aos nossos semelhantes. Somos pujantes em ideias e realizações, somos fortes em equipes e redes criando conhecimento divulgado adequadamente. Fundamentamos nosso renome e presença na região, Estado, nação. Ultrapassamos as

“Construímos uma comunidade científica a serviço da dignidade humana, do equilíbrio ecológico, do serviço aos nossos semelhantes.”



**Pe. Theodoro Paulo
S. Peters, S.J.**
Presidente da FEI



fronteiras, favorecendo cooperação e participação nas iniciativas em que colocamos em comum nossos pontos fortes, e buscamos avançar nos emergentes. Reconhecemos nossa realidade e potencialidade, desejando colocá-las a serviço da formação da juventude, do bem-estar comum garantindo a saudável presença do selo jesuíta para o rico diálogo com o Evangelho legado por Jesus.

A presença fraterna do bispo Dom Aloisio Vitral sinaliza nossa plena comunhão eclesial, permitindo uma partilha do pastor, favorecendo o maior conhecimento das expectativas e apreço da Igreja sobre a presença qualificada na cultura. Todos queremos ajudar, mas nem sempre sabendo como; razão maior pela qual nos reunimos para, na audição da Palavra do Senhor, nos evangelizarmos uns aos outros, construindo consensos inspirados pelo próprio Deus a quem queremos agradar e ajudar.

Hoje celebra-se a memória de dois grandes homens da Igreja nascente: Timóteo e Tito. Eles acolheram o Evangelho

anunciado, cresceram no conhecimento da fé e colaboraram muito com o próprio evangelizador Paulo de Tarso. Na época, tudo era novidade. Vinda de Jesus, prometido salvador, habitando entre nós, partilhando as agruras da vida: sofrimento,

prometida e a sua realização; das crenças dos pagãos, escutando como fábulas as narrativas e testemunhos apostólicos. “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?”, pergunta Jesus em Cesareia. “Quem dizes que és Filho do Homem?”, certamente pergunta toda a humanidade.

“Quem dizem os homens ser o Filho do homem? Pergunta Jesus em Cesareia. Quem dizes que és Filho do Homem? Certamente, pergunta toda a humanidade.”

tentação, perseguição e morte. Realidades humanas demais para serem assumidas por Deus. Sua ressurreição, realidade divina demais para ser assimilada humanamente. Verdadeiro Deus, verdadeiro homem. Uma pessoa, duas naturezas: divina e humana. Eram momentos em que tudo precisava ser construído, uma nova percepção, uma nova concepção da fé dos israelitas, vendo contradição entre a esperança

Os depoimentos dos circundantes apresentam Jesus voltado para o passado: algum dos profetas redivivo, retornando para advertir e conduzir o povo a Deus. Pedro, arguido, afirma ser o Filho do Deus vivo, sendo aprovado por Jesus, como inspirado pelo Pai. A crença de Pedro foi transmitida após a ressurreição e o dom do Espírito de santidade, prometido através dos testemunhos das pessoas que conviveram com Jesus, acompanharam seus passos, viram seus milagres, sua prisão e crucifixão. Para eles, também a ressurreição era inacreditável, contradizia suas experiências. Necessitaram serem convencidos pelo próprio ressuscitado da sua vida vitoriosa sobre a morte e o pecado.



Missa realizada na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, na Capela do Centro Universitário FEI, em janeiro/2015. Da esquerda para a direita; Pe. Carlos Alberto Contieri, S.J., Pe. Theodoro Peters, S.J., Dom Aloísio Vitral, Pe. Paulo D'Elboux, S.J. e Pe. Manuel Madruga Samaniego, S.J..

Confirmados na missão, ainda que com dúvidas de fé, começaram a percorrer as cidades e aldeias de Israel e de outras nações levando a mensagem evangélica. Missão que exigia a ação divina diante de obstáculos intransponíveis como foi o caso de Saulo de Tarso, perseguindo os cristãos e no caminho recebe uma luz celeste tão forte que ofuscava o sol de meio dia, cegando-o, acompanhada das palavras de Jesus que o acarreava sobre as ações que praticava e

intentava praticar. Titubeando, necessitado de apoio para caminhar, é levado até Ananias que o esclarece e batiza, confirmando seu novo mandato: estar a serviço do Senhor! É Saulo que, de perseguidor, é feito prisioneiro do Evangelho, que irá gerar na fé Timóteo e Tito, que a seguir lhes confia as comunidades de Éfeso e de Creta, escrevendo-lhes cartas com orientações pastorais.

O apóstolo apresenta-se como escolhido por Cristo na estrada para Damasco, afirma sua cons-

ciência reta formada pela fé de Israel, faz a memória da generosidade com que ambos abraçaram a fé. Estimula a reacenderem o carisma recebido de Deus. Afirma que o Espírito recebido dará coragem para igualmente sofrerem pelo Evangelho. Que não recuem do anúncio do Evangelho por causa do sofrimento ou aparente fracasso, como testemunha a experiência do próprio Paulo. Eles também foram escolhidos e ungidos a serviço do novo povo de Deus. Pelo Evangelho, condu-

zir a fé como resposta e adesão a Deus, fé iniciada e que deve amadurecer. A fé não é cega. A ela segue-se a esperança apoiada na promessa de Deus: infalível, fiel à sua palavra de acesso à vida eterna, anunciada veladamente no Antigo Testamento e proclamada no Evangelho. A iniciativa da santificação vem de Deus, Cristo é o mediador no qual se manifestou a salvação.

Jesus identifica-se em atos e palavras. Agindo como Deus age, manifesta a misericórdia e santidade divina. Falando a linguagem humana, testemunha dando sentido à ação divina ao longo da história. Completa a lei, interpreta profecias, estabelece os critérios para discernir a origem das inspirações ou das tentações.

O Evangelho de Marcos apresenta Jesus chamando os mestres da lei por propagarem falso testemunho a respeito dele. Comentavam que Jesus agia expulsando maus espíritos porque era portador de um mau espírito. Era adversário de Deus, fazia o jogo do diabo. Jesus reflete, falan-

do que o reino dividido se auto destrói, a família dividida não se sustenta. Só se pode saquear a casa de um forte, se antes ele for imobilizado. Jesus imobilizou e venceu o forte, no caso satanás, ao superar as tentações no deserto, ao expulsá-lo das pessoas

“Jesus identifica-se em atos e palavras. Agindo como Deus age, manifesta a misericórdia e santidade divina. Falando a linguagem humana, testemunha dando sentido à ação divina ao longo da história.”

nas quais fizera sua morada. O poder do demônio foi destruído pela santidade de Jesus, em tudo em sintonia com o Pai, realizando plenamente sua vontade.

Negar a santidade do Espírito atuando em Jesus, igualando-o ao espírito maligno, é recusar receber a vocação à vida eterna em partilha com Deus. Todos os

pecados serão perdoados a quem tem fé em Deus, mas a ofensa maior, a blasfêmia contra a santidade divina, torna culpado de pecado eterno, pois torna inoperante a misericórdia divina, reconhecendo a própria maldade. “Porque diziam: ele está possuído por um espírito mau”. O Evangelho de Lucas apresenta o apostolado como revelação do Reino. Jesus demonstra como a acusação deles é ilógica, afirmando em nome de quem ele age e fala.

Irmãos e irmãs, Paulo, em suas cartas, Marcos, no Evangelho, nos mostram que a vida da fé é uma luta contínua, para superar os obstáculos que nos tentam desviar da rota, confundindo-nos com aparências que camuflam a verdadeira resposta à graça de Deus. Como eles, somos convidados a deixarmos Deus se manifestar, comunicando-nos seu espírito e protegendo-nos de todo mal e ilusão. Que o ano seja bom para toda a comunidade acadêmica e para todos a quem somos enviados. Amém. □

COLOCAR-SE AO LADO DAS PESSOAS

Pronunciamento de abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do 1º semestre de 2015. São Bernardo do Campo, 26 de janeiro de 2015.

Com muita alegria desejo acolher a todos que configuram nossa comunidade de ensino, pesquisa e extensão para o início do ano letivo. É a alegria que a presença de todos representa a aceitação do convite para nos reconhecermos como corpo a serviço da formação da juventude. Convite para mergulharmos profundamente no sentido do que desejamos realizar. Formar a juventude para a cidadania e o bem comum, para a vida profissional e a interpelação ética, para a acolhida da natureza e sustentabilidade ecológica, com referência cristã articulado-
ra entre a teoria e a aplicação.

O nosso horizonte é amplo, ultrapassa o presente, projeta-se

no futuro. O jovem atual é a promessa de um futuro melhor. O atual estágio do nosso conhecimento é vocacionado a aprofundar-se. O clima universitário visa tornar habitual, parte do ser de cada um, o viver bem, colaborar, buscar a perfeição sempre inatingível, porque nossos limites exigem continua superação. O ambiente desenha-se a muitas mãos e cérebros, configurando uma comunidade de ensino e aprendizagem, de pesquisa e inovação, de extensão projetando ação social, porque sempre atenta ao ser humano convivendo nas cercanias de bairros, cidades, regiões e países.

Reconhecemos nossos talentos, nossos títulos, nossas especializações, colocando-os à dis-

posição para a tarefa empreendedora recebida. Sabemos que o currículo apresentado é complexo e articulado. A memória de nossas graduações é povoada por muitos professores com avaliações diversas. Alguns se tornaram nossos mestres porque referenciam o nosso agir e proceder pela sabedoria comunicada, outros ficam na prateleira do mal necessário para dar conta de uma disciplina sem a qual não se concluiria o curso.

Na missa, há pouco ouvimos de Paulo o que desejava que se guardasse dele em todas as lembranças: cavalgava pela estrada de Damasco, visando um objetivo, motivado pela sua fé israelita, achando que estava ajudando a Deus. De repente

fica cego com a luz celeste, para mostrar que cavalgava em vão, na contramão da vontade divina. A luz ofuscante, acompanhada da voz ouvida, o convenceu de que estava errado e que devia mudar o caminho de sua vida e o emprego de suas energias e talentos. Escreve que Deus o designou para evangelizar e sofrer em razão de sua missão. Afirma que não se envergonha nem do cárcere, nem do Evangelho. Paulo lega a percepção de que estava errado, Deus o ilumina, converte-se, aceita a missão e o sofrimento confortado pelo próprio Cristo.

Como Paulo, nossa missão é indelegável, somos chamados a dar a nossa resposta com a qualidade de nossa formação. Nossa resposta espera que sejamos inspiradores, incentivadores criando clima propício para o estudo, a reflexão, a ação individual e em rede. A tarefa impossível exige ações repetidas para com o conjunto e artesanais na escuta, no apoio a cada estudante que se sente ameaçado a parar, in-



Abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão em janeiro/2015, com a participação de professores e colaboradores do Centro Universitário FEI .



Missa realizada na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário FEI, em janeiro/2015.

Da esquerda para a direita: Pe. Theodoro Peters, S.J., Dom Aloísio Jorge Pena Vitral, Bispo de Teófilo Otoni, Minas Gerais e Pe. Paulo D'Elboux, S.J.

terrompendo o caminho. Dom Luciano Mendes de Almeida conseguia dar conta de tarefas episcopais e atender cada pessoa. Sua questão era sempre: em que posso ajudar? Colocava-se ao lado.

O Papa Francisco fez uma viagem memorável ao Sri Lanka e às Filipinas. Conseguiu colocar-se de modo singular ao lado das pessoas, evangelizando com seus gestos, palavras e silêncio de lágrimas diante da menininha que, chorando, lhe perguntara: por que as crianças sofrem? Aos jovens sugeriu aprender a mendigar, a receber com humildade, a não serem pessoas que pensem que não precisam de nada. José de Anchieta sugere que os limites não limitam. Chegou com cultura europeia, estudante em

Coimbra, diante dos índios na idade da pedra, abriu escola, escreveu teatro para representarem, constituindo aldeamentos, missões.

Recentemente, foi amplamente divulgada nos jornais, portal da UOL e IHU: “Estudantes criam algoritmo que detecta possíveis pedófilos na web”. Um grupo de estudantes criou um sistema que identifica potenciais abusadores de crianças ao analisar textos de conversas na web, orientados pelo professor Rodrigo Filev Maia. A tecnologia seria útil para pais que quisessem analisar conversas feitas a partir do computador ou do celular dos filhos, diz o docente do Centro Universitário FEI. “Como você pode proteger seus filhos quando navegam na

internet? É impensável falar em isolá-los digitalmente”.

Nem sempre existem soluções únicas, ideais, mas sempre é possível interagir. Pessoas lumínares nos estimulam com sua luz a sermos expressão de vida para todos, ainda que frágeis, mas sempre portadores do tesouro da fé concedida por Deus. A minha utopia é que todos nós exerçamos uma comunicação lendo o futuro do jovem em formação que está à nossa frente. Que nossa avaliação seja portadora de valores. Confirmo as minhas melhores boas-vindas a todos e o convite para mergulharmos a fundo em nossa missão de nos formarmos continuamente, enquanto apoiamos a formação dos jovens e de nossos colaboradores. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

“Como Paulo, nossa missão é indelegável, somos chamados a dar a nossa resposta com a qualidade de nossa formação. Nossa resposta espera que sejamos inspiradores, incentivadores criando clima propício para o estudo, a reflexão, a ação individual e em rede.”

ABRINDO NOVOS CAMINHOS

Homilia da missa por ocasião da visita do Provincial, Pe. João Eidt, S.J. ao Centro Universitário FEI. São Bernardo do Campo, 17 de março de 2015.

Nossa comunidade universitária acolhe a visita do Pe. Provincial e do Pe. Superior para um primeiro contato, demonstrando a importância da FEI na concretização da Missão Apostólica na Cultura, confiada à Companhia de Jesus.

Esta eucaristia oferece a possibilidade de uma partilha profunda sobre os fundamentos de nosso agir. A Palavra de Deus proclamada nos convida a prosseguirmos com qualidade os nossos passos no caminho da sabedoria e da ciência, da fé e do conhecimento, da esperança e da pesquisa. A Palavra de Deus move os corações, estimula as vontades, direciona as decisões

para a ação. Ela é viva, encarna-se em cada cultura, em cada etapa histórica. Ela recria a face da Terra porque portadora do Espírito Divino.

O profeta Ezequiel prossegue a sua visão. Agora está no Templo de Jerusalém. Lugar sagrado, onde Deus faz sua morada. A presença divina se expressa na força das águas que correm, ocupando a terra, se avolumam, formando rio caudaloso, impossível de transpor a pé ou a nado. Águas fortes, portadoras da vida. Favorecem a vida vegetal e animal, garantem a vida humana com alimentos e remédios. Água transformadora permitindo que o Mar Morto, salinizado, reviva com vida pululando em suas

águas. As águas que avançam sinalizam para a presença divina na natureza e na vida humana, bem como demonstram as mesmas águas que a Palavra de Deus é atuante. É a palavra que se faz carne. Nela Deus se torna visível, modificando as situações, porque elimina limites que dificultam viver bem a vida. Ezequiel passou, mas sua visão perdura, abrindo caminho na esperança, avalizando a segurança da nossa fé: “Sei em quem eu confiei!”.

O salmista repassa situações de insegurança, angústia, abalo e sofrimento. Forças telúricas indomáveis: estremecimentos, desabamentos, águas agitadas não podem vencer-nos. Porque em nosso meio está o Senhor do universo,

ele conclama a todos para vir e ver, para contemplar a ação e os prodígios do Senhor. Porque atendeu as orações suplicantes, cativa a todos jubilosos a cantarem para todas as gerações que a presença do Criador, Senhor do universo, habita conosco, vive a nossa vida, vence os obstáculos que pretendiam tornarem-se superiores, abafando nossa confiança íntima. A vida continua porque Deus está no meio de nós, agindo com o seu poder, torna-se refúgio e vigor para nossos espíritos abalados, temerosos, inseguros.

O Evangelho de João nos coloca na cena na qual Jesus visita um local dedicado à presença de Deus. Uma piscina com pórticos, à margem da qual se avolumavam os doentes e carentes de tudo. Havia um homem que jazia enfermo durante 38 anos. Jesus o observa e lhe pergunta se queria ser curado. Quando a água se agitava, o primeiro que entrasse na água seria curado. Ele não tinha energia para entrar em primeiro lugar. Jesus lhe pergunta se queria ser curado. Ele responde que



não tinha a quem recorrer. Este homem retrata a situação na qual muitas vezes estamos envolvidos. Em meio de tanta gente, nos falta interlocutor com quem partilhar o nosso interior. Com que falar? A quem recorrer? João diz que é necessário ser encontrado por Jesus. Do encontro com Jesus, tudo aconteceu: expôs sua dificuldade, foi ouvido atentamente, recebeu o que não pedira: levantar-se, carregar seu catre, ir para casa só. Era um homem distraído, meio alienado, nem sabia quem era Jesus. Só quando Jesus volta a encontrá-lo e lhe diz: “agora que estás curado, não voltes a

pecar”. Ele, então, foi falar aos judeus o nome de quem o tinha curado. Passaram a perseguir Jesus porque agia fazendo o bem, orientando as pessoas, no dia de sábado. João deseja nos estimular a perceber a ação da palavra de Jesus em nosso interior. Como Pedro, sugere podemos dizer: “Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna”.

Que possamos guardar a Palavra, presença do Senhor, em nosso íntimo e testemunhar a sua veracidade e força salvadora, como João, Ezequiel e o Salmista nos encorajam continuamente. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, SJ.

Renovação

Ao longo dos seus 75 anos, o nome FEI tornou-se tão grande e importante como sua história e sua essência. Por isso, nosso novo logotipo, que vai além da mudança de um símbolo, unifica e reforça em três letras os valores, missão e identidade de uma Instituição que tem orgulho de sua história e trajetória de crescimento, prezando sempre pela excelência no ensino e na formação humanística. Nossos alunos, professores e colaboradores são os grandes autores dessa história, sendo cada um responsável por um capítulo da obra de uma Instituição de Ensino que se renova a cada dia.

A unidade representada na nova marca da FEI também é reflexo, também, do trabalho de profissionais, que individualmente possuem valores inestimáveis e unidos aos demais colaboradores, contribuem para que a FEI continue a ser uma Instituição sólida, inovadora e preparada para assumir os desafios do futuro.

centro
universitário



energia



Com energia a gente cria.
Fabrica. Realiza. Evolui.

Com energia a gente é gente.
A gente inova. A gente flui.

Energia é alimento.
É movimento e é momento.

E o nosso momento?

Se renova agora.
Com uma nova marca.
Com um novo ritmo.
Com a mesma energia.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Romildo Savassa
Seção Portaria e Inspetoria

BATER À PORTA DE DEUS

Homilia proferida na Capela Nossa Senhora do Bom Conselho por ocasião da abertura do ano letivo de 2015. São Paulo, 26 de fevereiro de 2015.

O início do ano letivo é oportunidade preciosa de reencontro de todos que partilham a missão deste Centro Universitário. Neste campus, foram e estão sendo feitas grandes reformas para a melhoria da qualidade do ensino, pesquisa e extensão. Felicito toda nossa comunidade educativa pela capacidade de apoio e participação, na sabedoria de cooperar para que se mantivesse bom espírito, em meio a sacrifícios e mesmo mortificações, no funcionamento normal das atividades curriculares.

Hoje, pela segunda vez, nos encontramos nesta linda capela que nos ajuda a manter o rumo do sentido de nossas vidas. É bom cultivar a vida espiritual pela certeza

que a fé e a esperança nos oferecem. Viver bem, sabendo as razões e fundamentações sagradas, ajuda na comunhão sinérgica dos valores profundamente humanos.

A celebração de hoje nos une na solidariedade com a família de Elezenita, recém-falecida, após longa enfermidade. Ela partilhou nossa missão, colaborando na Secretaria anos a fio. Rezamos pelo seu descanso eterno e pela conformidade de sua família.

Gostaria muito se houvesse desejo de participação da comunidade de trabalho e pesquisa deste campus, que fosse proposto um horário adequado para a oração eucarística e partilha da Palavra de Deus semanalmente. Aguardo a reação do corpo docente, discente e funcional.

Hoje, a proclamação da Palavra de Deus nos quer ajudar retratando duas experiências de vida: a oração da Rainha Ester, suplicando pela sua vida e pela vida de seu povo, e a oração do salmista testemunhando o atendimento de suas súplicas a Deus.

O Evangelho nos inspira com as palavras de Jesus sobre a paternidade humana, reflexo da paternidade divina: como filhos pedimos, na certeza de sermos atendidos da melhor e mais adequada forma para o nosso bem-estar e conforto espiritual, condicionando-nos à reciprocidade de nossos desejos com os dos próximos, consistência de toda a Lei divina e dos mensageiros de Deus, os profetas.

O livro de Ester apresenta a

situação de sofrimento desalentador do povo que, na sua fé, viveu a intervenção divina ao longo da História. Ester, judia, é uma rainha na corte pagã. Sente-se ameaçada de morte próxima, além da destruição que paira sobre seu povo. Ela reza apresentando a sua situação e a de seu povo, recordando os benefícios recebidos de Deus relatados pelos antepassados. Em seguida, faz seu pedido para que seja mudada a situação, ao apresentar-se ante o rei para que ela, iluminada, encontre as palavras e os argumentos que o possam convencer a mudar os sentimentos de predileção para com o plenipotenciário, que com seus cúmplices tramavam para que perecesse, de modo que ele mesmo recebesse pela ação divina o que pretendia causar a Ester e ao seu povo, no mesmo dia previsto para o extermínio dos judeus.

O salmo expõe a situação vivida por alguém em perigos e dificuldades invencíveis com seus únicos recursos. Recorre ao Senhor com fé e esperança. É ou-

vido em sua súplica. Reconhece então que Deus o surpreendeu, atendendo a seus desejos além das expectativas alimentadas. Sentiu-se gente diante de Deus. Deus o escutou e viu a rede na qual se debatia. Alegra-se com a fidelidade do Senhor cumprindo sem falhar as suas promessas e alianças. Declara que não pode falhar a misericórdia, a bondade porque é eterna, para sempre. Além disso, almeja que a obra, a promessa divina, sua aliança consolide a sua esperança e segurança para o futuro que há de vir. O que já foi feito por Deus é a garantia para o que virá. O passado reconhecido no presente de felicidade é avalista do futuro que ainda acontecerá. O salmo brilhantemente conclui testemunhando: “O Senhor fará tudo por mim! Senhor, tua fidelidade é para sempre! Não abandones as obras das tuas mãos” (Salmo 138,8).

No Evangelho, da lavra de Mateus, Jesus confirma a convicção de Ester e do salmista. Ambos descrevem-se vivendo agruras, mas repletos de certeza

em Deus, rochedo e fortaleza. Acreditaram, esperaram, pediram, receberam. Deus não se esquece, mas a recordação, trazer a memória de Deus em suas ações, revigora os suplicantes. Rezam ao Deus vivo presente na vida humana, mostrando sua ação contra todas as possibilidades. Deus não é limitado pela ação humana, mas deseja ser reconhecido como a fonte original do Bem, como o Santo, diante do qual o mal, o pecado, perdem vigor e força. Deus não tem rivais. Ele é o único, o que está no meio de nós, de suas mãos somos a obra prima. Jesus elucida dúvidas humanas nas quais a própria vontade de Deus, a sua Lei, corre o risco de ambíguas e errôneas interpretações e aplicações. Ele afirma que a vontade de Deus, expressa na Lei dada a Moisés e consolidada nos Profetas, consiste em desejar para os outros o mesmo que desejamos para nós, fazer para os outros o que gostaríamos que fizessem para nós. A regra de ouro para acesso à Vida Verdadeira com Deus, à Santidade.



Capela Nossa Senhora do Bom Conselho, Centro Universitário FEI, *campus SP*.

A paternidade humana é um traço da paternidade divina. Como os filhos pedem aos pais coisas boas e são atendidos, assim também Deus procede. Ele sabe o que nos convém e nos concede antes mesmo de pedirmos. Na oração, pedimos o que necessitamos, estabelecendo relação filial com o Pai dos céus, abrindo-nos para acolher sua bondade, permitindo que venha a nós. A porta é estreita para seguir a vontade de Deus, não há passos mágicos, ela exige esforços de nossa parte. Jesus fala para rezar sem cessar,

pedir os bens necessários, buscar o caminho, bater à porta para que seja aberta e por ela possamos entrar, tomando a iniciativa de sermos bons. A estas atitudes Deus sempre responde.

A Palavra de Deus ofereceu dois testemunhos protagonistas da coragem audaciosa de falar confiantemente com Deus sobre as necessidades vividas. Ester e o salmista afirmam com a segurança de serem atendidos. É a razão da alegria de relatar no tempo presente o que a experiência passada significou, vi-

sando o futuro. Bateram à porta de Deus que a eles se abriu. Jesus nos orienta no caminho para passar a porta estreita, pela qual acedemos à Vida Verdadeira, à plena comunhão com Deus. Não estamos sós. Deus está conosco, acompanhando e atraiendo no caminho para o bem nosso e do próximo na reciprocidade de propósitos e intensidades. Que o Senhor nos acompanhe, ouvindo nossas preces, olhando nossas apreensões, abençoando nossas alegrias e sucesso. Assim seja. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, SJ.

A COMPANHIA DE JESUS NA UNIVERSIDADE

Saudação ao Eminentíssimo Reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de São Paulo, Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, e ao Excelentíssimo Reverendíssimo Bispo Auxiliar de São Paulo, Vigário Episcolar do Vicariato para a Educação e Universidade, Dom Carlos Lema Garcia, por ocasião da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário FEI.
São Bernardo do Campo, em 31 de julho de 2015.

Hoje celebramos a festa de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa apostólica aprovada e reconhecida pela Igreja. Inácio nasceu em família católica, foi educado na fé desde criança, estudou, adquiriu excelente caligrafia, trabalhou na corte, participou de competições. Era um jovem normal, evoluindo para a adultez. Seguro de si mesmo, repleto de sonhos e iniciativas. Sua lealdade a toda prova o levou a resistir na defesa da fortaleza de Pamplona até ser gravemente ferido. Indô-

mito, comunicava segurança e exigência aos seus companheiros e comandados.

Ferido o líder, os vencedores reconheceram o brio do adversário e permitiram que fosse transportado para o solar dos Loyola, onde foi tratado. Seu ferimento muito grave exigiu cirurgias que o levaram às portas da morte. Seu físico resistiu e, na festa de São Pedro, começou a melhorar. Convalescente, reconheceu a intercessão do Apóstolo, de quem era devoto. Acamado por longo tempo para a consolidação dos ossos fraturados, desejou entreter-se, pedindo livros de aventu-

ras e feitos dos cavaleiros, heróis medievais. A biblioteca do castelo dispunha de dois livros: a Vida de Jesus e o Florilégio dos Santos. Possivelmente, franziu a testa frustrado, mas nada havendo a fazer, começou a ler e foi envolvido pelo conteúdo, admirando Jesus em sua vida e missão e os santos, como quiseram tornar prática em sua vida a descoberta de Jesus. Feitos heroicos, corajosos, o envolveram. Ficou muito impressionado com as vidas de São Francisco, de São Domingos e de Santo Onofre. Sentiu-se motivado a superar a todos em penitência, oração,

serviço ao próximo. Envolveu-se com a leitura e começou a escrever as frases que mais gostava para reter na memória para o futuro. As palavras de Jesus em letras vermelhas, as de Maria em letras azuis. Assinalava as frases preferidas, sua leitura era interativa, podia já locomover-se pelo quarto, sentar-se, divagar, tendo os santos como modelos e interlocutores. Seu imaginário espiritual e austero ia se consolidando. Perscrutando seus sentimentos, divididos entre retomar a vida na corte com suas frivolidades e conquistas ou iniciar uma vida na sequela de Cristo e na imitação dos santos, avaliou que sentia alegria, seguida de um vazio interior, após os seus desejos de retomar as aventuras interrompidas pela fragilidade da saúde, e uma grande alegria, incentivadora em seguir as pegadas de Cristo e as venturas dos santos em seu seguimento.

Inácio inicia seu processo avaliativo: dando valor ao que valia. Descobre em seu interior os movimentos internos que



traduzirá em discernimento das inspirações espirituais em sua vida, para tomar as decisões adequadas. Segundo sua consciência, conferindo com o Espírito Divino o roteiro para melhor viver a intenção de Deus, foi tomando decisões, no início simples e, a seguir, revelando-se de alta complexidade, exigindo que se qualificasse não apenas pela reflexão pessoal, mas, institucionalmente, sendo levado

a buscar a universidade, em Alcalá, Salamanca e, a seguir, em Paris, para, pelos estudos, ter autoridade para ensinar o que desejava transmitir. Entre decidir pela universidade e cursá-la com brilhantismo, foi obrigado a cursar latim durante mais de um ano antes de ser admitido como estudante. Na universidade enfrentou as dificuldades de aluno menos preparado, mais pobre e de mais idade. Nela configurou um grupo de amigos partilhando seus ideais que vieram a fundar a Companhia de Jesus, para ajudar apostolicamente a missão da Igreja, colocando-se ao serviço do Papa para toda e qualquer missão a que desejasse enviá-los. Para Inácio, o processo avaliativo foi a alma de sua vida e do legado que deixou, através da Companhia de Jesus, a toda a humanidade.

A Semana de Qualidade já partilhou conceitos e experiências na avaliação da aprendizagem no ensino superior, sistema de gestão de planos de ensino e de lançamento de notas, formas

alternativas/complementares de avaliação do aprendizado dos alunos, as diferentes competências, projetos, interação dos estudantes. Hoje, dia de Santo Inácio, aprofundaremos o nascimento da Universidade Católica, gestada no coração da Igreja. A Igreja necessita das universidades como instituições multidisciplinares para a realização de sua missão evangelizadora na transmissão da fé em todas as culturas e ambientes. Conta com a seriedade da ciência dialogando ecumenicamente com a fé cristã. A FEI, mantenedora do Centro Universitário, assume sua identidade estatutária católica, através da mediação da Companhia de Jesus, realizando a sua missão em coerência com a sua vocação como universidade verdadeira, pela seriedade na pesquisa, na busca da verdade, no diálogo da comunidade acadêmica para a busca das melhores soluções e mesmo dirimir possíveis conflitos. A presença do senhor Cardeal, autoridade eclesial e universitária, pelo seu doutorado e encargo como Chanceler da



Da esquerda para a direita: Pe. Paulo D'Elboux, S.J., Prof. Dr. Fábio do Prado, Dom Odilo Pedro Scherer, Dom Carlos Lema Garcia, Profa. Dra. Rivana B. Marino, Prof. Dr. Marcelo Pavanello e Pe. Theodoro Peters, S.J.



PUC-SP, nos honra em nosso processo avaliativo, incentivando a aprofundarmos os desejos, as intenções da Igreja, as expectativas eclesiais, as respostas, que em nossos respectivos lugares de estudos e pesquisas, somos chamados a dar como testemunho

dos valores evangélicos que assumimos. A presença do bispo diocesano, recém empossado em Santo André, testemunha a nossa vontade de construir um caminho articulado no serviço da fé e na promoção da justiça. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

FÉ E CULTURA

Abertura da aula inaugural do semestre letivo do campus São Paulo do Centro Universitário FEI. São Paulo, 03 de agosto de 2015.

Esta noite é a oportunidade para a aula magna de inauguração do semestre letivo e para ministrá-la, acolhemos a visita do vice-reitor da Universidade Católica Portuguesa, Dr. José Tolentino, que apresentará para debate o tema: fé e cultura.

O ser humano, dotado de razão, cria cultura transmitida de geração em geração e, ao mesmo tempo, a aperfeiçoa continuamente. Novas experiências desenvolvidas são colocadas em comum para servirem ao bem da comunidade local, regional, nacional, internacional. A cultura expressa os valores irrenunciáveis da família, da comunidade. Nela, encontram-se aspectos práticos da vida do dia a dia e questões vi-

tais que perscrutam o sentido da vida humana, suas origens, sua ânsia de continuidade. A vida é transmitida pelos pais, que se conheceram e prepararam-se para a formação da família.

A família é social, reconhecida, mas também exigente de referenciais para os laços que se formam. O nascimento do frágil bebê, dependente em tudo dos pais para viver, crescer, adquirir hábitos saudáveis para a conservação da vida. A vida tem início, a vida tem limite, tem prazo. A morte interrompe a convivência terrena. A rationalidade humana se depara com questões que transcendem os limites da materialidade e procura compreender o sentido racional dos instantes vividos. A rationalidade

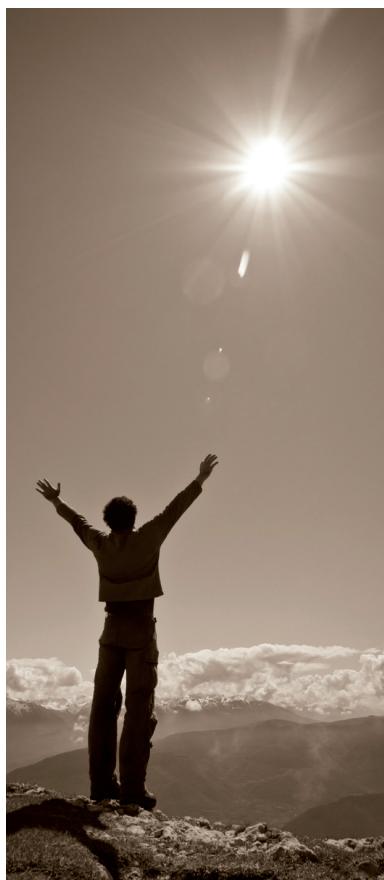


abre-se ao universo do sagrado. Em todas as culturas o fenômeno se desenvolve: são criados ritos para a formação da família, para a recepção dos filhos, para a passagem da juventude para a vida autônoma, para o sepultamento dos mortos. Há uma inconformidade com a interrupção de tudo o que foi criado: relacionamentos, dedicações. O ser humano abre-se ao infinito na sua busca do saber, abre-se para a eternidade, descobre sua vocação para a religiosidade. Defrontando-se com o que não pode tocar pelos sentidos corporais, desenvolve os sentidos espirituais, através da crença, da fé em algo superior às próprias forças e limitações.

O que acontece em todas as comunidades humanas em vários níveis, do primitivo ao sofisticado é a relação entre a fé e a cultura continuamente desenvolvida. Os níveis diferentes necessitam ser articulados. A racionalidade busca a fé, a fé necessita da racionalidade. O mesmo ser humano cria a cultura e é introduzido na

fé. Esta simbiose permite e exige critérios respeitosos de seus objetos de análise, estudo, pesquisa, percurso. O mesmo ser humano gera cultura e é gerado na fé.

Não há contradição entre cultura e fé, entre ciência e fé.



Há âmbitos próprios, métodos distintos na abordagem. Ao recebermos a fé cristã, temos acesso à revelação divina. Deus dá sentido à nossa vida. Mas Deus se revela aos poucos a cada um. Cada pessoa é chamada a descobrir a presença divina em si. Muitas vezes esquecemos que a fé é acreditar no invisível e desejamos tocar materialmente o espírito. Um dos apóstolos de Jesus, Felipe, cansou-se do discurso da fé sobre Deus Pai de Jesus, e exige de Jesus ver o Pai fisicamente. Quer materializar o espiritual. “Mostra-nos o Pai e isto nos basta! ” Jesus disse-lhe: “Quem me vê, vê o Pai, você não acredita que eu estou no Pai e o Pai em Mim? ”.

Dr. Tolentino vai nos ajudar a perceber como Deus se revela, falando linguagem compreensível à rationalidade humana para que a pessoa possa responder, dialogar, orar, participar da vida de Deus. A Sagrada Escritura é uma leitura infinita, nela nossos horizontes se dilatam. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

AS RAZÕES PARA A ESPERANÇA

Homilia da Celebração da Eucaristia de Sétimo Dia de Falecimento do Prof. Dalton Rubens Maiuri, na Capela de Santo Inácio de Loyola, campus São Bernardo do Campo, em 10 de novembro de 2015.

APaz do Senhor Jesus ressuscitado seja por todos vocês acolhida e penetre profundamente em suas vidas. Reunidos por ocasião do inesperado passamento do professor Maiuri, acolhemos de coração a sua família: esposa, Lígia Helena, filhos Roberto, Sandra Helena e Mauro, netos, aos seus amigos, e a todos os companheiros de serviço que com ele conviveram nesta casa de ensino, saber e pesquisa. Desejamos, todos nós, expressar a profunda solidariedade e pesar pela sua partida, domingo passado, e manifestar as razões de nossa esperança em Deus, criador e salvador da humanidade.

O nosso luto é iluminado pela ressurreição de Jesus. Jesus

também nasceu e morreu, porque todas as pessoas nascem em morrem. “O Verbo eterno se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Viveu em tudo a condição humana, sentiu saudades, sofreu as intempéries e contradições ao chegar com todo o seu entusiasmo e não ser aceito, sendo mesmo rejeitado e condenado à morte hedionda. Jesus passou a vida fazendo o bem. Muitos o acolheram e se tornaram filhos de Deus, outros acharam que o eliminando mostrariam que ele estava só e que o Deus, a quem invocava, não existia ou não o assistiria, ou, ainda, permaneceria indiferente. Tinham certeza de serem mais fortes e que, com sua morte, o eliminariam do mundo dos vivos. Sentiam-se

seguros em si mesmos. Para eles a vida se limitava a este mundo, a força teria a palavra final, confirmando seus pareceres. Equivocaram-se ao lutarem contra Deus, Deus é mais forte do que a morte, Deus é vida, Deus é amor. Contra Deus nada pode o ódio, a ira, a malvadeza, a riqueza. Deus atende a oração de Jesus e o ressuscita gloriosamente. Jesus ressuscitado comunica a paz e a imortalidade a todos que o recebem de coração sincero. É a paz que solicitamos nesta celebração. Paz que só Deus pode dar. Paz que supera todos os temores do desconhecido, gerando confiança plena em Deus. Paz que o Senhor comunica a cada pessoa, de geração em geração, pela mediação humana,

proclamando a Palavra de Deus. Palavra ouvida pela humanidade ao longo dos milênios. Palavra testemunhada pela vida de tantas pessoas que narram suas descobertas e certezas na lenta pesquisa, construindo o legado da Revelação de Deus. Deus se revela ao ser humano, o ser humano o percebe, o intui, priva de sua familiaridade e amizade e consigna por escrito para que possa ser partilhada a sua experiência pelas gerações futuras.

Na liturgia da Palavra, acolhemos a proclamação de um sábio no livro da Sabedoria, um salmista comunicando sua conquista, o evangelista Lucas apresentando uma parábola, revelando a incomensurável dimensão da missão confiada aos discípulos de estarem sempre à disposição de Jesus.

O sábio apresenta suas reflexões sobre os problemas que preocupam o ser humano: a morte, o sofrimento, a injustiça. Convida seus ouvintes e leitores a relembrar as situações testemunhadas à luz do plano divino.

Havia pessoas que se sentiam profundamente provocadas pela seriedade de outras pessoas, cuja coerência denunciava as suas más intenções ou seu ateísmo. Tais pessoas não respeitavam a ninguém, praticando a violência e desafiando aos que por eles foram feridos ou mortos, sobre o que valeu nestas circunstâncias, a prática do bem e da virtude? Foram vulneráveis, não puderam resistir, morreram à toa por ideias ou convicções. O sábio argumenta com a obra criadora de Deus: Deus criou o homem e a mulher para a imortalidade, porém a morte entrou sorrateiramente no mundo por inveja do diabo. O ser humano é imortal, porque foi criado à imagem da própria natureza divina. O diabo ciumento introduz a morte eterna, envolvendo nela os seus sequazes, os que aderem a ele e o seguem. O livro do Gênesis relata a intenção divina: “criou-os à sua imagem e semelhança” (Gên 1, 26-27), imortais eternamente. O ciúme apodera-se de Caim levando-o a matar o seu irmão, Abel (Gên 4, 5-8).

Então pergunta o sábio: “a vida dos justos, após a morte terrena onde está?”, respondendo em seguida: “nas mãos de Deus”! Mas morreram com muitos sofrimentos, pareciam castigados. Agora nenhum tormento os atingirá, participam da glória dos anjos de Deus. “Eles estão em paz! ”, na Paz de Deus. Viveram a esperança repleta de imortalidade, irradiaram como o ouro purificado com seus muitos quilates. O sábio anteriormente argumentava: “o pensamento é uma chispa do coração que palpita” (Sab 2,2). Agora, junto a Deus, “brilharão como centelhas no meio da palha seca” (Sab 3,7). Compreenderão a verdade junto a Ele! Elegeram a Deus, por Deus foram eleitos porque perseveraram no amor e o “amor permanece para sempre” (1Cor 13,8).

O salmista indaga? O que faço? Eu bendirei ao Senhor e o louvarei para que as pessoas simples ouçam o meu louvor e se alegrem em Deus salvador. E o que Deus faz diante do homem e da mulher? Seus olhos fixam os

justos, seus ouvidos ouvem seus chamados, sua face se volta contra os malvados para apagar sua lembrança da terra. O Senhor bondoso escuta, liberta de todas as angústias, aproxima-se do coração atribulado, conforta os espíritos abatidos. O salmista, tão empolgado, afirma: “contemplai a Deus e ficareis radiantes, vossa face não se envergonhará!” (Sl 34,6). Ele saboreia a salvação de Deus e a partilha com seus contemporâneos. Seu legado permanece para nossa ajuda e proteção.

Jesus, no Evangelho, apresenta uma pequena parábola para que os discípulos entendam a vocação que lhes é dada para a missão. Como um patrão que tem seus operários trabalhando a terra ou cuidando do rebanho, ao chegar em casa, é servido à mesa pelos seus auxiliares, assim os discípulos são encarregados de anunciar o Evangelho, cultivar a semente da Palavra de Deus, cuidar do povo do Senhor como um pastor cuida de seus rebanhos. Os discípulos perceberão a desproporção entre o seu serviço

prestado e a missão dada, a tarefa encomendada. A devoção não aceitará limites. É preciso fazer o máximo, realizar toda a tarefa encomendada e reconhecer que tudo é dom de Deus, é a graça de Deus que age –“fizemos tudo o que devíamos fazer”, “somos servos inúteis” (Lc 17,10) –, mas Deus espera a nossa mediação e cooperação no anúncio e testemunho do Evangelho.

Celebramos nesta capela, santuário de nosso campus universitário, referência para todos que por aqui transitam. Nela nos reunimos para comunicar nossos sentimentos a Deus, nas alegrias e nas tristezas, nas vitórias e nas derrotas. Por aqui passava o professor Maiuri, participando da Eucaristia e dos sacramentos. Professor Maiuri, diariamente, via este espaço sagrado, entran-

do ou passando em frente. Esta visibilidade do serviço a que se dedica este Centro Universitário nos lembra a referência de nossas vidas. Em Deus nós vivemos, nos movemos e existimos. Nossa vida tem sentido. Nossas atitudes têm referência. Nossa fragilidade se fortalece no Senhor, Ele é nossa força e salvação. Diante dele, a morte é a passagem para a comunhão eterna. Celebramos esta certeza e convicção confortando-nos uns aos outros com as palavras da Fé. O amor jamais passará, Deus é Amor, quem permanece no Amor, permanece em Deus e Deus nele. Deus concede a graça e a misericórdia aos seus eleitos. Que o professor Maiuri, pela sua insistência em fazer o bem, descance em paz no Senhor. Amém. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, SJ.

“Em Deus nós vivemos, nos movemos e existimos. Nossa vida tem sentido. Nossas atitudes têm referência. Nossa fragilidade se fortalece no Senhor, Ele é nossa força e salvação. Diante dele, a morte é a passagem para a comunhão eterna.”

O valor de uma marca está na sua essência

Prestes a celebrar 75 anos de compromisso com a educação, a FEI revisita sua alma mater fundacional, tão bem sintetizada nas palavras de seu fundador, Pe. Sabóia de Medeiros, quando dizia: “o que falta me atormenta”, em que há sete décadas, ao analisar os sinais dos tempos em que vivia percebeu a falta de tudo e, acuradamente, discerniu que a ação social que legaria seria contribuir para formar recursos humanos para a administração de negócios e, em seguida, engenheiros para o parque industrial que o país vislumbrava.

Mas sabia também que criar caminhos exige senso de orientação, progresso nas propostas, esperança no futuro e mudanças. Esse movimento, e as necessárias transformações vividas pelo Centro Universitário e as escolas que o antecederam vem ocorrendo desde a sua fun-

dação, não apenas na área acadêmica, mas também nos sistemas de gestão da Instituição, incluindo sua própria marca.

O Centro Universitário FEI prossegue com segurança para preencher condições para transformar-se em Universidade de pleno direito, momento em que apresentamos uma nova forma de expressão dos nossos valores, princípios e imagem, englobando as esferas institucionais e acadêmicas, através do lançamento de uma nova logomarca, construída a partir da contribuição coletiva de toda a comunidade FEI.

Após profundas análises, pesquisas e revisitações à nossa história, o novo logotipo passa a fazer parte do nosso cotidiano, simbolizando o avanço na construção do futuro próspero e promissor, na reflexão profunda dos nossos valores e missão, fortalecendo

cada vez mais a identidade que nos permeia, na qual está intrínseca sua tradição, excelência e rigor acadêmico, o acolhimento e a valorização humana, entre outros atributos que nos permitem ter a certeza de que estamos na direção correta, assumindo uma atitude em que não existem fronteiras para o conhecimento, a inovação, os avanços tecnológicos e a evolução da sociedade e do ser humano.

Nossas raízes profundas são cristãs, expressam que a missão de educar nasceu juntamente com a Companhia de Jesus, gestada na Universidade, continuamos firmes em nosso propósito, que é a busca pela excelência associada à formação humana.

Pe. Theodoro Peters, S.J.
*Presidente da FEI
Fundação Educacional Inaciana*

fortalecer



Toda renovação fortalece.

Fortalece o que já era bom
e fortalece nossos sonhos.
Nossos desejos de futuro.
Nossa vontade de ser melhor.

Nosso momento é de
fortalecer nossa história.
Marcada por pessoas que
fizeram e fazem a diferença.

Que nosso futuro se construa
ainda mais firme e forte.
Com uma nova marca.
Com um novo ritmo.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Valdecir Gonçalves
dos Reis
Seção Manutenção

O DEUS INOVADOR

Editorial da Revista Domínio FEI, ano VI, nº 22, Janeiro a Março de 2015.

A natureza é uma obra de arte, na qual as digitais divinas estão impressas. A diversidade espelha-se no firmamento celeste: constelações, estrelas, astros em movimento; na imensidão das águas: marítimas, fluviais, lacustres; na variedade da superfície terrestre em seu relevo: cordilheiras, montanhas, planícies, savanas e climas, pululando a vida em seus reinos: vegetal, animal, mineral. Propícias e excelentes condições para que brotasse a racionalidade, apanágio humano.

Os autores bíblicos apresentam o atelier divino, do qual sai a sua obra prima: o homem e a mulher, na qual está inscrita a

imagem do Criador, para que, semelhantes a Ele, possam cuidar da vida de toda a natureza. Nos salmos é cantada a criação: “como é grande o Nome de Deus em toda terra”... “a criança pequenina amamentando-se no seio materno”... “a lua e as estrelas cintilantes”¹. O ser humano se maravilha porque tudo está ao seu alcance, porque a inovação é ação divina inspirando a todas as pessoas. Deus é inovador! O salmista canta: “envia o teu Espírito Senhor, e renova a face da terra”². Revela-se tornando possível a acessibilidade a todos os bens.

O Espírito divino torna nova a face da terra. Está inscrito no ser de cada homem e mulher.

É próprio de Deus estimular a criatividade, torcer pela felicidade humana, destruir o mal e o pecado. Ele não tem rival. Inova, favorecendo a pessoa a vencer sobre tudo o que apequena, restrinja, limita, prenda o sujeito em si mesmo, impedindo-a de traçar suas próprias rotas. Ele inspira o modo de ser, ensinar, pesquisar, partilhar as ações comunitárias e sociais. Incentiva para a reflexão profundamente pessoal e a participação ativa em redes de estudo e pesquisa.

O Inovador, em sua fonte, deseja semear a inovação através do ser humano; o Renovador, com seu Espírito, alavancar as boas iniciativas. O ser humano questiona o infinito através do conhecimento, da curiosidade em busca de todas as respostas e soluções

1. Salmo 8.

2. Salmo 104,3.

para as questões que se apresentam, ou são suscitadas. Tudo é abarcado pelo seu interesse.

Partilhando estas convicções, a comunidade acadêmica do Centro Universitário FEI reafirma sua vocação inovadora desde a sua origem, ajudando a formação pessoal e profissional da juventude.

Juventude capaz de focar sinergicamente sua energia, talento e capacidade. Aptas para

aprofundar os argumentos, as teorias, os estudos, criando novos aplicativos laboratoriais. Atilada no discernimento dos valores irrenunciáveis, buscando o bem comum e extirpando o que faz mal. Inovadores nos estudos, pesquisas, laboratórios, projetos, protótipos e nas atitudes pessoais e profissionais, desenvolvendo as virtudes de atenção aos outros, consciência reta, cidadania clairividente, liderança perspicaz. Tornando-se facilitadores para

o caminho a ser traçado, a pesquisa a ser implantada, a patente de produtos que só a pessoa formando-se bem é capaz de criar.

Renovar a face da terra, transformar a sociedade, qualificar a vida é a autentica inovação, o projeto divino realizando-se pelas mãos e mentes humanas. Mão à obra no atelier da inovação. Mentes em busca das melhores opções. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, SJ.



ARTÍFICES E AUTORES

Saudação na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2015.

Acolhemos a todos no des-
cortinar de mais um período le-
tivo, já animado por uma “emer-
gência educativa” cada vez mais
complexa, que apela reiterada-
mente à nossa responsabilidade
de transmitir às novas gerações
valores e princípios que as quali-
fiquem para protagonizar ações
de equilíbrio e de sustentação
das relações humanas, num cla-

ro esforço de se (r)estabelecer o
“novo humanismo” proclamado
desde 1965 pelo Papa Paulo VI
por meio da Constituição Pas-
toral *Gaudium et spes* (*Alegria e Es-
perança*) ao discutir a atuação da
Igreja no mundo atual:

“Cresce cada vez mais o número dos homens e mulheres, de qualquer grupo ou nação, que têm consciência de serem os artífices e autores da cultura da própria comunidade. Aumenta também cada dia mais no mundo inteiro o sentido da autonomia e responsabilidade, o qual é de máxima importância para a maturidade espiritual e moral do

**“Cresce cada vez mais o nú-
mero dos homens e mulheres,
de qualquer grupo ou nação,
que têm consciência de serem
os artífices e autores da cultu-
ra da própria comunidade.”**



**Prof. Dr. Fábio
do Prado**

Reitor do Centro
Universitário FEI



genero humano. O que aparece ainda mais claramente, se tivermos diante dos olhos a unificação do mundo e o encargo que nos incumbe de construirmos, na verdade e na justiça, um mundo melhor. Somos assim testemunhas do nascer de um novo humanismo, no qual o homem se define antes de mais nada pela sua responsabilidade com relação aos seus irmãos e à história.” (GS, n.55)

Acolhemos a todos no avançar de um cenário de ensino superior em constantes transformações e que nos apresenta desafios emergentes, induzidos por pressões financeiras, por concorrências desleais, por novas demandas formativas do setor produtivo, por um corpo discente muito mais complexo, por excessivas expectativas com relação às novas tecnologias, a cursos mais flexíveis, às metodologias ativas de aprendizagem, ao uso massivo de plataformas de ensino *online*, e até, como se observa em pesquisas, ainda que numa visão imediatista, por um “desencantamento com as recompensas do diploma”. Cenário este que nos provoca, enquanto educadores

e agentes de transformação, a pensar nossas atitudes perante o futuro da educação e a pensar na agregação de inovações metodológicas como solução a estes desafios, sem perder o foco e a qualidade do processo.

Acolhemos a todos no descontinar das comemorações do 50º aniversário da Declaração *Gravissimum Educationis* (*Sobre a Educação Cristã*) e do 25º aniversário da Constituição *Ex Corde Ecclesiae* (*Do Coração da Igreja*), cuja releitura nos impõe a necessidade de revisão do exercício do professorado e, em particular, do magistério superior, à luz da proposta da Igreja para educação; nos motiva a desenhar novos e adequados percursos educativos para o futuro, que dialogue eficientemente com as novas culturas, de modo a se evitar o distanciamento da fé e dos valores cristãos das outras atividades da educação humana e da ciência. João Paulo II afirma:

“Ao promover a integração do conhecimento, a Universidade Católica deve empenhar-se, mais especificamente,

no diálogo entre fé e razão, de modo a poder ver-se mais profundamente como fé e razão se encontram na única verdade. Conservando embora cada disciplina acadêmica a sua integridade e os próprios métodos, este diálogo põe em evidência que a « investigação metódica em todo o campo do saber, se conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as leis morais, nunca pode encontrar-se em contraste objetivo com a fé. As coisas terrenas e as realidades da fé têm, com efeito, origem no mesmo Deus ». A interação vital dos dois níveis distintos de conhecimento da única verdade conduz a um amor maior pela mesma verdade e contribui para uma compreensão mais ampla do significado da vida humana e do fim da criação.” (EE, n.17)

Ainda em sua carta, João Paulo II convida os membros das universidades católicas a conscientizarem-se das implicações éticas e morais de suas pesquisas e favorecer o diálogo entre as várias disciplinas, a fim de evitar uma visão fechada e particularista, e favorecer a elaboração de uma visão sintética das coisas, sem por isso colocar

em discussão a integridade e as metodologias da própria disciplina. (*Instrumentum laboris “Educar Hoje e Amanhã” – Congregação para a Educação Superior, 2014*).

Acolhemos a todos no des-cortinar de uma época em que novas inteligências são exigidas dos estudantes e pelos estudantes, como forma de motivação e de superação. A sociedade demanda estudantes confiantes na sua capacidade, motivados em superar-se, comprometidos com sua formação, apaixonados por inovação, envolvidos em causas sociais, capazes de assumir riscos e vencer adversidades e, fundamentalmente, de sentirem-se parte da equipe, parte de um projeto maior.

Edward Deci e Richard Ryan, renomados professores de psicologia e educação da Universidade de Rochester, por suas teorias sobre motivação humana, identificam a “autonomia”, a “pertença/sociabilidade” (entendida aqui como o sentimento de estar conectado a outros, de fazer parte de uma comunidade)



e a “competência” (no sentido de ser capaz de realizar tarefas com as próprias mãos), como as três necessidades psicológicas fundamentais, que quando alcançadas, aumentam a motivação intrínseca dos jovens. (*Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behavior. Nova Iorque: Plenum, 1985*).

Ao meu ver, são estes os reais desafios quando olhamos para o futuro próximo da educação e da missão dos educadores. Não estamos aqui para ensi-

nar Administração, Ciência da Computação e Engenharia; nós estamos aqui para atuarmos como *tutores* (verdadeiros *couchers*, na linguagem atual de Liderança), e devemos ser reais inspiradores dos estudantes buscando extrair deles o máximo que eles são capazes de dar. Eles devem ser motivados à experimentação, ser convencidos a não ter medo de errar, a adquirirem a confiança necessária para se superarem e compartilharem a responsabilidade da aprendizagem.

O tema desta edição da Semana de Qualidade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão tem por objetivo, diante dos cinco cenários aqui descortinados, aprofundar a discussão sobre o papel da universidade que se pretende ser inovadora, sobre a eficiência das relações da universidade com todos os agentes sociais, sobre as novas funções do docente diante desse novo contexto cultural, sobre a qualidade da gestão dos processos de ensino e aprendizagem e sobre sua inserção no processo de inovação. Certamente as mudanças necessárias são complexas, cultural e emocionalmente desafiadoras, e impossíveis de serem executadas isoladamente e em ambiente de competitividade estéril; elas requerem intensa colaboração e coordenação. Pretende-se explorar o tema a partir de diferentes vozes e diferentes visões, por meio de diferentes percepções e diferentes experiências.

Nesta manhã, temos a grata satisfação de cumprimentar e acolher oficialmente o primeiro palestrante da semana, o Bispo

da diocese mineira de Teófilo Otoni, Dom Aloísio Vitral, que nos foi apresentado e muito bem recomendado pelo P. Peters, que teve o privilégio de encontrá-lo em assembleia dos Jesuítas em Itaici, ao qual transfiro a honra da apresentação.

“Não estamos aqui apenas para ensinar Administração, Ciéncia da Computação e Engenharia, nós estamos aqui para atuarmos como tutores (verdadeiros couchers, na linguagem atual de Liderança), e devemos ser reais inspiradores dos estudantes buscando extraír deles o máximo que eles são capazes de dar.”

Dom Aloísio se propõe discursar sobre o tema *Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova*, inspirando-se na iniciativa da Congregação para a Educação Católica do Vaticano de prepa-

rar os aniversários das Constituições *Gravissimum Educationis* e *Ex Corde Ecclesiae* e relançar o empenho da Igreja no campo da educação. É claro que a proposta de diálogo não se prende ao documento em si, mas traz à mesa a vasta experiência de Dom Aloísio ao longo de seu Magistério, de sua trajetória episcopal, de sua formação em sociologia, comunicação, direito e pastoral familiar, sua experiência a frente do Seminário de Belo Horizonte, a vivência na PUC-Minas ao lado Dom Valmor Oliveira de Azevedo, seu Grão-chanceler e arcebispo de Belo Horizonte, bem como sua atuação em diferentes instâncias da CNBB.

Dom Aloísio: sinta-se em sua casa e que suas palavras tragam boas inspirações à nossa comunidade.

A todos presentes, um ano mais que bom, um semestre intenso de boa convivência e de pertença à comunidade FEIANA, e uma excelente semana de debates e de planejamento. □

Uma nova marca para um novo tempo

Em um cenário de constantes transformações e de novas demandas sociais e tecnológicas, o ato de fomentar, o ato de empreender e o ato de inventar devem dar o tom a um novo rumo institucional com vistas ao desenvolvimento de uma cultura de inovação, na qual se encoraja o espírito vibrante da criatividade e da imaginação, do engajamento na comunidade, da atenção às oportunidades e da interação com todas as instâncias sociais que tangenciam a Instituição.

Ao falar dos novos tempos e de novos rumos, pensamos imediatamente em mudanças, muitas vezes complexas e disruptivas, no sentido de evoluir e de fazer ainda melhor. No entanto, é também momento de festejar uma história exitosa e fortalecer os valores institucionais, por meio

de uma recombinação inteligente de nossas potencialidades.

Vivemos um momento de reconstrução de nossa marca. O novo logotipo da FEI deve inspirar mudanças e recontar histórias. Deve proporcionar a devida visibilidade de todo o conhecimento gerado em nossa instituição. Deve comunicar com precisão que há mais de setenta anos a FEI investe na arte de educar e de edificar conhecimento.

Para chegar ao logotipo foram realizados inúmeros estudos que obtiveram como principal resultado o direcionamento estratégico da marca FEI e a revisão de sua identidade visual. O processo incluiu pesquisas com estudantes, docentes, funcionários, antigos alunos, além de profissionais do mercado e especialistas em Recursos Humanos, que destaca-

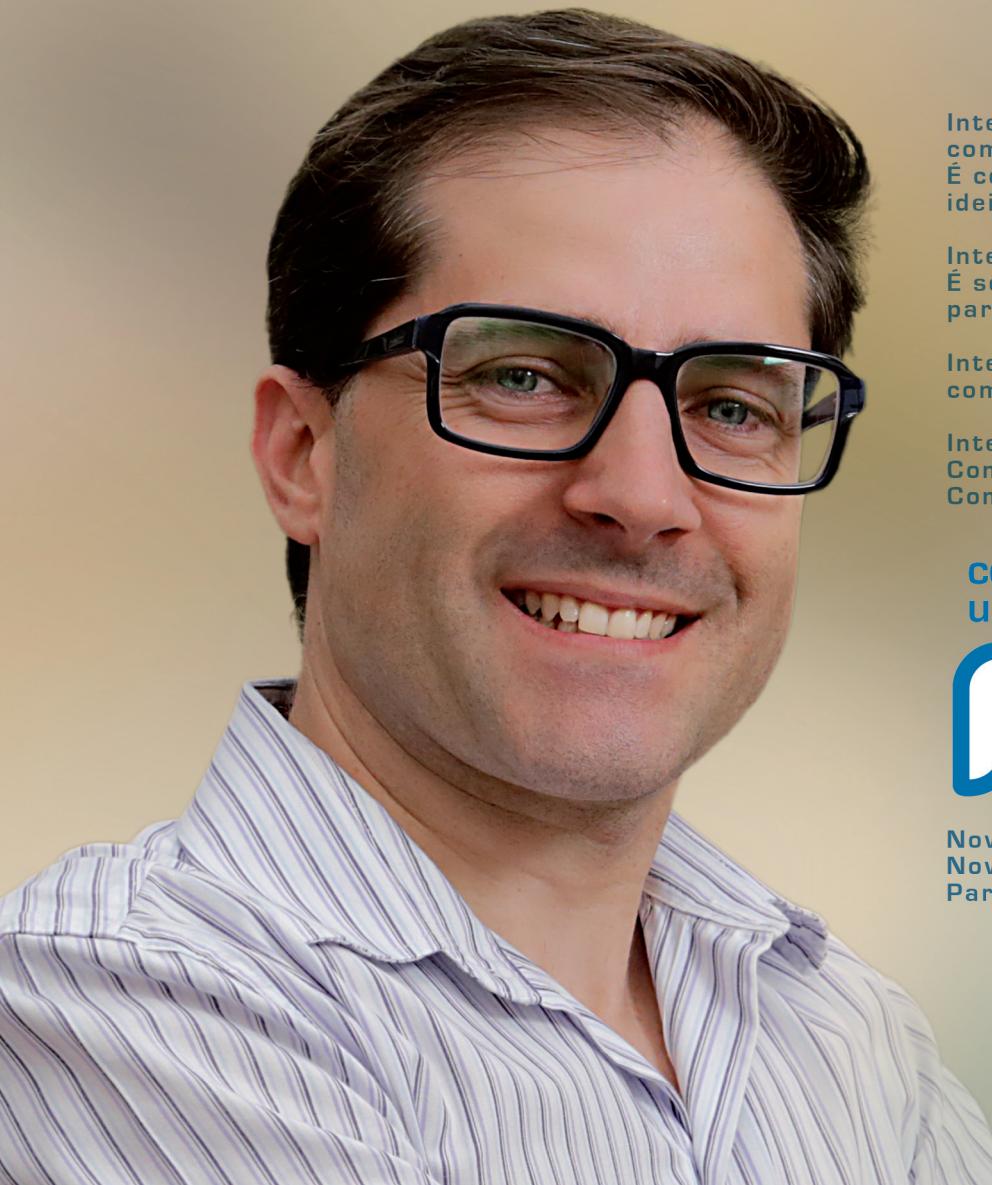
caram a tradição, a formação prática, o sucesso no mercado de trabalho, o DNA tecnológico e os valores humanísticos.

A FEI pretende com a nova marca expressar de forma clara o seu prestígio e sua credibilidade, impulsionando novas formas de relacionamento e de cooperação. A solução gráfica dá o devido peso para o nome FEI, a exemplo das marcas usadas por grandes instituições ao redor do mundo e agrega força, modernidade, movimento e inovação.

Com emoção e em permanente fraternidade, compartilho com vocês, nossos colaboradores, a nossa nova MARCA, dando suporte ao novo ritmo de um futuro que se constrói no presente!

Prof. Dr. Fábio do Prado
Reitor do Centro Universitário FEI

interagir



Interagir é se envolver
com o outro.
É compartilhar emoções,
ideias e experiências.

Interagir é ser disponível.
É se colocar à serviço
para construir o novo.

Interagir é se conectar
com a história e com o futuro.

Interagir é se renovar.
Com um novo ritmo.
Com uma nova marca.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Fabricio Dias
Coordenadoria Geral de Informática

OS DESAFIOS DE NOVAS SOLUÇÕES

Acolhida na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em julho de 2015.

Acolho-os com alegria, ao abrir as atividades desta edição da Semana de Qualidade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, trazendo a este consolidado palco de debates a reflexão sobre um dos importantes pilares do processo de ensino e aprendizagem, a *avaliação de desempenho discente*.

A *avaliação*, aqui colocada, não deve ser compreendida como um fim em si mesma, mas como parte essencial do processo educativo como um todo, complementar e articulada à pedagogia, à estrutura curricular e à própria metodologia. Deve se pautar em padrões de referência, que favoreçam o engajamento discente, a motivação à aprendizagem e a busca da superação.

Essa concepção pedagógica reitera nossa permanente preocupação em fortalecer a visão de uma educação pautada na diversidade de alunos, conscientes de seus diferentes estágios de formação e de suas diferentes habilidades de absorção de conteúdos. Essa concepção atual e eficiente de avaliação se afasta do modelo mecânico e padronizado, fortemente demandado a partir da Revolução Industrial, e se reverte numa proposta que contemple questões abertas a diferentes abordagens, não se limitando à situação, muitas vezes cômoda, de se medir o potencial do aluno simplesmente pelo número de acertos e de erros em questões fechadas. Falamos de uma proposta avaliativa que contemple uma visão mais ampla e sistêmica que

permeie todo o processo de ensino e aprendizagem.

A problemática trazida à discussão é bastante complexa e exige a disposição de todos os docentes em buscar formas de valorizar mais atitudes e comportamentos, e consequentemente de criar um ambiente saudável de aprendizagem ativa também por meio de uma análise crítica do insucesso, ao invés de reduzir a avaliação a medidas isoladas e pontuais, sem oferecer oportunidade de revisão de rumos, e num tempo adequado ao longo do processo.

O desafio é grande quando pensamos num contexto de educação em massa, mas é extremamente compensador, quando refletimos os seus possíveis

benefícios e avanços justamente para essa problemática. Este é o propósito dessa semana de debates: olharmos o futuro sob novas perspectivas, sair da condição de conforto e buscar novas soluções, algumas vezes, a velhos e conhecidos problemas, ainda não enfrentados com a devida ousadia.

Nossa missão enquanto educadores é perseguir continuamente novas formas de diálogo com os estudantes, de modo a torná-lo sempre mais eficiente e adequado aos novos tempos e ao novo perfil dos jovens, sem desqualificar a exigência da qualidade, da disciplina, do valor da dificuldade e do esforço, e a importância de assumir responsabilidades. Não confundir *motivação* com *facilitação*.

Queremos gerar um ambiente de integração favorável à motivação, à criatividade e à reflexão crítica, competências estas fundamentais para a desejada *autonomia* de nossos discentes. Não se conquista a autonomia sem a expectativa de se assumir riscos e, consequentemente, sem

a expectativa de erros. O sucesso dessa dialética pedagógica pressupõe o erro como elemento natural à formação do conhecimento, e não, necessariamente, elemento passível de punição.

Não propomos uma revolução pedagógica imediata; temos ciência dos êxitos do modelo vigente e dos limites de nossa condição operacional, que demanda uma mudança cultural e estrutural de base do sistema educacional nacional, mas sinalizamos com a necessidade de dar passos seguros no sentido de assumir o protagonismo da discussão do tema e do processo de transição, por meio de ações concretas e inspiradoras. Daí o valor de tornar públicas as práticas inovadoras e exitosas de nosso time de docentes, muitas vezes escondidas por uma agenda formal e intensa, necessária, mas que abafa a criatividade e inibe a iniciativa da mudança.

O espaço às iniciativas internas tem se tornado, como demonstraram as últimas edições, um momento riquíssimo de “lançamento” de novas ideias:



refiro-me aqui a uma discussão livre do tema, e de aprofundamento de conceitos, fundamentando decisões futuras nas diversas esferas acadêmicas e regulamentações administrativas.

Curiosamente, revisitamos continuamente a história ao debatermos uma vez mais as duas questões centrais da Pedagogia Inaciana, que constantemente nos *atormenta*, usando a máxima de nosso fundador, mas que continua a nos inspirar: a *Cura Personalis*, que transfere o foco do processo às experiências dos alunos, e a *Pedagogia de Ação*, pautada em projetos contextualizados à realidade social no qual o ambiente universitário se insere.

Nesse sentido, como mostram a experiência e diversos trabalhos científicos na área da educação, reiteramos, como motivação à discussão por vir, os três pilares nos quais o processo avaliativo deve estar fundamentado:

1. Deve ser fonte de informações precisas e em tempo adequado, que permita que os estudantes reconheçam seus acer-

tos e seus erros, e que possam, por meio de comparações com os outros estudantes julgados por critérios similares, ser capazes de avaliar seu progresso e seu potencial.

2. Deve estabelecer indicadores quantitativos que demonstram um padrão esperado de

3. Deve ser elemento motivador e de indução para que os alunos busquem dar o melhor de si ao longo do processo. A partir de uma *realimentação* construtiva, o estudante deve ser capaz de corrigir rumos e de evoluir, fortalecendo continuamente a confiança em sua capacidade de progressão.

Reflitamos atentamente sobre estes pontos...

Este é o propósito dessa semana de debates: olharmos o futuro sob novas perspectivas, sair da condição de conforto e buscar novas soluções, algumas vezes, a velhos e conhecidos problemas, ainda não enfrentados com a devida ousadia.

qualidade e que sirvam de referência indutora para evolução dos alunos. Os padrões devem servir como guia para um caminho de recuperação e de progresso, e não simplesmente servir para a elaboração de *ranking* que potencialize as deficiências.

Sobre a programação da Semana, temos a grata satisfação de acolher nesta manhã a Profa. Cristina Zukowsky Tavares, que possui vasta experiência no tema da avaliação educacional e que deverá trazer bons referenciais para toda esta problemática que ousamos tangenciar nesta introdução.

Ainda nesta tarde, discutiremos os novos sistemas de apoio ao ensino – particularmente o Sistema de Gestão de Planos de Disciplinas e o novo Sistema de notas, desenvolvido pela Vice-Reitoria de Ensino e Pesquisa, com apoio da Coordenação de Informática, que beneficiam a

PALAVRAS DO REITOR

operação e gestão desses importantes recursos pedagógicos.

À luz das contribuições da Profa. Cristina e das discussões do dia de hoje, amanhã (30) serão apresentadas, como já citado, as experiências exitosas de nossos docentes; estudos de casos que deverão permitir uma análise prática dos conceitos aqui abordados, bem como nuclear propostas de novas ações metodológicas e avaliativas.

Na sexta-feira (31), ao festejar o fundador da Companhia de Jesus, Santo Inácio de Loyola, temos a satisfação de contar com a presença do Arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer, acompanhado de outras autoridades eclesiásticas. Dentre elas, destaco a presença do novo bispo da Diocese de Santo André, Dom Pedro Carlos Cipolini, empossado no último domingo.

Dom Odilo nos brindará, alinhado ao tema da semana, com uma “avaliação” dos 25 anos de edição da Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae – Do coração da Igreja* que estabelece os princípios

das universidades católicas, inserindo-as “no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade enquanto instituição e fonte incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade” (*EE n.1*), conforme nos propõe a própria carta em sua introdução.

A todos, um novo semestre de paz, de boa convivência e de pertença a um projeto institucional que se pretende cada vez mais ousado e mais inovador. Que as conclusões dessa semana sejam enriquecedoras e motivadoras às transformações acadêmicas e pedagógicas necessárias para o êxito de nossa missão.

Encerro, citando Michelangelo: “*O maior perigo não é que o nosso objetivo seja tão elevado a ponto de não o alcançarmos... mas sim que este seja baixo e que o alcancemos*”.

Convidado, portanto, toda comunidade a rever nossas expectativas e revisitar nossos objetivos pedagógicos, e que estes sejam elevados e nobres. □

Prof. Dr. Fábio do Prado



O SÍNODO PARA O PAPA

Trechos do pronunciamento do Papa Francisco na conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, Roma, 24 de outubro de 2015.

Enquanto acompanhava os trabalhos do Sínodo, pus-me esta pergunta: que significa, para a Igreja, o encerramento deste Sínodo dedicado à família?

Certamente não significa que esgotamos todos os temas sobre a família, mas que procuramos iluminá-los com a luz do Evangelho, da tradição e da história bimilenária da Igreja, infundindo neles a alegria da esperança, sem cair na fácil repetição do que não se discute ou do qual já se falou.

Seguramente não significa que encontramos soluções definitivas para todas as dificuldades e dúvidas que desafiam e ameaçam a família, mas que as colocamos sob a luz da Fé,

examinando-as cuidadosamente, abordando-as sem medo e sem esconder a cabeça na areia.

Significa que pedimos que todos compreendam a importância da instituição da família e do matrimônio entre homem e mulher, fundado sobre a unidade e indissolubilidade, e a apreciá-la como base fundamental da sociedade e da vida humana.

Significa que escutamos e fizemos escutar as vozes das famílias e dos pastores da Igreja que vieram a Roma carregando sobre os ombros os fardos e as esperanças, as riquezas e os



Papa Francisco, S.J.

Certamente não significa que esgotamos todos os temas sobre a família, mas que procuramos iluminá-los com a luz do Evangelho, da tradição e da história bimilenária da Igreja.



desafios das famílias do mundo inteiro.

Significa que demos provas da vitalidade da Igreja Católica, que não tem medo de abalar as consciências anestesiadas ou sujar as mãos discutindo, animada e francamente, sobre a família.

Significa que procuramos olhar e ler a realidade, melhor ainda, as realidades de hoje com os olhos de Deus para acender e iluminar com a chama da fé os corações, num período histórico de desânimo e de crise social, económica, moral e de predomínio da negatividade.

Significa que testemunhamos a todos que o Evangelho continua a ser, para a Igreja, a fonte viva de novidade eterna, contra aqueles que querem «doutriná-lo» como pedras mortas para as jogar contra os outros.

Significa também que desmontamos os corações bloqueados que frequentemente se escondem até por detrás dos ensinamentos da Igreja ou das boas intenções para se sentar na catedra

de Moisés e, às vezes, julgar com superioridade e superficialidade os casos difíceis e as famílias feridas.

Significa que afirmamos que a Igreja é Igreja dos pobres em espírito e dos pecadores à procura do perdão e não apenas dos justos e dos santos, ou melhor, dos justos e dos santos quando se

A experiência do Sínodo fez-nos também compreender melhor que os verdadeiros defensores da doutrina não são os que defendem a letra, mas o espírito; não as ideias, mas o homem; não as fórmulas, mas a gratuidade do amor de Deus e do seu perdão.

sentem pobres e pecadores.

Significa que procuramos abrir os horizontes para superar toda a hermenêutica conspiradora ou perspectiva fechada para defender e difundir a liberdade

dos filhos de Deus, para transmitir a beleza da Novidade cristã, por vezes coberta pela ferrugem de uma linguagem arcaica ou simplesmente incompreensível.

[...] A experiência do Sínodo fez-nos também compreender melhor que os verdadeiros defensores da doutrina não são os que defendem a letra, mas o espírito; não as ideias, mas o homem; não as fórmulas, mas a gratuidade do amor de Deus e do seu perdão.

Isto não significa de forma alguma diminuir a importância das fórmulas, das leis e dos mandamentos divinos, mas exaltar a grandeza do verdadeiro Deus que não nos trata segundo os nossos méritos nem segundo as nossas obras, mas unicamente pela generosidade sem limites da sua Misericórdia (Rm 3, 21-30; Sal 129/130; Lc 11, 37-54).

Significa vencer as tentações do irmão mais velho (cf. Lc 15, 25-32) e dos trabalhadores invejosos (Mt 20, 1-16). Significa valorizar mais as leis e os man-

damentos criados para o homem e não o contrário (Mc 2, 27).

Neste sentido, o necessário arrependimento, as obras e os esforços humanos ganham um sentido mais profundo, não como preço da Salvação – que não se pode adquirir – realizada por Cristo gratuitamente na Cruz, mas como resposta Àquele que nos amou primeiro e salvou com o preço do seu sangue inocente, quando ainda éramos pecadores (Rm 5, 6).

O primeiro dever da Igreja não é aplicar condenações ou anátemas, mas proclamar a misericórdia de Deus, chamar à conversão e conduzir todos os homens à salvação do Senhor (cf. Jo 12, 44-50).

Do Beato Paulo VI temos estas palavras estupendas: «Por conseguinte podemos pensar que cada um dos nossos pecados ou fugas de Deus acende n'Ele uma chama de amor mais intenso, um desejo de nos reaver e inserir de novo no seu plano de salvação (...). Deus, em Cris-



Participaram do Sínodo dos Bispos sobre a Família 14 brasileiros.

to, revela-Se infinitamente bom (...). Deus é bom. E não apenas em Si mesmo; Deus – dizemo-lo chorando – é bom para nós. Ele nos ama, procura, pensa, conhece, inspira e espera... Ele – se tal se pode dizer – será feliz no dia em que regressarmos e Lhe dissermos: Senhor, na vossa bondade, perdoai-me. Vemos, assim, o nosso arrependimento tornar-se a alegria de Deus».

Sob esta luz e neste tempo de graça em que a Igreja viveu dialogando e discutindo sobre a família, sentimo-nos enriquecidos mutuamente.

Muitos de nós experimentaram a ação do Espírito Santo, o verdadeiro protagonista e artífice do Sínodo.

Para todos nós, a palavra «família» já não soa como antes porque encontramos nela o resumo da sua vocação e o significado da caminhada feita pelo Sínodo.

Na verdade, para a Igreja, encerrar o Sínodo, significa voltar a «caminhar juntos» para levar ao mundo, a cada diocese, a cada comunidade e a cada situação a luz do Evangelho, o abraço da Igreja e o apoio da misericórdia Deus! □

inspirar



A inspiração alimenta os artistas e os cientistas. Alimenta os inovadores e alimenta quem tem fé.

A inspiração tira o mundo da rotina. Motiva. Anima. Faz a diferença.

A inspiração faz nosso desejo ser contínuo. Faz a gente ir mais longe.

Hoje... e sempre.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Pe. Manuel Madruga
Samaniego
Assistente Religioso

“GRAVISSIMUM EDUCATIONIS”: A PRESENÇA DA IGREJA NA UNIVERSIDADE, 50 ANOS APÓS O CONCÍLIO

Palestra proferida na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em julho de 2015.

Agradeço as palavras do Padre Peters; obrigado pela saudação, pela apresentação, e todos esses encargos agora relacionados pelo Reitor, o que me deixa até com medo porque criou uma expectativa muito grande; mas eu vou tentar desincumbir-me da missão que me foi pedida com simplicidade e com objetividade. Mas antes disso, eu gostaria de acrescentar que me sinto bastante à vontade em casa jesuítica, porque eu fui batizado por um padre jesuíta; a paróquia onde eu nasci, onde morava minha família, era de padres jesuítas – em Cerro Largo, na região

de Santo Ângelo – que está exatamente no coração da Região Missionária das Reduções, lá no Rio Grande do Sul.

Os primeiros anos de minha vida foram todos marcados pelos jesuítas, depois minha família se transferiu para o Paraná, e aí naturalmente foram outras as influências. Mas quando voltei a estudar, depois de padre, me reencontrei com Jesuítas. Fiquei aluno da Gregoriana en-

“**No Concílio Vaticano II afirmou-se com todas as letras a importância da presença e da atuação da Igreja no mundo da educação.**”



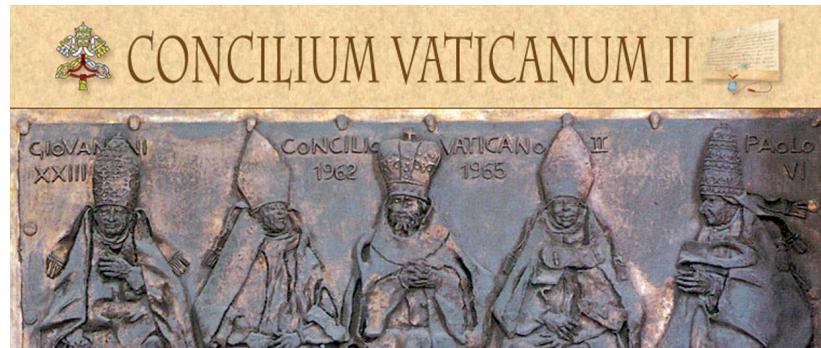
**Dom Odilo
Pedro Scherer**
Cardeal Arcebispo de
São Paulo, SP



quanto fazia meus estudos de teologia e, depois, de filosofia. Então, naturalmente, tive muitas oportunidades para continuar a desenvolver a semente jesuítica recebida desde o batismo, e hoje com um papa jesuíta, querendo ou não querendo, a gente está rodeado de jesuítas. (Risos)

Mas é uma boa companhia, uma ótima companhia sem dúvida, e eu agradeço mais uma vez ao Padre Peters, Senhor Reitor, o convite para estar aqui, para este momento de reflexão; quero partilhar, e não pretendo ser longo, para depois deixar algum tempo, se assim houver o desejo, para um diálogo com os participantes.

Fico honrado de estar com um público tão distinto como são professores e pesquisadores da FEI. Naturalmente o seu mundo de trabalho, que é o mundo da tecnologia, das ciências exatas, não foi o meu mundo de estudos. Mas não estou a falar a vocês a este título e por isso o que lhes quero propor também não está exatamente nesse olhar da reali-



dade a partir das ciências exatas e da tecnologia, mas a partir da missão das instituições de educação superior da Igreja Católica, como é a FEI.

Estamos em dois momentos comemorativos: os cinquenta anos de conclusão do Concílio Vaticano II e, neste ano, também os cinquenta anos do documento sobre a educação, elaborado no Concílio Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, sobre o papel educador das instituições de educação da Igreja. A *Gravissimum Educationis* foi emitida no apagar das luzes do Concílio Vaticano II, em outubro de 1965, e o concílio foi concluído em dezembro de 65. E estamos a vinte e cinco anos

do outro documento, que já é do Papa São João Paulo II - *Ex Corde Ecclesiae* (“do coração da Igreja brota a universidade...”).

O Concílio e a Educação

A Igreja, através do Concílio, dos padres conciliares e dos bispos do mundo inteiro reunidos com o Papa, refletiu sobre os vários aspectos da vida e da missão da Igreja durante quatro anos e traduziu tudo isso em constituições, decretos os vários tipos de documentos, reflexões e conclusões do Concílio relativas aos diversos campos da missão da Igreja. O campo da educação entra também como um dos aspectos da vida e da missão da Igreja.

Hoje para nós isso poderá parecer estranho, porque quem toma conta da educação em geral é o Estado, pois essa é das suas atribuições; mas no passado não foi sempre assim. A educação no passado foi muito mais assumida pela Igreja do que pelo Estado, e as próprias universidades nasceram, como diz o título do documento “*Ex Corde Ecclesiae*” – “do coração da Igreja, da sua missão e da sua ação”; de resto, os vários momentos, graus e modelos de educação, geralmente, foram mais assumidos pela Igreja que pelo próprio Estado.

Porém, o Concílio, justamente, continua a olhar a educação como um campo privilegiado do trabalho da Igreja e da missão; não se trata simplesmente de uma missão supletiva e subsidiária, que cabe a outros; e, se a Igreja o faz, é porque outros não fazem. Ao contrário, o Concílio coloca, justamente, a educação nos seus vários graus, inclusive superior, como parte da missão da Igreja. Mesmo que outros o façam, como o Estado deve fazer, a Igreja deve

continuar a fazê-lo porque é campo de exercício da sua missão.

No Concílio Vaticano II afirmou-se com todas as letras a importância da presença e da atuação da Igreja no mundo da educação. Infelizmente, no decorrer dos cinquenta anos sucessivos, a presença da Igreja

“o Concílio coloca, justamente, a educação nos seus vários graus, inclusive superior, como parte da missão da Igreja. Mesmo que outros o façam, como o Estado deve fazer, a Igreja deve continuar a fazê-lo porque é campo de exercício da sua missão.”

no mundo da educação formal diminuiu enormemente, porque aqueles que podiam, e que normalmente faziam o trabalho de educação, as Ordens e Congregações religiosas, foram perdendo a capacidade de assumir

a educação em primeira pessoa. Antigamente eram muito mais numerosos os colégios, escolas dos vários graus, das religiosas, dos religiosos, de organizações ligadas à Igreja; hoje são muito menos em número.

Porém, nem por isso a Igreja renuncia à sua competência, sua presença e sua missão dentro do mundo da educação; ela o reafirma. Eu sou também membro da Congregação para a Educação Católica, que se ocupa justamente do acompanhamento do trabalho em educação feito pela Igreja, por organizações da Igreja, escolas, faculdades, instituições, universidades da Igreja. E agora em novembro haverá um congresso em Roma, reunindo representantes de todos os níveis de educação católica para discutir de novo a educação católica nas perspectivas atuais.

Dois documentos

Há vinte e cinco anos, mais exatamente em quinze de agosto de 1990, foi publicada a cons-

tuição apostólica de São João Paulo II *Ex Corde Ecclesiae* sobre as universidades católicas. Quando foi publicada, ela talvez não recebeu toda a atenção. Hoje, porém, ela vai sendo estudada mais e mais, e suas orientações são recebidas talvez melhor que há vinte e cinco anos. Elas são preciosas, sobretudo porque a educação católica também é afetada por um conjunto de crises que afetam o mundo da educação; as orientações da Igreja são hoje sentidas como mais necessárias e apreciadas, talvez mais que quando foi lançado este documento.

O documento foi dirigido especialmente aos responsáveis pelas universidades católicas e as respectivas comunidades acadêmicas; a todos aqueles que por elas se interessam – particularmente os Bispos, Congregações religiosas, instituições eclesiás e também os numerosos leigos empenhados na grande missão do ensino superior. Mas a constituição *Ex Corde Ecclesiae* dirige-se também às instituições católicas

de estudos superiores que têm características e finalidades semelhantes às da universidade católica e oferecem grande contributo à missão da Igreja nesse campo.

O Papa se dirige também a toda Igreja, convencido de que as universidades católicas são necessárias ao desenvolvimento da cultura cristã e do progresso humano. As instituições da Igreja têm a finalidade de contribuir cada uma a seu modo para a vida e a missão da Igreja; também a universidade católica e as instituições a ela assemelhada, são importantes para o progresso humano e, por isso, a contribuição delas para o verdadeiro desenvolvimento humano e social não deve faltar à sociedade. Pede o Papa que a comunidade eclesial dê seu apoio a estas instituições católicas, sobretudo, defendendo e tutelando seus direitos e sua liberdade na sociedade civil.

Atualmente, aqui no Brasil, a liberdade das instituições católicas e de outras congêneres de exercerem a sua missão vai sendo cada vez mais sufocada; para muitas,

já se torna difícil manter-se e continuar o seu trabalho, e muitas já estão encerrando suas atividades. Isso não acontece só no Brasil: é alarmante como também na Europa, América do Norte e em outras partes do mundo estão sendo vendidas escolas, colégios e até faculdades e universidades ligadas à Igreja. Nossa país não é mais totalmente católico, mas ainda é um país cristão, em grande parte; mas as instituições de educação vão sofrendo um sufocamento cada vez maior.

Estamos a 50 anos do Decreto *Gravissimum Educationis*, do Concílio Vaticano II, e a 25 anos da constituição *Ex Corde Ecclesiae*, do Papa S. João Paulo II. A universidade católica está hoje procurando se adequar às novas realidades do Brasil e do mundo em constante transformação. O processo de veloz globalização e as transformações sociais, econômicas e culturais do nosso tempo trazem novas demandas para o mundo universitário, e requerem posturas novas, nas quais é preciso conjugar a indis-

pensável qualidade acadêmica, a necessária expansão e a oferta de uma proposta pedagógica diferenciada, que manifestem a natureza e a identidade própria da universidade católica, sem descuidar a sua sustentabilidade administrativa, que sempre é bastante delicada.

A Igreja e a Universidade

A universidade católica no entender da Igreja é uma comunidade acadêmica que contribui de modo rigoroso e crítico para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a investigação, o ensino e diversos serviços prestados à comunidade. Para tanto, ela goza daquela autonomia institucional que é necessária para cumprir eficazmente suas funções e garantir aos seus membros a liberdade acadêmica na salvaguarda dos direitos do indivíduo e da comunidade no âmbito das exigências da verdade e do bem comum. Assim o concílio da *Gravissimum Educationis* – parágrafo décimo



A Universidade Gregoriana foi fundada por Gregório XIII, em 1584. É sucessora do Colégio Romano criado por Santo Inácio em 1551. (Fotografada em outubro de 2006, Wilson Delgado).

– e também *Ex Corde Ecclesiae* repete isso no parágrafo doze. A existência de uma universidade católica tem como objetivos assegurar de forma institucional a presença cristã no mundo universitário, na sociedade e na dinâmica da cultura, da ciência, além de viabilizar e articular a reflexão constante à luz da fé católica e na fidelidade das suas próprias investigações.

É missão da universidade católica servir ao povo de Deus e a família humana na realização do objetivo transcendente da sua existência (*Ex Corde Ecclesiae* § 13). Ainda recordando palavras do mesmo Papa João Paulo II, as universidades católicas são integradas pelos ideais, atitudes e princípios católicos, que também modelam as atividades universitárias de acordo com a na-

tureza e autonomia próprias de tais atividades.

Os estudiosos examinam a fundo a realidade e os métodos próprios de cada disciplina acadêmica. São a eles garantidos e contribuem para o enriquecimento do tesouro dos conhecimentos humanos. As universidades católicas caracterizam-se, pois, como organismos vivos dedicados à investigação da verdade e também para a promoção do necessário diálogo entre fé e razão, ambas voltadas para única e originária verdade (cf *Ex Corde Ecclesiae*, 16-17). A fé e razão são as duas asas com as quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade – como o Papa João Paulo II escreve na encíclica *Fides et Ratio* – encíclica muito importante sobre a questão do diálogo entre fé e razão.

As coisas terrenas e as realidades da fé têm, com efeito, a mesma origem suprema, que é o próprio Deus. A integração vital desses níveis do conhecimento da única verdade conduz a um apreço sempre maior pela pró-

pria verdade e contribui para uma compreensão mais ampla do significado da vida humana e da existência neste mundo. Por isso, recorda ainda o Papa João Paulo II, dado que o saber deve servir à pessoa humana, a investigação numa universidade católica sempre se faz com a preocupação das implicações éticas e morais, quer nos métodos quer nas descobertas. Essa preocupação é tanto mais necessária no campo da investigação científica e tecnológica, onde o primado da pessoa sobre as coisas e de Deus sobre o homem, deve ser sempre salvaguardado (§ 18).

A Igreja tem grande apreço pela educação de modo geral, pois a vê como parte de sua missão evangelizadora. Por outro lado, tem grande apreço pelas universidades que são espaços de diálogo. Como as culturas, as universidades católicas devem, portanto, consagrarse sem reserva a serem esse espaço de diálogo com as culturas e do diálogo entre fé e razão, sempre onde deve estar triunfando a causa da verdade.

Assim fazendo, essas instituições estarão servindo à dignidade da pessoa humana e participando da missão da Igreja.

Consagrarse, portanto, sem reservas à causa da verdade é uma honra e uma grande responsabilidade para a universidade católica. Essa é à sua maneira de servir e ao mesmo tempo, a dignidade humana e a missão da Igreja, que também está a serviço da verdade e do bem da humanidade, sem nenhum desprezo pela aquisição de conhecimentos úteis (§ 4).

O que faz a universidade ser católica

A universidade católica distingue-se por sua livre investigação de toda a verdade sobre a natureza, o homem e Deus, e nossa época tem necessidade urgente dessa forma de serviço abnegado, que é proclamar o sentido da verdade, valor fundamental sem o qual se extinguem a liberdade, a justiça e a dignidade humana (§ 4).

Estamos num centro de estu-

dos tecnológicos, e naturalmente, tem toda a sua razão de existir; porém, a Igreja dá grande valor aos centros de estudos humanísticos, porque ali deve justamente sempre voltar a aparecer a questão da dignidade humana, da pessoa humana, a dimensão ética da vida, da antropologia, a existência humana e por outro lado a relação ética do homem com a realidade que o cerca; mas a Igreja também quer estar presente no mundo da tecnologia e da pesquisa científica, porque esse mundo igualmente deve estar impregnado dos mesmos valores e, sobretudo, com a visão ética que se relaciona sempre da dimensão humana da ciência, do agir científico e do agir tecnológico.

A Igreja tem a convicção de que o amor à verdade e o empenho corajoso em todos os caminhos do saber orientam finalmente na direção daquele que é o próprio caminho, a verdade, a vida, e são acompanhados por aquele que é o espírito de inteligência, que concede à pessoa humana a sabedoria verdadeira

sem a qual o bem da sociedade e o futuro do mundo estariam comprometidos.

Quando se olha o mundo apenas sob o ponto de vista do útil ou do factível, esquecendo outros aspectos ou arriscando justamente de comprometer também aquilo

“A Igreja tem grande apreço pela educação de modo geral, pois a vê como parte de sua missão evangelizadora. Por outro lado, tem grande apreço pelas universidades que são espaços de diálogo.”

que nós estamos olhando como útil – o Papa Francisco aborda essa questão na encíclica *Laudato si, sobre o cuidado da casa comum*, quando ele fala da necessária conversão do modelo tecnocrático da economia e da política, que orienta atualmente o mundo; a economia e a política estão muito voltadas para o útil, mais do que

para aquilo que é propriamente necessário ou humano, ou conforme à dignidade humana.

Na quinta Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, realizada em maio de 2007, em Aparecida, os participantes, vindos de todos os países do Continente Americano examinaram e avaliaram a situação da Igreja e da vida dos povos nesses países sob vários aspectos; depois definiram diretrizes para o trabalho da Igreja e de todas as suas organizações e instituições no meio desses povos. A atuação das universidades católicas e das outras instituições educacionais da Igreja, sua contribuição para a vida dos nossos povos foi avaliada como muito importante. Ao mesmo tempo, a Conferência de Aparecida entendeu ser urgente uma atenção renovada das universidades católicas para os fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do nosso tempo, dos nossos povos do Continente Americano.

A globalização resultante das novas tecnologias da informação

e comunicação, em especial a globalização da economia, são processos amplos, envolventes, que estão mudando profundamente paradigmas culturais, comportamentos e a própria convivência humana; afetam e comprometem até mesmo o futuro da vida no nosso planeta. Já se dizia em 2007, e nós devemos perguntar hoje, para onde tudo isso leva? Que efeitos terá sobre a comunidade humana?

Por outro lado, a Conferência de Aparecida estimulou e encorajou as instituições universitárias ligadas à Igreja a prepararem com discernimento e coragem novas lideranças para a sociedade, formando-as nos princípios da antropologia cristã e da Doutrina Social da Igreja. Tais princípios, de fato, traduzem o Evangelho de Cristo para as práticas da convivência humana. Desta forma, as universidades católicas contribuirão com sua parte específica para a missão da Igreja, a fim de que nossos povos superem suas dificuldades, com as injustiças sociais cristalizadas na sua



organização social, política e econômica; superem o desrespeito à vida, a violência, a miséria e toda forma de aviltamento da dignidade humana. Nossas universidades católicas deverão ser laboratórios de onde saem propostas efetivas para uma sociedade orientada pelos princípios do respeito, da justiça, da solidariedade, da paz.

Concluindo

Hoje é dia de Santo Inácio, um santo que teve a experiência da vida universitária. A Companhia de Jesus, fundada por ele com seus companheiros, tem se dedicado muito à universidade, ao ensino superior ao longo da

sua história. Seu exemplo e seu método de vida e ação nos sugerem que Inácio, vivendo hoje, se dedicaria a fazer um discernimento sobre as urgências atuais no mundo da educação.

Papa Francisco, que também é discípulo de Santo Inácio, colocou em nossos corações recentemente duas grandes questões por meio de dois documentos que publicou no ano passado: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a evangelização; e, recentemente, a encíclica *Laudato si* – sobre o cuidado da casa comum.

Alegria e a beleza de evangelizar trazem novo entusiasmo para evangelização em muitas

dimensões; mas o Papa convidou também a superar tentações entre os evangelizadores e todos os atores da vida eclesial. Convidou a evangelizar de muitas maneiras e a contribuir de todas as formas possíveis para que a missão da Igreja possa ser cumprida; o questionamento vale também para todas as instituições de educação, universidades, institutos superiores de estudos, que na Igreja têm justamente esta missão.

Às vezes, pergunta-se por que a Igreja tem universidades? Por que a Igreja tem escolas e instituições de seus estudos superiores? O que se ganha com isso? Qual é o lucro da Igreja com isso? A seu modo, cada instituição tem a sua contribuição específica a dar. Uma universidade não é uma paróquia, não é um convento, não é um mosteiro, uma universidade é uma universidade e, enquanto universidade, com aquilo que lhe é próprio, ela tem uma contribuição a dar. O Papa convida todas as instituições da Igreja a se questionar como podem hoje dar novo impulso à evangelização,

isto é, ao testemunho e ao anúncio do Evangelho, para que a fé cristã possa continuar a incidir na vida da sociedade.

Na encíclica *Laudato si*, logo a gente pensa em São Francisco de Assis. O Papa fala da natureza como dom de Deus para nós, para todas as criaturas colocadas sob os nossos cuidados. Fala também da necessidade de decisões sábias e corajosas para preservar essa casa de todos e para que ninguém seja excluído dela. Interessante o conceito de natureza e mundo como casa comum de toda a humanidade.

Não se trata simplesmente de uma “encíclica verde”, como está sendo dito; o próprio Papa, na semana passada, disse num encontro de prefeitos de metrópoles do mundo inteiro, promovido pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais, que se tratava da questão da exclusão social e das questões ambientais: as duas questões devem ser consideradas inseparáveis. E o Papa fez questão de dizer que não se trata simplesmente de uma “encíclica verde”, mas de

uma encíclica ecossocial. E convidava a não separar a busca de solução para ambas as questões.

O Papa Francisco está nos chamando a fazer aquilo que já pedia há cinquenta anos o Concílio Vaticano II: que as universidades e as comunidades acadêmicas da Igreja mantenham suas antenas ligadas em relação às novas questões, novos problemas do mundo, da sociedade, de novas reflexões, discernimento novo, sob vários pontos de vista, científico, acadêmico; e assim, os ambientes acadêmicos católicos possam dar uma contribuição válida na busca de soluções para os problemas e demandas da humanidade; não pretendemos ser os únicos a contribuir, mas não podemos negar que nós temos uma contribuição importante a dar.

Ao encerrar essas palavras, eu quero mais uma vez agradecer a acolhida que me foi dada e a oportunidade de partilhar com os senhores e senhoras essas reflexões. Pela intercessão de Santo Inácio de Loyola, Deus abençoe e ilumine a todos. Obrigado. □

energia



Com energia a gente cria.
Fabrica. Realiza. Evolui.

Com energia a gente é gente.
A gente inova. A gente flui.

Energia é alimento.
É movimento e é momento.

E o nosso momento?

Se renova agora.
Com uma nova marca.
Com um novo ritmo.
Com a mesma energia.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Prof. Dr. José da Cunha Tavares
Departamento de Administração

UMA QUESTÃO DE SENSIBILIDADE

Palestra proferida na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em janeiro de 2015.

Durante uma celebração na Bélgica, o querido irmão Dom Lara falou lindamente! E como de hábito, sem recorrer a leitura de anotações. Logo ao terminar, aproximou-se um irmão redentorista e lhe disse: “Dom Lara, o senhor não deve fazer isso. Tem que trazer um papel, porque se não o pessoal vai pensar que o senhor não preparou a homilia...” Então, por essa razão, eu trago estas notinhas, como um pequeno mapa de navegação, para conversarmos.

De uma maneira extremamente doméstica, como se estivéssemos em volta de um fogão a lenha, quero conversar um pouquinho sobre nossas vidas - com seus desafios e sonhos - a

fim de navegarmos juntos por águas que possam trazer, delicadeza de espírito e cordialidade entre nós.

Venho de uma pequena cidade, da zona da mata mineira. Lá, as visitas não entram pela porta da frente: a sala principal fica sempre fechada e empoeirada. As pessoas entram por um portão lateral que dá acesso ao quintal. Pelos fundos, elas vão direto para a cozinha, onde estão o fogão, a lenha e a mesa, sempre bem posta. Ali acontece a vida, e as histórias são contadas. Eu conheci a história da minha família

“ De uma maneira doméstica, como se estivéssemos em volta de um fogão a lenha, quero conversar um pouquinho sobre nossas vidas – com seus desafios e sonhos – a fim de navegarmos juntos por águas que possam trazer, delicadeza de espírito e cordialidade entre nós.



**Dom Aloísio
Jorge Pena Vitral**

Bispo de Teófilo Otoni,
Minas Gerais





Capela Santo Inácio de Loyola, campus Centro Universitário FEI, São Bernardo do Campo, SP.

e de meus antepassados através das conversas de tios, vizinhos e pessoas que conviveram com eles – tios-avós, tataravós, o Tio Hermes, Tio Rosendo, Tio José Pedro, Tia Miloca, Tia Irene...

E por que estou dizendo isto? Porque o grande valor é o sentimento de pertença. É dessa forma que nós nos amamos, que nós nos conhecemos. E como disse João Ubaldo: “Não existem fatos, existem estórias”. Essa palavra – sentimento de pertença – trouxe encantamento, e me fez lembrar o brilhante psicanalista

norte americano Milton Erickson, que exerceu sua profissão preso a uma cadeira de rodas: seu cliente contava a sua dor e ele contava uma estória; revelava outra dificuldade existencial, ele contava outra estória. E assim, as pessoas iam sendo curadas pelas metáforas e parábolas.

Eu vou navegar um pouquinho por essas águas, e tentar dizer algumas palavras, contando histórias e falando um pouco da vida e da existência.

Acabamos de viver uma experiência: na capela da nossa

universidade – com sua beleza simples – fizemos uma pausa, escutamos a Palavra, comungamos e experimentamos o sentido da vida e de que não somos apenas filhos do tempo, mas da eternidade. O mistério tem uma característica interessante: no momento em que tentamos defini-lo, ele deixa de ser mistério. O mistério apenas é. E nós somos convidados a experimentá-lo. É por essa razão que aceitei o convite generoso, cordial e fraterno, para estar um pouquinho com vocês.

A atitude de paramos um

pouco, escutarmos a Palavra e celebrarmos a existência, carrega a nossa interioridade de intensidade. E o risco que corremos hoje é justamente a perda da nossa interioridade! Esses são momentos de resgatar o que nós temos de mais profundo e de mais caro.

Vivemos uma inexplicável necessidade de urgência. Em uma de nossas rádios, a vinheta anuncia: “Em vinte minutos tudo pode mudar”. Na edição diária de um jornal de grande tiragem nos dias atuais, há mais informações do que uma pessoa do século XVII recebia em toda sua vida. Esse acúmulo de informações causa certa indigestão existencial, que nos traz desconforto. E somos convidados a nos refugiar em nichos – nichos de sentido.

Basta paramos um pouco para tomarmos consciência dessa situação. Percebemos que fazemos muito e nos percebemos pouco realizados. Outra dificuldade é de não mais sabermos verbalizar o que sentimos, pois perdemos o contato com nossos

sentimentos. O tédio nas noites de domingo nos aguarda embalados pela música de fundo do Programa “Fantástico”, com suas receitas de aparente felicidade.

Necessitamos da pausa, e precisamos nos educar para o

“A atitude de paramos um pouco, escutarmos a Palavra e celebrarmos a existência, carrega a nossa interioridade de intensidade. E o risco que corremos hoje é justamente, a perda da nossa interioridade! Esses são momentos de resgatar o que nós temos de mais profundo e de mais caro.”

silêncio. Descobrir que a região mais profunda do nosso ser chama-se silêncio agradecido.

O fato de não vivermos uma economia da fraternidade, mas uma economia de mercado – aliás, não apenas uma economia de mercado, mas uma sociedade

de mercado, em que o ser humano é relegado a segundo plano – vai diminuindo a nossa paixão.

Se perdemos o encantamento, é necessário descobrir onde foi que o perdemos, para voltarmos lá e resgatá-lo. Se não formos buscá-lo, poderá ser tarde demais: torna-se uma questão de apaixonamento.

Herberto Hélder, poeta português, diz uma palavra que me toca: “Li, algures, que os gregos antigos, quando alguém morria, perguntavam apenas: ‘Tinha paixão?’ Quando alguém morre, também quero saber a qualidade de sua paixão. Se tinha paixão pela água, pela música; pelo talento de algumas palavras para se moverem no caos, pelo corpo salvo dos seus precipícios com destino à glória, paixão pela paixão – tinha? Então indago de mim: ‘E eu próprio, tenho paixão? Que paixão?’ Se tenho, posso morrer gregamente...”

No atual momento de Igreja, corremos o risco de nossas instituições religiosas passarem de

depositárias de sentido para reguladoras de sentido. Será que nós nos arvoramos em sermos guardiões da fonte, ou somos “apenas” cuidadores da fonte?

Distante doze quilômetros da minha pequena cidade, há um sítio. Com um primo e alguns amigos fomos até lá, caminhando por uma estrada de terra. Meu primo conhecia bem a região, e sabia que em determinado lugar havia um poço. Esse poço estava encoberto por avencas e samambaias, mas ele sabia também onde encontrar uma enxadinha. Ele buscou a ferramenta num casebre perto da estrada e abriu espaço para que todos nós pudéssemos beber daquela água. Desculpem-me a expressão, mas fico torcendo para que nosso momento eclesial seja parecido com esse, porque corremos o risco de criar um grande castelo e ficarmos à porta, separando quem pode e quem não pode entrar. E digo, a fonte é para todos. Humanidade sedenta e faminta de graça e verdade!

O vencedor de um prêmio

Nobel dizia que “os cristãos de todas as denominações são desfiliados de ternura”. Esta é uma palavra forte, que nos convida a pensar. Uma acusação grave, dita por uma pessoa muito especial. Falta-nos ternura, delicadeza no trato de uns para com os outros. O que constatamos são nossas lideranças cansadas, o povo sem brilho nos olhos, sem calor no coração – joelhos vacilantes! Os passos não estão leves nem firmes. Tudo talvez, induzido pelo nosso modo de transmitir ou de irradiar – pois o Mistério é a irradiação de uma Presença e não apenas uma decisão ética, como disse Bento XVI. Somos convidados a pegar a nossa enxadinha e descobrir o poço – isto é o que nós estamos fazendo agora: não é para ter nada, não é para fazer nada. É para aprender a não fazer nada diante de Deus, diante do Sentido, apenas acolher o toque da Graça, o toque da Vida.

Acho muito feliz a visão da religiosidade intimamente ligada ao sentido da existência! A

humanidade procura uma saída, uma nova profecia. Recordo-me que Dom Marcelo Barros foi ao encontro de Dom Helder, já no final da sua vida. Chegou ao ouvido do amigo que, conforme sua expressão, estava como um passarinho no fundo da cama, e pediu: “Dom Helder, deixe-me uma palavra”. Dom Helder manteve-se em profundo silêncio. Dom Marcelo achava que ele não iria mais responder, mas, pouco a pouco, Dom Helder foi levantando a mão, puxou sua camisa e disse: “Marcelo, não deixe a profecia cair”. A palavra é forte e muito importante para nós! A nossa questão é apaixonamento, a nossa questão é encantamento, a nossa questão é maravilhamento! Porque queiramos ou não, nós lidamos com a realidade mais bonita do universo: um Deus que se faz criança; que não vem como juiz, mas vem como criança, e totalmente desarmado. Precisamos redescobrir esta paixão amorosa de Deus.

Padre Palácio, Provincial dos jesuítas, coloca três questões mui-

to importantes para o momento atual: “O que é o essencial? Onde eu encontro o essencial? E o que eu transmitem com a vida?” Será que o momento não exige isso de nós? Às vezes, nós absolutizamos o relativo e relativizamos o absoluto. Precisamos de uma paixão nova, precisamos de uma profecia nova, essa que Jesus veio nos trazer. Acolher nosso povo, machucado, triste, solitário, perdido, empobrecido. Situações de violência, de drogas, de tantas feridas, de tanta dor.

Os índios astecas têm uma peculiaridade muito bonita: para eles o mais importante na educação do jovem não é que ele seja bonito, não é que ele seja rico, não é que ele seja tão capaz, mas é arrancar do jovem a sombra da sua face, para que ele possa ter um rosto luminoso e brilho nos olhos.

Jesus é aquele que mergulhou no coração do mundo com imensa ternura e nós nos perguntamos: não seria esse o nosso elo perdido? As nossas relações precisam ser cada vez mais cordiais.

A palavra “cordial” é extremamente importante para nós, porque lembra coração e batimento. Conseguir escutar o batimento do coração das pessoas e de cada realidade. E se vocês me perguntarem: “Resuma em poucas palavras o Concílio Vaticano Segundo”, com muita simplicidade eu diria: É justamente escutar as aspirações profundas dos corações humanos! Por incrível que pareça, é isto. É encostar o

ouvido no batimento do coração das pessoas, das realidades, e deixar que esse batimento tome conta da nossa interioridade: para que a nossa educação possa ser a partir das aspirações do coração do outro.

Hélio Pelegrino nasceu em Belo Horizonte. Em uma de suas crônicas, ele lembra um fato acontecido na sua infância:



ele tinha seis anos e foi acometido de uma doença grave. O médico, o Professor Alfredo Balena, que hoje dá seu nome à principal avenida da região hospitalar da cidade, foi à casa dele. Não dispondo do estetoscópio, o médico encostou o ouvido no coraçãozinho da criança. O cronista escreve, quase setenta anos depois: “Nunca mais esqueci o calor do ouvido do Dr. Balena e nem o perfume da brilhantina”. Para dizer que talvez seja isto o que nós precisemos fazer. A questão dramática que vivemos chama-se relacionamento. Esse mergulho que somos convidados a fazer: onde as pessoas vivem, onde elas morrem, onde elas trabalham, onde elas riem e onde elas se matam.

Gustavo Gutierrez, grande teólogo, tinha seu escritório no Mercado Central de Lima, no Peru. E tinha toda razão de fazer teologia ali. É o cheiro de secos e molhados, é a carne fresca que está sendo vendida, é a criança que corre e chora... são as dificuldades da existência que são

sintetizadas ali. O mercado é o centro da vida em nossas cidades. Precisamos escutar o batimento do coração da grande cidade. Jesus fazia isso!

Jesus acolhe a dúvida de Nicodemos à noite! O contrário da fé não é a dúvida, o contrário da fé é o medo; porque a dúvida, inclusive, faz parte da nossa busca e, misteriosamente, é a dúvida que faz com que eu vá procurando as respostas mais profundas! Só não posso me paralisar na dúvida, mas vou mergulhando mais fundo. Diante da samaritana, Jesus não tem nenhuma posição moralista. Acolhe a todos. A samaritana tinha cinco maridos e Jesus pede: “Chame o seu marido”. Ela responde: “Eu não tenho marido”. O Mestre replica: “Nisso você falou a verdade”. É interessante porque fica muito mais no positivo do que no negativo. Fica muito mais no acolhimento do que na acusação. E como seria bom se a nossa comunidade, de homens e mulheres que estão em busca do Sentido, irradiasse esse Sentido para os irmãos!

Lá na piscina de Betesda, estava o homem paralítico há 38 anos. Quando a água se movimentava, o primeiro a entrar nela era curado. O paralítico estava ali, tentando chegar, mas não tinha ninguém por ele. Essa é uma palavra muito doída para as pessoas das nossas cidades. Quantas pessoas vivem sua profunda solidão, sua dor, porque não têm ninguém por elas?

Jesus é aquele pastor que sente o cheiro da ovelha e vem dizer, através da parábola do Filho Pródigo, como é o coração do Pai. Segundo os exegetas, a parábola do Pai Misericordioso é a mais importante e bela de toda Sagrada Escritura!

Só uma curiosidade: Santo Agostinho vai dizer que o beijo que o pai dá no filho não foi um beijo na testa porque não foi apenas um beijo paterno; não foi um beijo na face porque não foi somente um beijo de amigo; não foi um beijo nos lábios porque não foi um beijo esponsal; foi um beijo na nuca, para tirar a carga que o filho estava trazendo de

suas andanças, das suas realidades perdidas e machucadas.

Eu me recordo de um retiro em Itaici, pregado por Dom Salvador. Ele usava o microfone, mas deixando-o sobre a mesa, gritou: “Pessoas não salvam coisas, coisas não salvam pessoas, pessoas salvam pessoas”! Esta é uma palavra importante para o momento em que vivemos; para as nossas relações, a nossa cordialidade, as nossas escutas profundas, a nossa ternura de uns para com os outros. Porque quando se vive a fraternidade não existe “doença”. A fraternidade cura, a fraternidade faz de nós e de nossas comunidades, fontes de alegria e da paz.

Então, compete a nós revelar esse rosto acolhedor e amoroso de Deus. Revela que o Pai não perdeu o domínio da história, que o Pai não tem raiva da humanidade e não criou o inferno para se vingar do ser humano. Deus é extremamente bem-humorado, e nós somos convidados a ter este bom humor, a fim de podermos irradiá-lo para os irmãos e para a comunidade.

Por isso, meus irmãos, não bastam imposições de preceitos. Não basta evangelização por decreto. O que Jesus fazia é o que nós podemos fazer! Nós também podemos fazer os milagres de Jesus: desbloquear as fontes e libertar as histórias travadas. Somos convidados a desarmar os olhares, a tirar de nós os preconceitos para acolher o outro como o outro é.

Nós não vivemos mais sob o regime de “salva tua alma”. Na minha pequena cidade ainda existe a antiga cruz: “Salva tua alma”. Mas hoje não estamos mais nesse regime. O regime é: “Salvemos o ser humano todo e todos os seres humanos”! Este é o grande momento. Santo Irenéu disse que a glória de Deus é o ser humano vivo. E nós podemos dizer, que enquanto existir uma pessoa infeliz, a glória de Deus não pode ser plena. Temos um grande trabalho pela frente para sermos felizes, e fazermos os outros felizes.

Eu me recordo do “Natal sem Fome”, em que o Betinho disse: “Quando morrer eu não sei se

eu vou para o céu, mas provavelmente deve haver uma sala de triagem onde todos que morreram naquele dia vão passar por um julgamento. Eu vou propor a todos fazermos um piquete na porta do céu: ‘Ou todo mundo ou ninguém’. Tenho certeza que Deus fica muito feliz com uma proposta dessa. Somos convidados a perceber isso.

Rubem Alves tem uma expressão encantadora: “Num determinado momento da história, Deus se cansou de ser só espírito e se fez homem, em detrimento a tudo aquilo que o ser humano traz: sofrimento, dor, vazio existencial, inclusive a morte. O que me causa estranheza é que muitos homens e mulheres preferem o céu, enquanto Deus prefere a terra.” Essa é uma expressão missionária, ou seja: porque vocês estão querendo o céu? Esse é o momento de fazer com que as comunidades possam viver de forma saborosa e fraterna.

Este é o nosso convite: curar feridas e consolar o povo. Esta é nossa missão: ajudar o outro ao

maior desenvolvimento possível, enxergando o outro como irmão, como irmã.

Em Belo Horizonte, há o hospital Madre Teresa. Lá funcionava o antigo sanatório “Morro das Pedras”, onde, três vezes por semana, um médico atendia os indigentes. O médico morava longe – longa ladeira que precisava ser vencida – e esse médico se dizia ateu. Passava o dia atendendo os clientes. A pergunta que faço é: “Ele era ateu?” É lógico que não! Poderia não ter uma fé explícita, mas a tinha implícita. A fé explícita sem a fé implícita é hipocrisia. Por isso ninguém pode dizer que é melhor que o outro, pois todos trazem suas dificuldades e somos feitos do mesmo barro. Tudo depende de como olhamos... o rio passa na cidade. Os adolescentes olham para o rio para ver se é possível nadar; as comadres olham para o rio para ver se é possível lavar a roupa no remanso; o prefeito olha para o rio para ver se é possível produzir energia elétrica ou fornecer água para a cidade; o dono da peixaria vai ver se o rio

dá peixe para pescar e vender no mercado... Teilhard de Chardin diria que é um “espírito em movimento”. São Francisco de Assis iria olhar e se extasiar. Tudo depende de como nós olhamos.

Um irmão muito querido que mora na periferia da cidade toma

“Esse é o nosso convite: curar feridas e consolar o povo. Essa é a nossa missão: ajudar o outro ao maior desenvolvimento possível, enxergando o outro como irmão, como irmã.”

o ônibus às 5 horas da manhã para ir trabalhar. No mesmo ônibus, havia uma pessoa falando de Deus. Falava tanto que espumava pelo canto dos lábios! Melhor seria falar de Deus sem precisar de palavras. Após uma hora de viagem, deu o sinal para descer, e disse ao homem: “Olha meu irmão, você falou muito de Deus, mas não me mostrou o olhar de

Jesus Cristo”! Corremos o risco de sermos doutrinadores, e não mostrarmos o “olhar” de Deus.

Somos chamados a ser “seres de cuidado”, com uma paixão pela educação; colocando nosso ouvido no coração daqueles que Deus colocou ao nosso lado, para caminharmos juntos. O cuidado não é apenas um atributo ou uma virtude: é algo inerente ao ser humano. Por isso, quando percebemos o descuido, brota dentro de nós a indignação. À porta de casa, à noite, um casal de idosos procura o que comer em pacotes de lixo; uma criança morre no corredor de um hospital por falta de vaga ou um adulto induz um adolescente a entrar no mundo das drogas. São cenas de descuido e por isso nos causam indignação. O cuidado se mobiliza dentro de nós.

Quando dizemos que uma mãe tem um olhar de ternura para com seu filhinho, até mesmo em fotografia, percebemos que o olhar está descentrado de si mesma e totalmente voltado para aquele ser pequeno, pobre e despojado.

Uma outra palavra “misteriosamente” ligada ao cuidado é inteligência, que significa *interlegere*, isto é, ler dentro. O cuidado exige de nós essa capacidade de ler dentro da realidade, nos acercando da fragilidade do irmão.

Somos então convidados, nessa paixão e nesse novo olhar, a reformar a nossa lógica, peregrinando da lógica da conquista para a lógica da gratuidade; da intervenção para interação e comunhão; da exploração para a cordialidade, para escutar os batimentos e aspirações profundas do coração humano; da produção e do poder, para a atenção, respeito e acolhimento.

Acredito que a crise a qual estamos atravessando é um esquecimento do Espírito. Antony de Melo, grande jesuíta falecido, dizia que precisamos desesperadamente de homens e mulheres do Espírito. Simplesmente deixar-se conduzir por Ele.

Meu irmão tem um barco a vela em um lugar chamado Lagoa dos Ingleses, município de

Belo Horizonte. Um barco simples, onde outros têm lanchas potentes. Os donos das lanchas são fortes, “sarados”. As lanchas possuem acelerador e freio. Já o pessoal do barco a vela, espera o vento soprar para levantar a vela, e se deixar conduzir pelo sopro. O barco a vela é o símbolo da

Tudo está impregnado pelo Espírito. O espírito dorme na pedra, sonha na flor, acorda no animal e sabe que está acordado no ser humano.

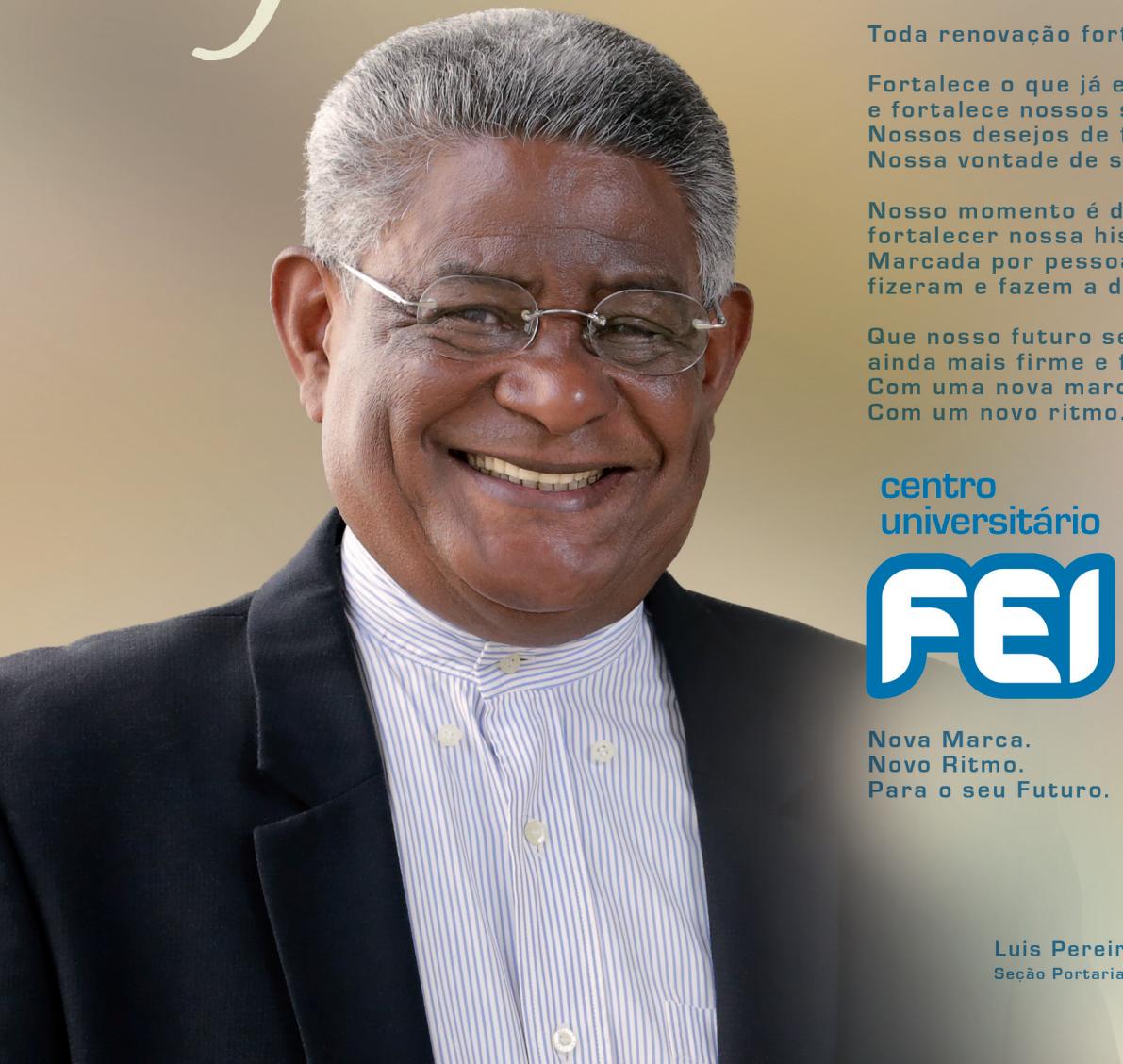
é dele, mas é digna de ser anotada: “Tudo está impregnado pelo Espírito. O espírito dorme na pedra, sonha na flor, acorda no animal e sabe que está acordado no ser humano.” Esse é o privilégio que estamos vivendo.

Eu não gostaria de ter nascido em outra época. Apesar das dificuldades e desafios, nosso tempo nos traz sabor de luta. Desculpem-me usar vinhetas da TV, mas sou especialista em vinhetas, e vamos citar uma empresa que anda mal falada – a Petrobras. Ela nos diz: “O desafio é a nossa energia”.

Tenho certeza que vocês, queridos leitores, estão ansiosos para recomeçar! Parar é necessário. Parar é continuar e, às vezes, continuar é parar. Então, esse mergulho no Mistério: deixar-se conduzir e não fazer nada diante de Deus. Colocar a vida em Suas Mão e esperar em Deus. Ele passa quando e como quer pois é totalmente livre!

Que nós possamos sentir o coração secreto das coisas e das pessoas. Amém! □

fortalecer



Toda renovação fortalece.

Fortalece o que já era bom
e fortalece nossos sonhos.
Nossos desejos de futuro.
Nossa vontade de ser melhor.

Nosso momento é de
fortalecer nossa história.
Marcada por pessoas que
fizeram e fazem a diferença.

Que nosso futuro se construa
ainda mais firme e forte.
Com uma nova marca.
Com um novo ritmo.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Luis Pereira Neves
Seção Portaria e Inspetoria

DEUS ANDA PELA COZINHA

Aula Inaugural do 2º semestre letivo do Centro Universitário FEI, campus SP, por ocasião do lançamento do livro: "A LEITURA INFINITA - Bíblia e Interpretação". Edições Paulinas, 2015 - cap.5.

O comer e beber são importantes para as religiões. O cristianismo também se interessou muito pela comida e, ao contrário das outras duas religiões monoteístas, o judaísmo e o islamismo, deixou cair os interditos alimentares. A mesa e a refeição tornam-se por excelência o sítio da universalidade e da utopia cristãs.

Jesus não ensina a confeccionar um prato. Lendo os Evangelhos não conseguimos, talvez, preparar um jantar. Mas somos seguramente capazes de organizar um banquete: quem convidar prioritariamente, onde colocar-se na geografia da mesa, que atitude assumir. Jesus foi acusa-

do de comilão e beberão pelos seus opositores. E uma das últimas coisas que disse foi: “desejei ardente mente comer esta Páscoa convosco” (Lc 22,15). O comer não era circunstancial na sua vida. É interessante o verbo que utiliza, “desejei”, porque liga sabiamente a refeição ao desejo.

Os Evangelhos narram múltiplas refeições, cujo sentido se enfraquece quando lidas apenas pelo lado do maravilhoso. O milagre deixa o leitor precocemente saciado. As refeições são para Jesus sobretudo atos performativos, onde ele explicita o seu pro-

“*O cristianismo também se interessou muito pela comida, e ao contrário das outras duas religiões monoteístas, o judaísmo e o islamismo, deixou cair os interditos alimentares.*



Pe. José Tolentino Mendonça

Jesuíta, Professor da Universidade Católica Portuguesa.

jeto, colocando os que não podem estar juntos à volta da mesa, preparando uma refeição igualitária para a multidão díspar dos homens e mulheres. O capítulo 21 do Evangelho de São João conta a última refeição de Jesus:

“Algum tempo depois, Jesus apareceu outra vez aos discípulos, junto ao lago de Tiberíades, e manifestou-se assim: estavam juntos Simão Pedro, Tomé, a que chamavam o Gêmeo, Natanael, de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e outros dois discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar.” Eles responderam-lhe: “Nós também vamos contigo”. Saíram e subiram para o barco, mas naquela noite não apanharam nada. Ao romper do dia, Jesus apresentou-se na margem, mas os discípulos não sabiam que era Ele. Jesus disse-lhes, então: “Tendes alguma coisa para comer”? Eles responderam-lhe: “Não”. Disse-lhes Ele: “Lançai a rede para o lado direito do barco e haveréis de encontrar”. Lançaram-na e, devido à grande quantidade de peixes, já não tinham forças para arrastar. Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor”. Simão Pedro, ao ouvir que era

o Senhor, apertou a capa, porque estava sem mais roupa, e lançou-se à água. Os outros discípulos vieram no barco, puxando a rede com os peixes; com efeito, não estavam longe da terra, mas apenas a uns noventa metros. Ao saltarem para a terra, viram umas brasas preparadas com peixe em cima e pão. Disse-lhes Jesus: “Vinde almoçar”. E nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe: “Quem és tu”? porque bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e deu-lhes, fazendo o mesmo com o peixe”.

Este episódio explora o cruzamento de duas histórias: a história de uma faina falhada resolvida por Jesus em abundância, e outra mais silenciosa dentro dessa, a história de alguém que prepara para eles o alimento que eles não conseguem, às vésperas daquele amanhecer difícil. É vital que a faina, o labor, a necessidade não impeçam o maravilhamento, o desejo e o puro dom.

Um versículo do Talmud afirma: “Antes de comer o homem tem duas almas. Depois de comer o homem tem uma alma”. Antes de comer estamos sepa-

rados, habitam-nos desejos diferentes, fazemos a experiência da divisão. Depois de comer o homem redefine-se, reencontra-se, confia. O caminho espiritual é um viver em si, na sua alma, no seu lugar, entre os seus púcaros e caçarolas. Por isso, ninguém reencontrará a sua alma se não entrar na sua cozinha.

Deus é visível, nós somos invisíveis

Nos anos oitenta, Michael de Certeau, com uma equipe de investigadores, dedicou uma grande atenção à antropologia do quotidiano e ao levantamento das suas marcas, vendo nelas formas referenciais para o entendimento do Homem. Isso que frequentemente se considera como história menor, ou não-história e, no entanto, submersa e silenciosamente declina a vida.

Certeau descrevia assim o seu projeto: “o quotidiano é o que nos revela mais intimamente... É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retrato,

por vezes velado. Não devemos esquecer este mundo memória. A ele estamos presos pelo coração, pela memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos, dos prazeres... O que interessa ao historiador do quotidiano é o invisível.” (Cf. M. CERTEAU, *L'invention du quotidien – 1. Arts de faire*, Paris: Gallimard, 1980).

Falar da cozinha é dizer a invisibilidade que somos. A cozinha lembra essa porção, talvez mais própria e original, que nos constitui e tem a ver com nosso corpo, a luta pela sobrevivência, o prazer e o encontro, o desejo. A cozinha é metáfora da própria existência, pois distingue-nos uma certa capacidade de viver na transformação, numa mobilidade que não é só geográfica, mas total. Em cada uma das nossas cozinhas dão-se tantas transformações que elas se tornam quase invisíveis. A cozinha é o lugar da instabilidade, da procura, da incerteza, das misturas inesperadas, das soluções criativas mais imprevistas. Por isso está desar-

rumada tantas vezes, porque vive nessa latência de recomposição. Na cozinha torna-se claro que a transformação que damos às coisas reflete aquela que acontece no interior de nós.

“A vida dos indivíduos ou dos agregados humanos encontrou no espaço da refeição um momento privilegiado da sua construção. À volta da mesa celebram-se os eventos fundadores, os nascimentos, os ritos de passagem, os triunfos, mas também o luto, as crises ou a prova.”

Santa Tereza dizia às irmãs: “Não haja desconsolo quando a obediência vos trouxer empregadas em coisas exteriores. Entendei que até mesmo na cozinha, entre as caçarolas, anda o Senhor.” (*O livro das Fundações*, cap. V).

Desloca-nos de uma espiritualidade que se funda apenas na experiência do extraordiná-

rio para uma complexa mística do quotidiano, capaz de colher as dimensões da memória invisível que cada um transporta. Haverá saber de Deus que possa dispensar o sabor?

A religião aprende-se comendo

Já em Plutarco se lia que não nos sentamos à mesa simplesmente para comer, mas para comer com, e esta convivialidade constitui, no quadro de valores do mundo mediterrâneo de então, um fator que distingua o homem civilizado do bárbaro. (Cf. PLUTARQUE, *Propos de table*, Paris: Belles Lettres, 1972, 14).

Mas a história da refeição começa, certamente, muito antes. (Cf. LÉVI STRAUSS, *La Potière jalouse*, Paris: Librarie Plon, 1985).

A vida dos indivíduos ou dos agregados humanos encontrou no espaço da refeição um momento privilegiado da sua construção. À volta da mesa celebram-se os eventos fundadores, os nascimentos, os ritos de passagem, os triun-



Reprodução a óleo em tela de A Última Ceia, 1498, Leonardo da Vinci.

fos, mas também o luto, as crises ou a prova. A mesa torna visível e suporta a intimidade familiar; os amigos sabem que ela permite uma qualidade de encontro que lhe é própria; dos negócios tem-se a ideia de que a mesa os oferece, tal como a busca de resolução para os conflitos mais diversos. A euforia comercial com que as nossas sociedades promovem os tempos simbólicos acalmam-se, por fim, em torno

de uma refeição. E, talvez por isso, à mesa pese mais a solidão ou a incomunicabilidade em que muitos vivem.

A refeição é um referente de grande espessura comunicativa, se pensarmos que ela tem as virtualidades de um espelho: aí se colhem alguns dos códigos mais intrínsecos a uma cultura. (Cf. M. MONTANARI, *Sistemi alimentari e modelli di civiltà*, in J.-L. Flandrin-M. Montanari, *Storia*

dell'alimentazione

Roma-Bari:

Laterza, 1997,73).

Ela representa um precioso sistema simbólico, uma espécie de microcosmos que reflete interditos, práticas, tráficos de sentido. (Cf. M. DOUGAS, *In the active voice*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982, 98).

Ao observarmos o modo como ela se desenvolve ficamos na posse da estrutura interna,

valores e hierarquias de um determinado grupo humano, bem como dos limites que esse estabelece com o mundo que o rodeia. Quando se chega a perceber a lógica e o conteúdo dos alimentos, bem como a ordem que regula a mesa (com quem se come, onde se come, a lógica dos diversos lugares e funções à mesa...), alcança-se um conhecimento antropológico muito importante.

Percebemos assim que o tema da refeição oferece importantes possibilidades de significação às quais Jesus e os relatos evangélicos não serão indiferentes. A refeição é tomada não simplesmente como a ocasião ou moldura onde Jesus contou uma parábola (Lc.7, 41-42; Mt. 22,1-14), travou uma controvérsia (Mc 2,15-17), curou um doente (Lc 14,2-5), ofereceu o perdão a uma pecadora (Lc 7, 36-50). A comensalidade coloca Jesus numa situação simbólica cheia de implicações para revelação da Sua identidade e missão! Para alguns autores, este foi um dos aspectos do ministério de Jesus mais significativos para

os seus discípulos, e, também, dos mais ofensivos para os seus críticos. (Cf.N. PERRIN, *Rediscovering the teaching of Jesus*. New York: Harper & Row, 1967, 102).

O quadro literário helenístico

Para a perspectiva cristã do motivo da refeição, é pertinente a alusão ao helênico costume dos simpósios, já que se trata de um quadro cultural contíguo ao do Novo Testamento.

Os banquetes gregos eram regulados por duas etapas: o *deipnon* (a refeição propriamente dita) e o *pótos* ou *simpósio*, um tempo posterior ocupado com o beber e o conversar. Emergia o tema de diá-logos comum, pelo qual todos os convivas se interessavam. Alinhavam-se argumentos e contra-argumentos que permitiam a cada um (ou alguém de destaque), no discurso e na disputa, manifestar a sua sabedoria.

O simpósio é também o momento, por excelência, da revelação, pois “todo hóspede traz como dom a narração da sua

história”. (Cf. M. VETTA, *La cultura del simposio*, in J.-L. FLANDRIN-M.MONTANARI, *Storia dell'alimentazione*, 126).

A hospitalidade é um pacto de linguagem. É um espaço/tempo onde o contar se realiza no contar-se. Diante dos que escutam, abre-se a possibilidade autobiográfica, que permite recompor os fragmentos, enlaçar os fios quebrados, encontrar as palavras que segredam a íntima arquitetura da vida. Podemos evocar Ulisses, que nas diversas etapas do seu retorno a Ítaca assume o estatuto de hóspede e vai revelando, progressivamente, a sua identidade. A ele, por exemplo, pediu o rei dos feácos: “Meu hóspede, não me ocultes com simuladas intenções o que te vou perguntar; fala com franqueza! Diz-me como na pátria o teu pai e a tua mãe e os outros homens da cidade te chamam... Nomeia também a tua terra, o teu povo e a tua cidade...” (OMERO, *Odisseia, Testo Greco a fronte*. Milano: Rizzoli, 1991, VIII, 548-551-555).

Depressa o simpósio (enquanto realidade e dispositivo literário) se torna território de eleição para a prática da filosofia. Em Platão e Xenofonte, é Sócrates o convidado principal e o objetivo do simpósio ultrapassa o estrito comprazimento de um convívio, para representar a procura disputada da verdade. Contudo, nunca se altera a mesma atmosfera hedonista, ausente nos textos evangélicos. Mesmo quando o ideal declarado era a exaltação da virtude ou a busca da verdade, as peripécias desenvolviam-se num tom jocoso, à maneira de um divertimento, de uma encenação do prazer. Plutarco dizia que o mesmo homem devia ser capaz de dar a forma mais irreduzível e ascética aos combates e a mais deleitosa e agradável aos banquetes, e os que comem e bebem em silêncio não podem conhecer-se. (Cf. PLUTARQUE, *Propos de table*, 22, 110).

Ora, essa dimensão lúdica contrasta fortemente com a depuração que, depois, encontramos no relato neotestamentário.



Vitrail Multiplicação dos Pães - Vila Kostka - Itaici/SP

Concordamos, por isso, com Steele, quando refere que, se há exemplos de continuidade entre os relatos das refeições de Jesus e os simpósios, esses são certamente “exemplos modificados do *genus litterarium* helenístico”. (E. Steele, “Luke 11:37-54 – A modified hellenistic symposium?”, in *Journal of Biblical Literature*, 103 (1984) 390).

O motivo da refeição, em chave cristã, reveste-se assim de uma expressiva originalidade. Se quanto a aspectos do gênero pode falar-se, pelo menos em alguns casos, de uma contiguidade com a literatura greco-romana, neste é colocado ao serviço de uma inédita realidade teológica.

A comensalidade como ideal na tradição bíblica

A inspiração literária helênica deve ser conjugada com o importante substrato judaico. Ainda hoje se diz que o “judaísmo se aprende comendo” (Cf. S. Di Segni, *L'ebraismo vien mangiando*. Fírenze: La Giundina, 1999).

Partindo do que inscrito na Lei (Lev 11; Dt 14) e na tradição, pode dizer-se que as escolhas alimentares de um membro do povo de Deus “deviam ser consideradas como fundamentos da sua identidade cultural e religiosa” (A. Toaff, *Mangiare alla giudia*. Bologna: Il Mulino, 2000, 7).

De fato, não podemos esque-

cer que o primeiro mandato que Deus estabeleceu para Adão e Eva, no relato do jardim, foi de categoria alimentar (“Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque o dia em que dela comeres terás de morrer” Gên. 2,16.17); que a terra prometida é sobretudo definida em termos dos seus recursos alimentares, terra onde “corre leite e mel” (Dt 6,3; 8,8; 11,9; 26, 9-10; 27,3; 31,20; 32, 13-14); que o objetivo da grande marcha de Moisés com o povo, do Mar Vermelho ao rio Jordão, é “comer e regozijar-se” diante do Senhor Deus (Dt 27,7) A consumação do êxodo expressa-se numa idealização da comensalidade, no país que o Senhor escolheu, uma comensalidade celebrada na abundância dos frutos da colheita e na solidariedade entre todos os membros do povo, estendendo-se mesmo até às suas fronteiras: “virá então [à tua porta] o levita, o estrangeiro, o órfão e a viúva que vivem nas tuas cidades, e eles comerão e se saciarão” (Dt 14,29).

O paradigma do banquete torna-se, depois, na literatura profética, um motivo que anuncia os tempos messiânicos. A presença implícita do Messias faz irromper, por entre naufrágios e dilacerações da história, a plenitude do encontro de salvação com Deus como uma irreversível pacificação.

“De fato, não podemos esquecer que o primeiro mandato que Deus estabeleceu para Adão e Eva, no relato do jardim, foi de categoria alimentar...; que a terra prometida é sobretudo definida em termos dos seus recursos alimentares, terra onde “corre leite e mel”.

Essa recriação messiânica da história é frequentemente representada na expansão universal de um banquete divino: “Yahweh dos Exércitos prepara para todos os povos sobre esta mon-

tanha, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos depurados... O Senhor Yavéh enxugou as lágrimas de todos os rostos” (Is 25, 6.8). Desse banquete, os pobres não são esquecidos: “Todos que tendes sede, vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro vinde, comprai e comei; comprai, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite” (Is 55, 1); e a eles, especialmente, é reiterada a promessa dos novos tempos: “Haveis de deleitar-vos com manjares revigorantes” (Is 55,2).

No plano da práxis, porém, este ideal bíblico não passou, muitas vezes, disso mesmo, de um ideal. Pois a realidade é que a comensalidade servia para reforçar e impermeabilizar identidades e posturas, enfatizando linhas de divisão, consolidando mecanismos de ruptura no tecido social e religioso. Fosse em relação aos pagãos (por exemplo, “os judeus, que aceitavam relacionar-se com pagãos nas sinagogas, mercados e nas ruas,

mantinham uma separação estrita do momento de compartilhar a mesa (E. AGUIRRE, *La mesa compartida. Estudios del NT desde las ciencias sociales*. Santander: Sal Terrae, 1994, 39); aos pobres (“eles estão deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs, comem cordeiros do rebanho e novilhos do curral, improvisam ao som da harpa, como Davi, inventam para si instrumentos de música, bebem crateras de vinho, ungem-se com o melhor dos óleos, mas não se preocupam com a ruína de José (Am 6, 4-6) ou aos tidos genericamente como impuros (pecadores, gente que se ocupava das profissões desprezíveis, em alguns casos também a mulher...). Contra eles, a delimitação da comensalidade funcionava como “uma barreira”, para com a sua exclusão garantir preservadas a piedade e a justiça (P. ESLER, *Community and Gospel in Luke- Acts: the Social and Political Motivations of Lucan Theology*. New York: Cambridge University Press, 1987, 75).

Jesus, conviva dos pecadores

Jesus dirigiu, sem qualquer tipo de reserva, a sua atenção a gente declarada impura, por causa de doenças, possessões ou deficiências. Jesus não olha para os pecadores em abstrato, ou numa atitude desculpabilizadora, mas vê “os singulares integrados em situações históricas concretas” que funcionam como

“*A comensalidade de Jesus com os pecadores explica o sentido da missão de Jesus: anunciar e concretizar o perdão de Deus.*”

ponto de partida (R. FABRIS, “Peccati e peccatori nel vangelo di Lucas”, in *Scuola Catolica*, 106 (1978) 227).

Ele mesmo manteve uma reconhecida comensalidade com gente moralmente inconveniente. Foi visto com pecadores e publicanos e, com eles, sentava-se à mesa. E não se defendeu, nem se

mostrou ofendido pelo seu contato de uma pecadora pública (Lc 7, 37-39).

É curioso notar como subtilmente o narrador rebate e desmonta esta imagem de Jesus, ao longo de todo o relato. O tópico de Jesus, em Lc 5, 32, “eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores”, com esse acréscimo tipicamente lucano, “à conversão”, explica bem que, na base do programa narrativo do personagem, está a transformação radical das situações. O Evangelho não se cansa de sublinhar isso: os mortos que Jesus toca ressuscitam, os leprosos são purificados, a hemorroissa fica sarada, o cego passa a ver, a pecadora é perdoada pelos seus pecados. Jesus coloca as pessoas em relação com Deus, relativizando ou dando um sentido novo às normas de pureza. Tudo se liga à percepção que Jesus tem de Deus e da sua identidade pessoal.

A comensalidade de Jesus com os pecadores explica o sentido da missão de Jesus: anunciar e concretizar o perdão de Deus.

É certo que a experiência da misericórdia e do perdão de Deus não é propriamente uma novidade em relação à tradição bíblica anterior. Mas esta insistência, prefigurada na comensalidade, de um dom da misericórdia divina sem condicionamentos prévios e em ato (não são os pecadores que se convertem para assim alcançar misericórdia e perdão; os pecadores são alvo da misericórdia e convertem-se!) é tão inédita que soa escandalosa. E o próprio ministério de Jesus afirma uma autonomia original em relação à tutela que o Templo desempenhava na religiosidade de Israel. Ao apresentar-se, na comensalidade com os pecadores, como “aquele que perdoa” os pecados, Jesus reivindica a superação do templo, com os seus sacrifícios e oferentes. De certa maneira os ritos do templo perdem sua eficácia.

Mas, nesta passagem do capítulo 5 de Lucas, é aflorada outra questão basilar. É que Jesus não anuncia unicamente que veio ao encontro dos pecca-

dores. A sua afirmação tem um “alcance maior, um tom mais dirimente: ‘Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, à conversão’” (Lc 5, 31-32) (17). A. DESCAMPS, *Les Justes et la Justice dans les évangiles et le christianisme primitif*. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1950, 100-101.

Será que esta afirmação Jesus está a pôr de lado os justos, e por sua vez, também Ele, a excluir? O que Jesus faz é constatar que os pecadores sentem carência do encontro com a Boa Nova, pois reconhecem “necessidade de médicos” (Lc 5, 31), enquanto os que se têm por justos se trancam numa humana pretensão acerca de si mesmos e recusam o anúncio. A consciência de uma justiça pessoal e de grupo funcionam como um impedimento para reconhecer a novidade que Jesus inscreve. O modelo generalizado de atitude perante Jesus que o relato evangélico defende é o de pecador. Mesmo Pedro, o primeiro dos discípulos, a primeira coisa que diz a Jesus é “Afasta-te

de mim, Senhor, porque sou um pecador” (Lc 5, 8)!

A comunidade da mesa com os pecadores podia ser tida, pelos que lhe eram adversários, como uma insolência de Jesus, uma atuação anárquica do ponto de vista social e religioso. Mas Lucas mostra-nos que era muito mais do que isso: “era expressão e confirmação de que o Reino tinha chegado com ele, e a alegria comum e sem fronteiras era uma realidade possível: comendo com os pecadores, Jesus praticava o Reino que estava proclamando.” J. BARTOLOMÉ, “Comer em común. Una costumbre típica de Jesus y su próprio comentario (Lc 15)”, in *Salesianum*, 44 (1982) 711).

A conduta de Jesus para com os pecadores não manifesta apenas a solicitude de Deus para com os perdidos e Jesus como grande hermeneuta dessa misericórdia. Mas mostra que nele a história encontrou o Reino. Não admira que a comensalidade com os pecadores se torne, por isso, um dispositivo fundamental de revelação cristológica. □

interagir



Interagir é se envolver
com o outro.
É compartilhar emoções,
ideias e experiências.

Interagir é ser disponível.
É se colocar à serviço
para construir o novo.

Interagir é se conectar
com a história e com o futuro.

Interagir é se renovar.
Com um novo ritmo.
Com uma nova marca.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Rosa Maria
Augusto Toyoshima
Secretaria Geral

POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Comentário sobre a Encíclica do Papa Francisco "Laudato Si', Louvado Sejas, – Sobre o Cuidado com a Casa Comum".

Que mundo queremos deixar para nossos filhos e netos, para os que vão nos suceder? Essa pergunta pode servir de fio condutor da Encíclica de Papa Francisco "Laudato Si', Louvado Sejas, – Sobre o Cuidado com a Casa Comum", lançada no Vaticano no dia 18 de junho passado. Conta com seis capítulos, divididos em 246 parágrafos (mentionados nas citações a seguir). Texto denso, usa uma linguagem moderada, com uma mensagem forte.

Esta carta circular situa-se na tradição das grandes encíclicas sociais da modernidade, como a *Rerum Novarum* (sobre a questão operária, 1891), de Leão XIII, e a *Mater et Magistra* (Mãe e Mes-

tra, 1961), de João XXIII. Ou ainda a *Laborem Exercens* (Sobre o Trabalho Humano, 1981), de João Paulo II. Na *Centesimus Annus* (no Centenário da *Rerum Novarum*, 1991), o Papa João Paulo II aborda o debate ecológico e se preocupa com a revolta da natureza, "tiranizada" em vez de "governada" pelo homem. Atento aos problemas do nosso tempo, o Papa Francisco lança esse texto sobre ecologia, pela primeira vez como tema central de uma encíclica. Apresenta "uma reflexão jubilosa e ao mesmo tempo dramática" (246).

No Concílio Vaticano II afirmou-se com todas as letras a importância da presença e da atuação da Igreja no mundo da educação.

Pe. Martinho Lenz, S.J.

Doutor em Sociologia. Capelão da Universidade Católica de Pelotas, RS.



O nome da encíclica é inspirado no Cântico das Criaturas, de S. Francisco de Assis, “*Laudato Si’ mi’ Signore*” (“Louvado sejas, meu Senhor”). A terra é tanto nossa irmã como nossa mãe. A terra, nossa casa comum, maltratada e saqueada, gême, como gemem os excluídos. A encíclica lança um apelo à conversão ecológica, a uma mudança de rumo, exigida pela nossa fé, que nos pede um compromisso com um progresso humano autêntico.

Proposta da Encíclica

Francisco propõe um diálogo sobre o cuidado com a casa comum: “Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta” (14). O assunto é urgente, mas há motivos de esperança: depois de um tempo de confiança irracional no progresso, abriu-se uma etapa de maior conscientização sobre a gravidade da situação. Também outras Igrejas, comunidades cristãs e outras religiões se preocupam com a questão

ambiental. A encíclica apresenta como exemplo o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I, de Constantinopla, citado extensamente: os crimes contra a natureza são um pecado contra Deus.

“O impacto da crise ecológica que atinge a todos recai mais fortemente sobre os pobres, que não têm como se defender. Com frequência, os responsáveis mascaram os problemas ou ocultam os sintomas. Preocupa a falta de uma reação adequada à gravidade da situação.”

Alguns grandes eixos temáticos conferem forte unidade ao documento. Cito três destes eixos: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo e o conceito inovador de “ecologia integral”. A partir

de uma visão global, a encíclica propõe a busca de soluções integrais, que considerem as interações dos sistemas naturais com os sistemas sociais.

O que está acontecendo com a nossa casa?

A encíclica lança um alerta: passamos dos limites. “O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está acontecendo periodicamente em várias regiões” (161). Os danos causados pela depredação ambiental, pela poluição e pelas mudanças climáticas são assustadores. Há um consenso científico muito consistente indicando que estamos enfrentando um preocupante aquecimento do sistema climático. A exposição a poluentes atmosféricos e a degradação produzida anualmente por centenas de milhões de toneladas de resíduos – muitos deles não biodegradáveis

– atinge níveis críticos em muitas metrópoles modernas. Essa poluição produz uma vasta gama de efeitos nocivos sobre a saúde, provocando milhões de mortes prematuras. O impacto da crise ecológica que atinge a todos recai mais fortemente sobre os pobres, que não têm como se defender. Com frequência, os responsáveis mascaram os problemas ou ocultam os sintomas. Preocupa a falta de uma reação adequada à gravidade da situação.

A encíclica destaca alguns problemas de maior relevo, como a água e a biodiversidade. A água é um direito humano essencial e negar o acesso à água potável a populações inteiras é negar-lhes o direito à vida. Apesar de alguns avanços, persistem vários fatores que agravam os riscos, mesmo em países desenvolvidos. Outra questão grave é a perda da biodiversidade, com a destruição de florestas e a extinção de espécies, por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva. O desaparecimento de espécies ani-



mais e vegetais é uma perda irreparável. Menos visíveis, mas não menos nocivos, são os danos causados aos ecossistemas por agrotóxicos e outros agentes nocivos. Os desastres constantes causados pelo ser humano provocam intervenções que acabam criando novos problemas, dando origem a um círculo vicioso: para resolver uma dificuldade, agrava-se ainda mais a situação.

Outros temas em destaque são a deterioração da qualidade da vida humana e a degradação social, a desigualdade planetária e a dívida ecológica, particular-

mente entre o Norte e o Sul, ligada a desequilíbrios comerciais, com consequências no âmbito ecológico. A dívida se origina no uso desproporcionado dos recursos naturais, efetuado historicamente por alguns países. O aquecimento causado pelo elevado consumo de alguns países ricos tem repercussões nos lugares mais pobres da terra. A isto acrescem os danos causados pela exportação de resíduos sólidos e líquidos tóxicos para os países em vias de desenvolvimento. Reparar a dívida ecológica dos países mais prósperos em relação aos

mais pobres é dever de justiça. O que impressiona, diz ainda o Papa, é a fraqueza da reação política internacional. Hoje a economia comanda as decisões: “A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente” (54). O mais grave é que a degradação da vida humana golpeia mais fortemente os fragilizados e excluídos, “que são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas” (49).

O evangelho da criação

As narrações bíblicas, analisadas no segundo capítulo da encíclica, mostram a responsabilidade do ser humano diante da criação. Apresentam a terra como um dom do Criador e um bem de todos. Fazem perceber a existência de um elo entre todas as criaturas, que têm uma origem comum e um valor próprio. “Deus viu que tudo era muito bom” (Gen 1,31). A relação positiva com Deus, com os outros e com a natureza rompeu-se pelo pecado. Em vez de “cultivar e

guardar” o jardim da terra, estabelecemos sobre ele uma relação de um domínio absoluto (67).

O texto da encíclica é contundente: “Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada”. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. O Papa alerta: esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. “Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas”. Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar e velar.

Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, “ao Senhor pertence a terra” (Sl 24/23, 1). Para a Bíblia, o ser humano não é o dono desta terra, mas hóspede passageiro. Mesmo assim, ocupa uma posição peculiar, que implica numa tremenda responsabilidade (90). Além disso, é preciso dar-se conta que o respeito pelos outros seres da natureza, plantas ou animais, não deve sobrepor-se ao respeito e à compaixão pelas pessoas.

Caminhamos em busca da plenitude. “A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal” (83). Temos necessidade de desenvolver a consciência de comunhão universal. Nós e todos os seres do universo, criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie

de família universal, “uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (89).

Essa visão implica também em afirmar o destino comum dos bens. Crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da propriedade privada deve servir para a realização do destino universal dos bens.

A raiz humana da crise ecológica

A encíclica examina ainda as causas mais profundas da crise atual, não só os sintomas, em diálogo com a filosofia e as ciências humanas. Apresentam-se duas vertentes: o paradigma tecnocrático e a mentalidade excessivamente antropocêntrica. A tecnociência produziu coisas

maravilhosas, como se diz no n. 102, que ajudaram a melhorar a qualidade da vida humana. Em contraste, o paradigma tecnocrático, hoje predominante – homogêneo e unidimensional –, levou à deterioração da natureza e a uma exploração das pessoas, estendendo seu domínio sobre a economia e a política (109). O mercado sozinho não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social.

A raiz desse modelo tecnocrático está no excesso de antropocentrismo, que coloca o ser humano no centro, dando prioridade absoluta aos seus interesses contingentes. Tudo o mais se torna relativo: tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante (122). Esse antropocentrismo exagerado produz a lógica do descartável e leva à degradação humana e ambiental, revelada em diversas formas de dominação. É o caminho que conduz às máfias, ao tráfico de drogas e ao descarte de seres humanos (123). Neste contexto, constituem questões

cruciais hoje a valorização do trabalho, a necessidade de investir nas pessoas (128).

Um destaque recebe a questão das OMGs (Organismos Modificados Geneticamente), de caráter complexo, que apresenta vantagens e dificuldades (134). A encíclica estimula o debate científico e social, responsável e amplo, sobre essas questões, “que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome. Às vezes não se coloca sobre a mesa a informação completa, mas é selecionada de acordo com os próprios interesses, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos” (135).

A encíclica constata que se torna difícil elaborar um juízo equilibrado e prudente sobre as várias questões, tendo presente todas as variáveis em jogo. É necessário dispor de espaços de debate, onde todos aqueles que poderiam de algum modo versar, direta ou indiretamente, tivessem possibilidade de expor as suas problemáticas ou ter aces-

so a uma informação ampla e fidedigna para adotar decisões tendentes ao bem comum presente e futuro. Cito a conclusão da encíclica sobre o tema: “A questão dos OMG é de caráter complexo, que requer ser abordada com um olhar abrangente de todos os aspectos; isto exigiria um maior esforço para financiar distintas linhas de pesquisa autônoma e interdisciplinar que possam trazer nova luz” (135).

Uma ecologia integral

O coração da proposta da encíclica sobre o ambiente, de que trata todo capítulo quarto, é uma ecologia integral, “que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e suas relações com a realidade que o rodeia” (15). Natureza não é algo separado de nós e não uma mera moldura de nossa vida. Tudo está relacionado. O estado de saúde das instituições tem consequências sobre o ambiente da vida humana. Toda lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais, diz o

Papa. Há uma relação profunda entre as questões ambientais e as questões sociais: “Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise sócio-ambiental”



(139). A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, e do compromisso de fazer escolhas solidárias. Só assim deixaremos um mundo sustentável para as gerações futuras. A ecologia integral envolve tam-

bém a vida diária, nosso estilo de vida, especialmente no ambiente urbano. É fundamental promover um desenvolvimento integral na qualidade da vida humana: espaços públicos, moradias, transportes. Sobre a questão do gênero, a encíclica diz que faz parte da ecologia integral a aceitação do próprio corpo, “na sua feminilidade ou masculinidade (...) Não é salutar um comportamento que pretenda cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela (155).

Algumas linhas de orientação e ação

A pergunta é: o que podemos e devemos fazer? Não basta fazer análises, necessitamos de propostas de diálogo e de ação envolvendo cada um de nós, os governos em todos os níveis, inclusive a política internacional, “que nos ajude a sair da espiral de autodestruição em que estamos afundando” (163). Nesta parte da encíclica, o Papa insiste que a construção de caminhos concretos, algo que não deve ser de modo ideoló-

gico, superficial ou reducionista. A encíclica não pretende oferecer soluções técnicas, mas convida a um debate honesto e transparente, “para que as necessidades particulares ou as ideologias não lessem o bem comum” (188).

Francisco lamenta que as cúpulas mundiais não tenham dado os resultados esperados, por falta de decisão política e de acordos eficazes. A encíclica critica a falta de “honestidade, coragem e responsabilidade” dos grandes poluidores e afirma: “As negociações internacionais não podem avançar significativamente por causa das posições dos países que privilegiam os seus interesses nacionais sobre o bem comum global.” E pede a Deus pela evolução positiva nos debates atuais – uma alusão à próxima Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, em Paris, em dezembro –, “para que as gerações futuras não sofram as consequências de demoras imprudentes” (169).

Para o encaminhamento das questões ambientais precisamos de formas e instrumentos eficazes

de governança global. Os mercados não dão conta de defender ou promover o meio ambiente. O documento insiste no desenvolvimento de processos de decisão honestos e transparentes, sujeitos ao diálogo, que resultem no discernimento de quais políticas e

faz aos que detêm cargos políticos, para que se distanciem da “lógica eficientista e imediatista” (181), hoje dominante na política, deixando um testemunho de generosa responsabilidade.

Educação e espiritualidade ecológicas

Para concluir, a encíclica oferece indicações de como realizar a conversão ecológica. As raízes da crise ecológica agem em profundidade e não é fácil reformular hábitos e comportamentos. Os desafios centrais são a educação e a formação ambiental: “toda mudança tem necessidade de motivações e de um caminho educativo” (15), envolvendo os diferentes ambientes educacionais, como a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese. A mudança de estilo de vida abre a possibilidade de “exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social” (206). Isso acontece quando as escolhas dos consumidores conseguem as mudanças do comportamento

Natureza não é algo separado de nós e não uma mera moldura de nossa vida. Tudo está relacionado. O estado de saúde das instituições tem consequências sobre o ambiente da vida humana. Toda lesão da solidariedade e da amizade cívica prova danos ambientais.

iniciativas empresariais poderão levar “a um desenvolvimento verdadeiramente integral” (185). A corrupção leva a acordos ambíguos, que fogem ao dever de informar e a um debate profundo.

Particularmente significativo é o apelo que o Papa Francisco

das empresas, “forçando-as a reconsiderar o impacto ambiental e o modelo de produção” (206).

A ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, como reduzir o consumo de água, separar o lixo ou apagar as luzes desnecessárias. Tudo isso será mais fácil a partir de um olhar contemplativo que vem da fé. Segundo a proposta de *Evangelii Gaudium*: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora” (223). Assim, torna-se possível voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade com os outros e com o mundo, que “vale a pena ser bom e honesto” (229).

S. Francisco de Assis é muitas vezes mencionado na *Laudato Si* como exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria. Por sua vida, esse santo nos mostra como “são inseparáveis a preocupação com a natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior” (10). A encíclica recorda também os exemplos

de S. Bento, Santa Teresa de Lisieux e do Beato Charles de Foucauld. Cita autores como Romano Guardini, cientistas como Teilhard de Chardin, e documentos de bispos dos cinco continentes. O exame de consciência deverá incluir não só a comunhão com Deus, com os

O exame de consciência deverá incluir não só a comunhão com Deus, com os outros e consigo mesmo, mas também nossa comunhão com a natureza.

outros e consigo mesmo, mas também nossa comunhão com a natureza. A encíclica termina com duas belas orações: “Oração pela nossa terra” e “Oração cristã pela criação”.

As reações à encíclica foram, de modo geral, muito positivas. Massimo Fagioli, historiador italiano, avaliou: “O Papa Francisco se apresenta hoje como a

voz global mais autorizada contra a tecnocracia e os problemas ecológicos e humanos que ela produz”. Na visão do renomado pesquisador ambiental alemão Hans Joachim Schellnhuber, que se declara agnóstico, o estado científico da questão é analisado de forma muito pertinente na encíclica. De grande significado para ele é que o Papa consegue harmonizar a visão científica e religiosa da questão. A seu ver, essas visões não se contradizem e só juntando essas duas perspectivas é possível dar conta da complexidade da questão. Schellnhuber foi um dos convidados do Papa ao lançamento da Encíclica. Essa encíclica chegou em boa hora. Em dezembro próximo se reúne em Paris a 21^a Conferência das Nações Unidas sobre o Clima, da qual se esperam medidas cruciais, necessárias para reduzir drasticamente as emissões gases de efeito estufa. Resta saber qual será a reação dos responsáveis diante não só dos apelos do Papa, mas do grito da natureza e do clamor dos povos. □

evoluir



A vida não para.
Dia a dia, ano a ano
somos chamados para
seguir em frente.

Nesse espiral do tempo,
nossas experiências
viram aprendizados.
Nossas histórias
viram memórias.

E assim vamos evoluindo.
E assim vamos deixando
nossa marca no tempo
que, daqui para frente,
já é futuro.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

É de extrema pertinência a discussão que gira em torno de uma visão de mundo e educação que sustente a formação de professores e organização do currículo no Ensino Superior. Há instalado na universidade um indicador de dúvida e esperança na busca de novas concepções curriculares, renovados caminhos para o planejamento da aula universitária e coerentes com uma avaliação à serviço das aprendizagens.

Muitas vezes a permanência do instituído é mais prática do que se lançar diante do desconhecido: um paradigma curricular pensado para um contexto específico da Educação Superior e que, mais do que pequenas alterações em horários e matrizes, repense diferentes pressupostos

epistemológicos, sociológicos, políticos e técnicos.

Com essas inquietações em mente é que o Grupo Formação de Professores e Paradigmas Curriculares (FORPEC) iniciou suas atividades em agosto de 2005 no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUC-SP sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Tarciso Masetto. A natureza das investigações realizadas tem privilegiado estudos teóricos a partir de autores que vêm publicando atualmente sobre o tema, bem como pesquisas realizadas por integrantes do grupo em projetos inovadores no Ensino Superior, buscando,

“É de extrema pertinência a discussão que gira em torno de uma visão de mundo e educação que sustente a formação de professores e organização do currículo no Ensino Superior.”



Cristina Zukowsky Tavares

Coordenadora do Curso Pedagogia e Docente no Mestrado em Promoção da Saúde do UNASP SP.

entre outros indicadores, investigar como foi a preparação pedagógica dos docentes vinculada a projetos inovadores para se dar continuidade as atuais discussões sobre o tema. Pensamos em aspectos de mudanças para o Ensino Superior que considerem diferentes elementos, como a relação professor-aluno, os processos de ensino e suas metodologias, a avaliação educacional, a forma de conceber o espaço, os materiais e a distribuição do tempo, o modelo de gestão, os objetivos e concepções que conduzem a proposta e, de forma especial, a formação de professores. Dessa forma, as investigações envolveram o desenvolvimento na área pedagógica, básica e específica da formação de professores, discutiram aspectos integrantes da área, como a aprendizagem de adultos, formação profissional com competência e cidadania, interação pedagógica entre os professores e alunos no Ensino Superior, a questão da organização dos componentes curriculares relacionados ao projeto pedagógico de um curso, meto-

dologias ativas passíveis de uso no Ensino Superior, a introdução das tecnologias de informação e comunicação em ambientes virtuais de aprendizagem, o processo formativo na avaliação da aprendizagem, e suas aplicações no cotidiano dos cursos, planejamento de disciplinas e de aulas de forma integrada permitindo a consecução dos objetivos de formação esperados. Uma competência básica para a docência no ensino superior e que foi explorada em nossas pesquisas foi a dimensão política da docência, no sentido que ela precisa estar contextualizada com os proble-

mas nacionais, com seu debate e com as consequências éticas e cidadãs das decisões profissionais e tecnológicas assumidas pelos profissionais.

No início desse semestre letivo, participamos de momentos especiais de formação com docentes e gestores da FEI que se preocuparam em refletir, estudar e trocar ideias já consolidadas e também inovadoras em metodologia e avaliação.

Observamos que o Centro Universitário FEI preocupa-se com princípios para a formação de um indivíduo tecnicamente apto e completo enquanto ser humano, pautado pelos



ideais de fé e justiça, de maneira a transformar de maneira técnica, científica e humanizada não apenas o seu entorno, mas, na proporção da influência de seus egressos em diferentes pontos de atuação, no mercado de trabalho. Ciente de transformações nos modos de produção e difusão do conhecimento, o Centro Universitário FEI demonstra em seus documentos institucionais e nos projetos em curso uma busca incessante pela melhoria da qualidade nos processos didático pedagógicos, e a discussão em torno da avaliação educacional não poderia passar despercebida no contexto desses estudos e programas de formação docente.

A avaliação educacional tem sido examinada com frequência apenas em sua dimensão técnica. É preciso conceber também uma dimensão político-crítica e epistemológica a esse discurso. A ideia de avaliação é tributária de uma concepção de conhecimento, de uma visão de homem e de mundo construída pelos sujeitos que dela fazem uso. Ela está as-

sociada de modo permanente à emissão de juízos de valor, que são mais complexos do que meras operações de medição.

Numa avaliação de orientação somativa, classificatória, de cunho positivista, recolhem-se informações continuamente para

“A avaliação é uma ferramenta que procura medir, verificar, analisar, as modificações de comportamento num sentido progressivo que aproxime os alunos dos objetivos fixados pela escola.”

apontar um resultado final. A avaliação é uma ferramenta que procura medir, verificar, analisar, as modificações de comportamento num sentido progressivo que aproxime os alunos dos objetivos fixados pela escola. A avaliação somativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um

processo já completo e estabilizado, tendo como função classificar, selecionar e responsabilizar. É uma medida da informação, do conhecimento aprendido ou não pelo estudante, tornando-se um instrumento de final de percurso. Reforço que a avaliação educacional inclui processos de medição da aprendizagem do estudante, mas segue para além dela, incluindo o universo dos julgamentos de valor e decisões posteriores de reformulação do projeto pedagógico em ação. Há professores que ainda se vangloriam: “Comigo é assim mesmo: sempre reprovo pelo menos uns ...” Ser bom professor é ser “durão”, não é ensinar bem, não é comprometer-se com a efetiva aprendizagem dos estudantes. Diante das dificuldades em salas de aulas universitárias, há professores que recorrem mais fortemente à avaliação como instrumento de controle, punição, de manutenção da disciplina e ordem, para garantir ao exercício de sua docência, maior respeito e poder. E assim, na contramão da história, há um segmento de

docentes sonhando em resgatar o poder de fogo da avaliação. Assim, temos docentes que se manifestam tremendamente angustiados, pois acreditam fielmente que é a avaliação classificatória, tradicional, que garante a qualidade do ensino. No entanto, pesquisas realizadas na área têm revelado alguns problemas com relação à lógica classificatória e excludente da avaliação, como: altos índices de reprovação e evasão nos cursos; degradação da imagem social da instituição educacional e do professor; alunos mais comprometidos com a nota do que com a aprendizagem; comparação exacerbada de desempenhos, gerando competição entre alunos; não-aprendizagem efetiva em decorrência do formalismo no ensino, o que gera um ambiente com menor desenvolvimento da autonomia do estudante e maior dependência da autoridade docente.

Muitas das opiniões e crenças dos professores acerca do ensino e da aprendizagem mantêm-se num registro tradicional, por-

que os docentes não conseguem conscientizar-se de seus atos, fundamentar seus pensamentos e ações, ou mesmo justificar racionalmente suas ações pedagógicas que superficialmente parecem alcançar sucesso em termos de

“Penso numa formação contínua do docente em avaliação que permita o estudo e a reflexão também contínuos, voltados à compreensão e ao entendimento de uma prática pedagógica concreta e à superação de “representações inibidoras” em avaliações que subjazem no ambiente universitário.”

resultados rápidos e observáveis, como acontece quando o treino é substituído pelo desenvolvimento de competências cognitivas mais elaboradas e compromissos sociais declarados. Essas concepções não teorizadas sobre a aprendizagem e a avaliação

“têm uma parte de verdade e podem parecer eficientes, em certas ocasiões, mas muitas delas são baseadas numa compreensão inadequada dos processos de aprendizagem são ‘pré-científicas’, ‘pré-juízos’, ‘ideias feitas’ que muitas vezes são difundidas e compartilhadas ‘como verdades naturais’, ‘universais’ – como ‘senso comum’. Essas ‘concepções e práticas tradicionais’, assumidas como ‘formas naturais de ver, de ser e de fazer as coisas’, revelam-se resistentes à inovação permanecerão inabaláveis sem um esforço intencional de reflexão e de reestruturação que as torne conscientemente contestáveis e visivelmente improfícias”. Por isso, a promoção de concepções teoricamente fundamentadas e a consequente mudança de práticas pedagógicas passam num primeiro momento pela conscientização das concepções adotadas, por meio da “revisão crítica” e “questionamento” das ideias feitas de senso comum.

Só assim acredito na ruptura com concepções em avaliação

apenas classificatórias, automatizadas e de final de percurso. Penso numa formação contínua do docente em avaliação, que permita o estudo e a reflexão também contínuos, voltados à compreensão e ao entendimento de uma prática pedagógica concreta e à superação de “representações inibidoras” em avaliação, que subjazem no ambiente universitário. Não se trata de impor um modelo teórico de avaliação formativa ou mesmo aplicar um “modelo” na ação, mas refletir junto à prática instituída desvelando caminhos que ampliem as perspectivas educacionais da avaliação e possam ser teorizados, discutidos, ou mesmo reconceptualizados.

Diálogos como aconteceram na Semana da Qualidade FEI 2015, em que a avaliação era o foco das atenções e diferentes docentes puderam entrar em contato com teóricos da área, mas também discutir e trocar experiências, aprendendo com os projetos em percurso desenvolvidos pelos colegas de trabalho torna-se um

relevante momento de formação e ampliação dos horizontes educacionais. Ao partilhar minha experiência pedagógica vivida, reflito com maior clareza sobre ações e intenções, e a verbalização das mesmas, permitindo a

encaminhamentos concretos de ação em um ambiente de diálogo e participação, tendo em vista a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Trata-se da avaliação utilizada como ponto privilegiado de formação.

Vê-se cada vez mais a importância de investir no processo de formação crítico-reflexiva do educador e líder que, para o exercício dessa função, necessita de competência, discernimento, afetividade e equilíbrio, uma vez que está em jogo o pleno desenvolvimento de um estudante.

O professor aprende sobre seu próprio ofício ao construí-lo e refletir sobre ele, compreendendo-o, teorizando-o e propondo encaminhamentos concretos de ação em um ambiente de diálogo e participação, tendo em vista a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

intervenção dos pares, pode desencadear um salto no processo de formação continuada e aprimoramento da experiência em curso. O professor aprende sobre seu próprio ofício ao construí-lo e refletir sobre ele, compreendendo-o, teorizando-o e propondo

Que tipo de egresso esperamos desenvolver? Um ser que acumula informações ou que concebe e pensa a sua realidade em busca de melhor qualidade de vida? A avaliação é considerada atualmente como ponto de partida privilegiado para o estudo do processo de ensino-aprendizagem. Entrar no problema da avaliação é tocar em todos os problemas fundamentais da pedagogia, pois coloca à prova a autenticidade, a força, a coerência dos princípios pedagógicos que supostamente a orientam.

Por avaliação formativa entende-se um conjunto de práticas variadas que se integram ao processo ensino-aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curriculares estabelecidas como importantes.

A avaliação formativa à serviço da aprendizagem tem uma finalidade de acompanhamento do processo de desenvolvimento do estudo, levantando dificuldades e sugerindo encaminhamentos e alternativas intermediárias para alcance de suas metas.

No contexto de uma aprendizagem significativa, problematizadora, que visa o desenvolvimento integral do ser humano, a preocupação ultrapassa a comprovação de resultados, na busca incessante de caminhos para intervir no processo. Nesse sentido, o docente e líder exerce uma contínua reflexão sobre o seu trabalho, favorecendo a autonomia e compromisso individual e coletivo. A ambiência é de cooperação, já que os processos genuínos de mudança passam pela



adesão, compromisso e envolvimento de todos os participantes.

Poderíamos fazer um exercício de reflexão e tomada de consciência da função que atribuímos à avaliação respondendo algumas perguntas como:

- Estudo a temática da avaliação com colegas de trabalho e gestores da IES?

- Estou comprometido (a) com a aprendizagem do estudante no Ensino Superior?
- Tenho clareza sobre o que espero que os estudantes aprendam?
- Diversifico instrumentos de avaliação e norteio critérios?
- Estabeleço vínculo de respeito e confiança com os estudantes?

- Envolvo o estudante na gestão e autorregulação das aprendizagens?
- Planejo reorientações individuais e coletivas de maneira participativa?

Ao responder afirmativamente à maior parte das questões, podemos inferir que estamos à procura de um espaço de maior profissionalização docente e comprometidos com a avaliação a serviço das aprendizagens no Ensino Superior.

Se o cerne da utopia de um empreendimento de avaliação formativa na universidade é ajudar a tornar o estudante cada vez mais autor de suas aprendizagens, isto implica também situá-lo no tempo e no espaço como autor de seus objetivos de melhoria de vida, de participação, de inserção social. Esta relação de ajuda assumida pela avaliação estabelece um caráter ético e pedagógico para a situação avaliativa. De tudo se fará para pôr a avaliação nas mãos do aluno. A autorregulação tem

que ser aprendida, e a comunicação aos alunos dos critérios de avaliação das atividades propostas garante-lhes certo distanciamento de suas produções, e este recuo se torna possível se tiverem se apropriado desses cri-

“Também é um consenso entre os pesquisadores da área e os docentes de forma geral que a avaliação formativa deve ser contínua, não pontual, não-fragmentada, fazendo parte do cotidiano da sala de aula.”

térios e realizarem a auto-avaliação e análise de seus trabalhos com auxílio deles para elaborar estratégias de resolução, reajustando procedimentos e retificando ações em processo.

Também é um consenso entre os pesquisadores da área e os docentes de forma geral que a avaliação formativa deve ser contínua, não-pontual, não-fragmen-

tada, fazendo parte do cotidiano da sala de aula. Essa perspectiva, mais do que a realização de testes diários, implica uma continua reflexão em torno das diferentes propostas de trabalho, nas quais os estudantes se envolvem buscando caminhos conjuntos para o aperfeiçoamento das mesmas.

Nesse prisma de análise, não se utiliza um instrumento de avaliação para somente registrar o resultado no diário de classe e passar para a unidade seguinte do conteúdo planejado, como se nada tivesse acontecido. Numa abordagem formativa em avaliação, não basta registrar os resultados e prosseguir os estudos sem promover as reorientações necessárias na próxima etapa. As informações coletadas por meio dos instrumentos de avaliação no cotidiano da sala de aula devem ser analisadas para permitir o planejamento de estratégias de apoio e superação da dificuldade apresentada, ou de aprofundamento quando houver o domínio necessário.

Ao trabalhar com diferentes perfis de estudantes e sabendo

que suas necessidades, dificuldades e facilidades não são as mesmas, uma abordagem formativa em avaliação é sensível a essas diferenças entre os indivíduos, e nos convida a planejar atividades que despertem e façam uso de variados canais como portas de entrada para a aprendizagem. Uma aula concebida nessa perspectiva utiliza-se de variados métodos e técnicas no cotidiano, e muitas vezes as técnicas de ensino servem como instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Quando assumimos o planejamento de aulas diversificadas, dinâmicas, com estratégias ativas de ensino, como consequência direta desse trabalho teremos um rol de ferramentas em jogo, que servirão ao ensino e também à avaliação ao levantarem de forma individual e coletiva indicadores de aprendizagem dos alunos. Como exemplos dessas estratégias, podemos pontuar os debates em grupo, registros de simpósios e seminários, construção de mapas conceituais, portfólio reflexivo, resolução de casos e



problemas, projetos de curta ou longa duração e outros mais.

Estamos dispostos a prosseguir nessa direção? Estamos dispostos a pensar o planejamento de nossas aulas e como temos avaliado há tantos anos?

Cada docente tem o seu tempo de reflexão, de aproximações sucessivas ao objeto de estudo ou trabalho. As mudanças são lentas, e as reflexões, fundamentadas e conjuntas, precisam ser constantes. Ademais, a conscientização precisa ser estimulada, em especial sobre a questão da avaliação – um tema complexo, que exige mudanças de concepções envol-

vendo alterações no trabalho pedagógico. Reforço mais uma vez a crença de que a formação em avaliação deve considerar que o professor aprende sobre seu próprio ofício ao construí-lo e refletir sobre ele, compreendendo-o, teorizando-o e propondo encaminhamentos concretos de ação no diálogo e participação, tendo em vista a melhoria do processo ensino-aprendizagem. A relevância de continuar aprendendo sobre a avaliação é uma importante conclusão. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as universidades e seus projetos de formação. □

evoluir



A vida não para.
Dia a dia, ano a ano
somos chamados para
seguir em frente.

Nesse espiral do tempo,
nossas experiências
viram aprendizados.
Nossas histórias
viram memórias.

E assim vamos evoluindo.
E assim vamos deixando
nossa marca no tempo
que, daqui para frente,
já é futuro.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Renata Elwina Yeger
Reitoria

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

2º Concurso Literário realizado no Centro Universitário FEI entre alunos e funcionários, em outubro de 2015.

Mais uma vez, o II Concurso Literário da FEI surpreende, seja pelo interesse crescente da comunidade, seja pela diversidade de temas e estéticas apresentados. Neste ano, com apenas duas categorias – poema e conto – e com a restrição de que cada autor enviasse apenas um texto, o que se percebe é que mais pessoas se interessaram em participar do evento. Contando com trinta e quatro produções (dez contos e vinte e quatro poemas), entre dores amorosas e temas sociais, emerge uma profusão de inflexões que nos levam a olhar para este Centro Universitário de um novo ponto de vista, outro que não o acadêmico e o científico, mas o literário. As surpresas,

como o leitor poderá testemunhar, são muitas.

Não estando dentro do espectro dos Concursos promovidos o lançamento de um clássico da literatura universal (embora isso seja perfeitamente possível!), inexiste a intenção de rotular os autores como excelentes ou medianos. O que há é o empenho de possibilitar um encontro entre subjetividades, as quais, por fim, compõem uma voz coletiva, a ser lida e ouvida. Garantir espaços em que se promova a formação do leitor literário e do escritor de textos de literatura é o que nos anima e motiva. Mas é claro que

“Entre dores amorosas e temas sociais, emerge uma profusão de inflexões que nos levam a olhar para este Centro Universitário de um novo ponto de vista, outro que não o acadêmico e o científico.”

Profa. Giselle Larizatti Agazzi

Professora do Depto. de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário FEI



um acontecimento como este em um Centro Universitário que reúne cursos de Engenharia, Administração e Ciência da Computação requer quase a obrigatoriedade de uma justificativa.

Poderíamos perguntar “Por que Literatura aqui e agora?”, mas “por que” não está tão afinado com as sociedades tecnócratas do nosso tempo, cujos resultados são exigidos a toque de caixa. Quem não quer mensurar os resultados de seus esforços no mundo? Não haveria nada de errado com essa expectativa, não fôssemos nós humanos e, portanto, seres que aprendem no processo e não apenas com o resultado. Os meios importam, afinal. Precisaríamos, pois, reconfigurar a pergunta para estar mais afinada com as demandas contemporâneas: “Para que Literatura aqui e agora?”. Sim, talvez esta seja a pergunta mais justa, a qual poderia ainda ser perseguida ao lado de outra: “para que a Arte aqui e agora?”.

Seria fácil compor um parágrafo ou dois definindo a impor-

tância da Arte para a formação do jovem universitário; assim como seria fácil argumentar a favor da Literatura nos espaços acadêmicos. Muitos foram os que se dedicaram a responder tais questões. Mas respostas rápidas não são as que movimentam

“Acostumados a ver sempre as mesmas coisas no mundo e nos outros, projetando sobre eles aquilo que em nós sobra, tantas vezes deixamos de perceber o que é diferente do nosso pequeno universo.”

a humanidade e são pouco recomendáveis no ensino superior... afinal, entre tantos imediatismos e a política dos resultados, nós, amantes da Literatura, sabemos que é preciso desconfiar do que é tido como certo e único. Por isso, em lugar de respostas, vale sempre a proposição de uma boa (ou má?) pergunta.

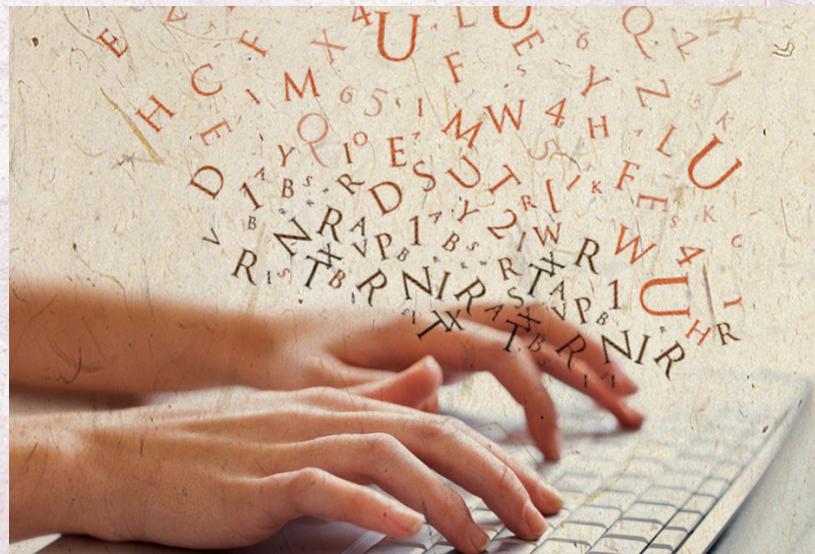
Ao leitor interessado em se embrenhar nos textos deste segundo Concurso, vale a recomendação de só se dar por satisfeito quando puder ler todos, os quais foram reunidos no ebook publicado e disponível na Biblioteca da FEI. Isso, porque a qualidade deste projeto está na reunião das diversas vozes literárias enfeixadas. A perspectiva do conjunto inquieta, ao iluminar aspectos da realidade que passariam desapercebidos para o espectador incauto.

Acostumados a ver sempre as mesmas coisas no mundo e nos outros, projetando sobre eles aquilo que em nós sobra, tantas vezes deixamos de perceber o que é diferente do nosso pequeno universo. Nem sempre é fácil ultrapassar os limites dos territórios já conhecidos, pois tal atitude implica abandonar nossa zona de conforto tãometiculosamente construída para nos proteger do que nos é estranho – e, portanto, amedrontador, afinal, a diversidade mostra modos de ver o mundo pelos quais nós ainda não havíamos visto.

E eis que surgem, dentro de um espaço-tempo controlado e conhecido, essas trinta e quatro produções absolutamente inusitadas, mobilizando-nos a sair do nosso lugarzinho de sempre e a conhecer outros olhares.

Então, a constatação tão óbvia quanto surpreendente: as subjetividades veiculadas pelos textos não correspondem ao estereótipo feiano! Há “outros” na comunidade que não um “eu” nosso; e essa percepção nos transforma, ao nos confrontar.

Diante deste fato, a pergunta “Literatura para quê?” parece desnecessária, já que não há nada que promova mais a aprendizagem do que romper com velhos paradigmas e parâmetros cristalizados. É em função da afirmação do que tem sentido para o “eu” e o “outro”, para o indivíduo e a coletividade, que a construção de espaços para a formação do leitor literário se faz necessária, para que entre o “eu” e o “outro” os vínculos de fraternidade se realizem plenamente com o reconhecimento de



que a igualdade só pode se fazer pelas diferenças.

À comissão avaliadora – composta por Renato Ladeia, Kurt Amann, Roberto Baginsky, por Marita Toneto, Priscila Benito e Edson Gomes Jardim e por Aline Britto, Dayana Mazine e Stela Belo –, ao Carlos Cordeiro, à Nilce Marin e a toda a equipe da Biblioteca, à professora Carla Soares, chefe do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, ao Reitor do Centro Universitário FEI, professor doutor Fábio do Prado, ao Padre Paulo e a

todos os que tornaram a edição deste segundo concurso possível, nossa gratidão. E gratidão ainda maior a todos os que se arriscaram a enviar sua produção, contribuindo para a construção deste que é o nosso espaço-tempo de humanização dos homens.

Para compor este Caderno da FEI, selecionamos os primeiros lugares da categoria conto e poema, a fim de despertar o apetite dos leitores e, animar a comunidade a seguir de perto o III Concurso Literário da FEI.

Boa leitura!

Categoria Contos



Da esquerda para a direita: Profa. Giselle L. Agazzi, Prof. Renato Ladeia, Gabriel Ribeiro e Nilce R. A. Marin.

GABRIEL RIBEIRO

1º lugar Categoria CONTOS
Centro Universitário FEI
Ciência da Computação
Estudante do 2º ciclo

Escolhas e Caminhos

Limitado por cordilheiras a leste, um caudaloso rio a oeste e pelo mar ao sul, encontrava-se um grande condado formado por planícies férteis. Este território era governado por um homem chamado Albert.

Após a morte de sua esposa, Albert se aproximou mais de sua única filha, Alícia, a fim de proporcionar a ela a atenção e o amor que sua mãe não mais poderia lhe oferecer.

Albert almejava a felicidade, o conforto e a segurança de sua filha. Ele se preocupava com o destino da mesma caso algo acontecesse. Com o passar do tempo, um casamento fora orquestrado com alguém não menos importante socialmente. Este homem, conhecido como Clécio, era governante de um importante condado vi-

zinho. Ele era respeitado por muitos e tinha a estima de Albert, que o conhecia desde muito jovem.

Uma grande festa com música, dança, comida e bebida foi feita para comemorar o noivado entre Alícia e Clécio. Muitos compareceram na festa, afinal a notícia do noivado espalhou-se rapidamente. Clécio era um homem poderoso, muitas vezes implacável, e Alícia era dona de uma beleza única. Esta combinação despertava o interesse de muitos.

Valentin compareceu na comemoração. De todos os nobres presentes ele era o mais humilde e, se não fosse por sua irreverência, passaria despercebido por onde andasse. Além de pertencer a uma família cuja importância ficou no passado,

este homem vivia no condado de Albert, e tinha uma pequena quantidade de terras, o essencial para a sua sobrevivência e nada mais.

Não precisou mais que uma troca de olhares entre Alícia e Valentin durante o evento para que ambos se apaixonassem. Com o decorrer dos dias, esta situação colocou Albert em uma posição delicada, principalmente diante dos apelos de sua filha para que o casamento com o pretendente indesejável fosse cancelado. Alícia não queria seguir o caminho que havia sido traçado.

Atendendo aos apelos de Alícia, seu pai cancelou o casamento, pois era com Valentin que ela queria se casar. A felicidade de sua filha valia mais do que qualquer outra coisa.

O fato é que com Clécio, Alícia poderia ter um futuro estável, ao contrário do que Valentin tinha a oferecer. Para reverter este quadro, Albert deu terras e animais ao novo noivo de sua filha. Nas mãos deste, em uma curta duração de tempo, o pouco se tornou muito. Com árduo trabalho, Valentin conseguira resgatar o antigo prestígio do nome de sua família.

Assim como as notícias do noivado entre Alícia e Clécio se espalharam rapidamente, as notícias do fim deste noivado também. Isso foi uma humilhação a Clécio, que se tornou motivo de chacota em todos os vilarejos, de todos os condados. O sentimento de humilhação que Clécio sentiu logo se transformou em raiva e em ira.

Como era de se esperar, o noivado

entre Alícia e Valentin foi anunciado. Muitos curiosos apareceram. Alguns estavam interessados em ver com os seus próprios olhos a ascensão de Valentin, outros foram com desdengo; por conta de sua personalidade, Valentin não era bem quisto por algumas pessoas.

Diversas tentativas contra a vida de Valentin foram cometidas nos dias que seguiram. O mandante era desconhecido; existiam inúmeras possibilidades, desde inimigos do passado, pessoas querendo ferir emocionalmente Alícia a fim de desestruturar Albert, até Clécio inconformado com toda a situação. Albert se recusava em acreditar nesta última possibilidade, mas temia por seu genro e por sua filha.

Prezando pela segurança, um estrangeiro foi contratado por Albert, a fim de proteger e de cuidar do casal. Este estrangeiro era conhecido como Wallace. Ele fazia trabalhos aqui e acolá, sempre viajando de um país para o outro e entre os condados. Alguns homens fieis sempre o acompanhavam. O estrangeiro era astuto e perspicaz, um estrategista cuja fama o acompanhava. Seus trabalhos eram visando ouro e notoriedade.

Wallace estava pelas redondezas, e ao receber a mensagem de Albert, não demorou a chegar. Uma grande proposta foi feita e Wallace não pestanejou em aceitar. Esta proposta garantia o que ele há muito procurava, uma posição social e terras férteis.

Não demorou e Wallace logo tornara-se extremamente próximo do casal – o seu

trabalho favoreceu isso – em especial de Valentin; ambos se tornaram grandes amigos.

Alícia e Valentin casaram-se e os anos passaram. Como era de se esperar, Albert morreu devido à idade e Valentin assumiu todas as responsabilidades outrora pertencentes ao seu sogro. Wallace tornou-se o segundo no comando. Isto foi resultado dos anos de lealdade, de um trabalho bem feito e da intimidade com Valentin, garantida pela amizade entre ambos.

Motivado pela necessidade, por muitas vezes Wallace assumia o posto de responsável do condado quando Valentin precisava viajar por motivos administrativos.

Os atentados nunca cessaram, pioraram após a morte de Albert. Wallace resolreu investigar esta situação na tentativa de colocar um fim em tudo isso. O estrangeiro organizou uma viagem investigativa, era algo que não poderia chamar a atenção, então ele fora sozinho, certificando-se que os homens mais leais que o acompanhavam estavam com Alícia e Valentin.

Em seu cavalo, Wallace se aproximava de um ilhote rochoso na foz de um rio através de um istmo. Estava prestes a anotecer, ele era aguardado naquela grandiosa construção rochosa.

Olhar para o futuro, agir com cautela, analisar e avaliar o ambiente, formular a estratégia, ser paciente e entender que todo o processo é dinâmico são essências para um plano bem-sucedido. Estas foram algumas coisas que Clécio levou em consideração ao elaborar a sua vingança contra

Valentin. O plano garantiria a Clécio tudo o que ele havia almejado, e que estava em suas mãos antes do término de seu noivado com Alícia. Conhecer Albert e saber que este faria de tudo pela segurança de sua filha, ao ponto de contratar um homem com as características únicas, foi de suma importância para o início deste plano.

Wallace era o grande trunfo, e ele foi capaz de assumir um papel e mantê-lo durante anos impecavelmente. Era o mínimo a se esperar de um homem como ele. Após acertar os detalhes finais com Clécio, Wallace retorna para o condado de Valentin com a notícia:

– Todos os ataques foram orquestrados por Clécio. Ele deseja tudo que você tem Valentin e não vai descansar até que ele tenha, ou até que ambos não tenham... Tudo poderá ser resolvido se vocês conversarem. A raiva e a ira consumiram o coração de Clécio durante todos esses anos. Se tudo for explicado ele entenderá que não pode ter o que não é dele. Organizei um encontro entre vocês dois. Caso você queira ir está tudo pronto. Será em um grande galpão, em um vilarejo situado em um condado distante e neutro. Acredito que existam espiões dele em nosso reduto, devemos ser cautelosos, e não podemos levar homens, caso contrário podem nos acusar de incitar um conflito armado.

Valentin saiu imediatamente e deixou instruções para que Wallace cuida-se do condado. Alícia não foi informada sobre o encontro, esta escolha foi de Valentin. Caso

ela soube-se, impediria seu marido por temor a vida dele. Valentin por outro lado, não via a hora de viver em paz ao lado de sua amada. Alícia deveria ser informada sobre o encontro posteriormente, e as cartas que Valentin mandasse deveriam ser entregues por Wallace diretamente a ela.

Wallace estava na posição que almejou desde o início. Foi capaz de jogar com todos e agora estava no comando de um condado, e tinha Alícia só para ele. Com Clécio e Valentin longe, mais a sua influência que aumentou com o passar dos anos, era uma questão de poucos dias para que Wallace assegurasse o controle definitivo do condado para si próprio. Clécio não seria capaz de questionar legalmente a sua autoridade e Valentin não retornaria do encontro.

Em uma encruzilhada de duas vias terrestres estava localizado o galpão, local do encontro entre Clécio e Valentin. Este encontro era uma armadilha para Valentin, que foi preso e torturado por dias. Era uma questão de tempo até que fosse morto.

De maneira astuta, Valentin conseguiu escapar de seus capturadores e se refugiou em um local secreto para recompor suas forças. Ele estava completamente exaurido.

Valentin enviava cartas para a sua amada, cartas estas que eram extraaviadas por Wallace. Houve um tempo que a amizade entre Valentin e Wallace era verdadeira, mas Wallace tinha os seus próprios desejos, e permanecer na sombra de alguém nunca fora o desejo dele. Alguns homens que tem o poder só querem mais poder.

Clécio procurava por Valentin incansavelmente, ao ponto disso o deixar inconsequente e descuidado. Por ser implacável ele acumulou alguns inimigos durante a sua vida. Ser descuidado e estar longe de suas terras foi o suficiente para que ele fosse capturado, caindo assim no esquecimento de muitos, pois o seu paradeiro não era mais conhecido por ninguém.

Os planos de Wallace seguiam como ele havia idealizado, mas ele enfrentava dificuldades com Alícia, dona da beleza que o conquistou.

Alícia foi informada por Wallace que em sua viagem extraordinária Valentin havia sofrido um acidente que o levou a morte; o seu corpo estava perdido. Alícia ficou inconsolável. Wallace acreditou que logo Alícia perceberia quem ainda estava ao lado dela. Sendo assim, ela daria ao estrangeiro o amor que ele tanto queria receber dela, mas em seu coração apenas Valentin reinava.

Em um ato inesperado por Wallace, Alícia que não tinha mais a sua querida mãe, o seu amado pai e o seu marido que tinha morrido de forma trágica, estava sozinha e desolada. O seu coração almejava estar junto de seu amor verdadeiro. Em uma noite ela tentou contra a sua própria vida.

Na manhã seguinte todos ficaram perplexos, em especial Wallace, que era capaz de prever os passos de todos, mas não conseguiu prever os devaneios de uma pessoa que amava o outro mais do que a si mesma. Alícia era muito querida por todos do condado e a sua morte cau-

sou uma melancolia generalizada.

Na noite do mesmo dia, Valentin regressa ao seu domínio. Wallace não mais estava por lá. Ele foi informado da aproximação de Valentin e fugiu com o ouro que conseguiu carregar, além de ir acompanhado com alguns homens. Provavelmente voltaram para o país de origem de Wallace. Este sabia que quando tudo viesse à tona, não haveria um lugar naquele país em que ele não responderia pelos seus atos.

Quando se deu conta, Valentin descobre que perdeu um amigo e o grande amor de sua vida. Ele honrou a memória de sua esposa e do pai dela, administrando em benefício do povo. Em sua vida ele ajudou todos que pode, e deu oportunidades a quem não tinha, assim como no passado Albert lhe deu a oportunidade de mostrar o seu valor que a muito havia esquecido ter.

Valentin morreu muitos anos depois, dizem que sozinho. Morreu de tristeza. Por Alícia, ele foi a melhor pessoa que pode ser enquanto viveu, sendo assim o melhor governante que o povo daquele condado já teve, superando os governantes dos demais condados.

Wallace viveu o resto de seus dias definindo e sendo consumido por saber que teve tudo que um homem pode querer, e abriu mão de tudo isso pela ganância; este foi o caminho que suas escolhas o levaram. Não houve um dia em que ele não tenha se lembrado da vida que teve, pois não houve um dia em que ele tenha sido livre do peso de sua própria consciência. □

Categoria Poesia



RUTH DE SOUZA CASTILHO

**1º lugar Categoria POESIA
Centro Universitário FEI
Funcionária do Ambulatório Médico**

Da esquerda para a direita: Prof. Renato Ladeia, Profa. Giselle L. Agazzi, Ruth de Souza Castilho e Nilce Regina A. Marin.

O Segredo

Rodei o mundo procurando,
A quem pudesse revelar,
um segredo de outrora
que guardava no pensar.

Às estrelas, contei o segredo...
E elas brilharam contentes,
num piscar sincronizado
me tornou incandescente.

Ao mar, contei o segredo...
Nas suas águas abundantes,
mergulhei bem fundo nas ondas,
nadei bem longe, distante.

Às árvores, contei o segredo...
Me cercaram efusivas,
apertando meu corpo frágil,
abraçaram com mais vida.

À lua, contei o segredo...
Ela veio orbitar,
rodando em minha volta,
me deixando a sonhar.

Ao orvalho, contei o segredo...
Chorou em demasia,
me comoveu ternamente
mas disse que era alegria.

Ao vento, contei o segredo...
Rodopiou em ventania,
disperso, empurrou as nuvens,
sem saber pra onde ia.

Às flores, contei o segredo...
Seus botões tão delicados,
desabrocharam formando flores,
me deixaram fascinado.

Meu coração, tão alegre,
Bateu forte emocionado,
a natureza agradeceu sorrindo,
o segredo confiado.

inovar



Inovar é fazer
diferente tudo aquilo
que o mundo faz igual.

É fazer de um jeito novo.
Sob outro ponto de vista.
Sob a luz de outro olhar.

É não se acomodar e
não se contentar com
as mesmas respostas.

Inovar é ser criativo.
Inventivo. Imaginativo.

É simplesmente ousar.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Prof. Msc. Wilson Pires
Departamento de Administração

FEI PARTICIPA DE CONGRESSO DE EDUCAÇÃO EM ROMA



O Centro Universitário FEI participou, em novembro, de um dos maiores congressos sobre educação nas instituições católicas. Com o tema 'Educar Hoje e Amanhã. Uma Paixão que se Renova', o evento reuniu em Roma, na Itália, líderes de instituições católicas de ensino de mais de 60 países, entre eles o presidente da FEI, Pe. Theodoro Peters, S.J., o reitor do Centro Universitário, professor doutor Fábio do Prado, e a vice-reitora de Extensão e Atividades Comunitárias, professora doutora Rivana Marino. Durante os quatro dias de congresso, foram discutidos importantes pontos da educação nas instituições católicas e a preocupação em fazer das escolas e universidades um lugar onde exista diálogo e debate sobre os desafios que a 'emergência educativa' provoca para a sociedade, o sistema educacional e a própria Igreja. O Papa Francisco encerrou o congresso, deixando aos líderes a mensagem de que a educação deve ensinar conceitos, atitudes e valores. "O clima deve ser de diálogo e com abertura para novos modelos educativos", destacou o líder da Igreja Católica.

FEI NA 25ª ASSEMBLEIA DA FIUC

O Centro Universitário FEI marcou presença na 25ª edição da Assembleia Geral da FIUC – Federação Internacional das Universidades Católicas – realizada entre os dias 13 e 17 de julho, na cidade de Melbourne – Austrália. O evento reuniu reitores de todas as universidades católicas no mundo, entre eles o professor doutor Fábio do Prado, reitor da FEI. Nessa edição o tema para reflexão foi: "Os tempos mudam. Os valores permanecem". Por cinco dias, os participantes analisaram os desafios que enfrentam as universidades católicas nos dias de hoje, sem deixar de refletir sua história e suas contribuições para o desenvolvimento da educação em geral e das próprias universidades.

"A participação da FEI neste evento internacional é de grande importância, pois permite que a Instituição esteja cada vez mais envolvida com as novas tendências na educação superior e os desafios que se apresentam às instituições católicas no mundo", destacou o reitor.

Em 2012 a 24ª Assembleia Geral da Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC) foi realizada no Centro Universitário FEI e reuniu 280 representantes de 131 instituições católicas de educação superior de 45 países dos cinco continentes.



Ao centro, em destaque, o reitor da FEI, Prof. Fábio do Prado



**Prof. Dalton Rubens
Maiuri**

☆ 1936 † 2015

No domingo, dia 1º de novembro, recebemos, com surpresa, a notícia do falecimento do Prof. Maiuri.

Sabíamos que tinha problemas de saúde, mas era muito reservado. Mantinha intenso ritmo de trabalho com seriedade e dedicação de sempre.

Começou a sentir-se mal no sábado. Apesar de todas providências e recursos clínicos, os problemas cardíacos agravaram-se. Faleceu no domingo, no dia em que a Igreja Católica faz homenagem a Todos os Santos.

Dalton Rubens Maiuri nasceu em São Paulo, em 6 fevereiro de 1939, filho de uma mineira e um ítalo-brasileiro. Teve uma infância feliz e saudável numa São Paulo ainda com ares de interior. Seu pai, um admirador da cultura norte-americana, enviou-o para estudar na University of Illinois, onde se especializou em Energia Térmica.

Lá conheceu uma colombiana que veio a se tornar sua esposa e mãe dos três filhos que geraram seis netos.

Graduado e já casado, retornou ao Brasil e foi convidado a dar aulas na FEI em 1965. Sua jornada teve um intervalo de dois anos, (1968-1970), quando residiu na Inglaterra com a família para especialização na Bristol University. Mais tarde, passou seis meses na França onde participou como precursor junto a outros professores do programa de intercâmbios da FEI com universidades francesas.

Com mais de 60 anos, concluiu Mestrado pela Escola Politécnica da USP.

Desde o início de sua carreira acadêmica como professor e pesquisador da FEI, nunca deixou a sala de aula, mesmo quando assumiu funções junto à Diretoria e posteriormente no IECAT, que ajudou a desenvolver e coordenou até o final desse último mês de outubro de 2015.

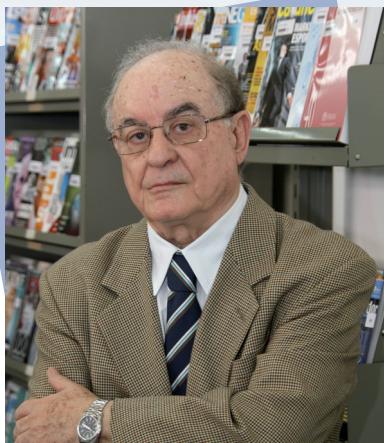
Escreveu livros, publicou inúmeros trabalhos e teve longa passagem pela Consultoria Figueiredo Ferraz respondendo tecnicamente por muitos projetos.

Foi conselheiro do CREA e fez parte da Diretoria da Associação dos Antigos Alunos.

Prof. Wilson Hilsdorf, professor e Coordenador de Cursos de pós-graduação, foi seu aluno nas temidas disciplinas de Termodinâmica. Conviveu com ele durante vinte e dois anos. Dá testemunho do quanto usufruiu da experiência e competência profissional, associadas à retidão de caráter, companheirismo e lealdade. A admiração e respeito começaram bem antes por causa da grande amizade que tinha com seu pai, Prof. Jorge Hilsdorf, e pelos comentários que fazia como membro da Diretoria.

Na mensagem que seu filho Mauro fez na celebração comentava que, pelos cinquenta anos de vida profissional acadêmica na FEI e cinquenta anos também de matrimônio, a lembrança forte que deixava era a de um homem trabalhador, otimista, progressista, prático, disciplinado, muito discreto, jovial, alegre, desprovido de hábitos de luxo, de postura sóbria e dedicado à família.

Sua falta será muito sentida e a lembrança guardada na saudade. □



Prof. Francisco Granizo Lopes

☆ 1931 † 2015

O professor Francisco Granizo Lopez, depois de um longo tempo com a saúde bastante combalida, faleceu no dia 30 de agosto, aos 84 anos de idade.

Nascido em Madri, na Espanha, era Mestre em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, formado em 1969.

Começou a lecionar na FEI em 1998, assumindo as aulas de Ética dos Negócios e Filosofia, substituindo o Prof. Felipe Mosquini, no Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, participando como voluntário de diversas atividades.

Como colega e Coordenador do Curso de Administração do *Campus São Paulo*, pudemos testemunhar sua total dedicação às diversas atividades em classe e extraclasse, até seu licenciamento por motivo de saúde.

Desenvolveu trabalho na Incubadora Social de Microempresas, em uma parceria da Cáritas com o Centro Universitário FEI, durante mais de dez anos.

Partilhou sua experiência produzindo, sob sua coordenação, Manuais de Consultoria em Marketing, em Produção e em Finanças. É co-autor do livro: *Curso de Ética em Administração*, publicado em 2006, pela Editora Atlas.

Foi Conselheiro da Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresa, Diretor da Cáritas e do Centro Comunitário da Criança e do Adolescente.

Casado com Aparecida, pai de duas filhas, sendo uma delas formada na mesma área profissional e a outra em Medicina.

Prof. Granizo é exemplo para alunos, professores e pessoas de bem pela dedicação ao ensino, ao empreendedorismo, à formação e desenvolvimento de cidadãos de todas as idades.

Muito querido por todos, seu falecimento foi sentido com inúmeras manifestações de pesar dos colegas, ex-alunos e alunas.

Na missa em sua homenagem, celebrada na Capela Nossa Senhora do Bom Conselho, da FEI-SP, D. Aparecida e a filha puderam sentir pelos testemunhos como era estimado.

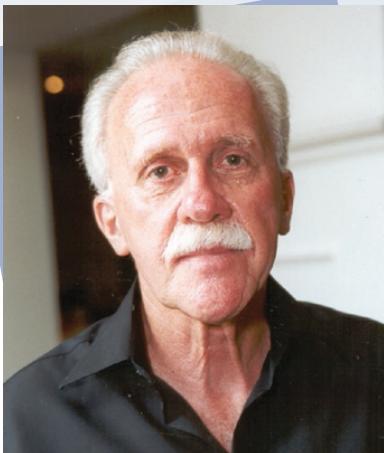
A mensagem do aluno Victor Santana, lida pelo colega Lucas Candiano, sintetiza o que foi dito:

“Em época de escassez de carisma, tivemos a felicidade de contar com uma fonte naturalmente sincera de simpatia para agregar nossa formação, não só acadêmica, mas também como seres humanos que em um futuro próximo terão a responsabilidade de agir como exemplos para seus companheiros profissionais e para as nossas famílias.

É imensurável o quanto este senhor pôde nos ensinar com sua experiência, principalmente por ter vencido em terras estrangeiras, tornando-se um referencial em ética.

Tocar o coração de jovens como nós, que temos trocado os afetos da vida real por relacionamentos digitais, não é algo muito comum nos dias de hoje. Há diversas crenças entre nós alunos, alguns acreditam no paraíso e outros não, porém todos nós reservamos um lugar para o Granizo em nossos corações. Nossas condolências à família e nosso eterno agradecimento ao Professor.” □

Rosa Maria Augusto Toyoshima
William Sampaio Francini
Centro Universitário FEI



**Prof. Godofredo José
Casati Júnior**

☆ 1936 † 2015

O professor Godofredo José Casati Júnior nasceu em Descalvado (SP) em 23 de julho de 1936. Aos 22 anos, após formar-se pela Universidade Federal de São Carlos, mudou-se para Santos, incorporando-se ao grupo de professores de Educação Física, pioneiros na região na década de 1950.

Em 1958 foi responsável pela organização e treinamento da primeira equipe de handebol do Colégio Tarquínio Silva, criando um celeiro de atletas que viriam a parti-

cipar de seleções campeãs em Jogos Abertos do Interior e campeonatos estaduais.

As inovações técnicas de Casati o projetaram profissionalmente, de técnico de clubes à presidência da Federação Paulista de Handebol entre 1972 e 1973, levando-o a participar da Olimpíada de Munique, em 1972, como representante do Brasil. Participou dos comitês de organização dos Jogos Abertos do Interior pela cidade de Santos de 1965 até 1987.

Casati foi professor na Faculdade de Educação Física de Santos – FEFIS, ocasião em que teve entre seus alunos, personalidades do esporte como o rei Pelé, Leão, Pepe, Simone e outros. Atuou por muitos anos como preparador físico da equipe de futebol da Associação Portuguesa Santista e do Santos Futebol Club.

Foi professor de Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, durante os três anos (71 a 73) da Faculdade de Educação Física de Santos – FEFIS.

Depois, foi coordenador de Esportes e Lazer da Faculdade de Engenharia Industrial – FEI, em São Bernardo do Campo, cargo que ocupou por muitos anos. □

Profa. Célia Gennari

Na FEI, a função do Prof. Godofredo era de Coordenador do CVDRL (Centro de Vivência Desportiva, Recreação e Lazer) com as atividades extracurriculares desenvolvidas no referido centro.

Organizava o campeonato interno de todas as modalidades esportivas direcionadas aos alunos. A principal era o JODESP, uma competição entre os Diretórios de Mecânica, Elétrica, Produção, etc.

Promovia também o Campeonato Intercolegial, que ainda acontece, entre os colégios do Ensino Médio convidados.

O Prof. Godofredo era um profissional competente, amigo leal. Desde 1982 até quando teve que se afastar por motivo de saúde, trabalhamos juntos, em completa harmonia e colaboração, visando o bem-estar dos alunos.

Teve uma bela passagem pelo Centro Universitário FEI. □

*Prof. Paulo Pelogia
Centro Universitário FEI*

educar



Educar é transformar.
É abrir possibilidades
infinitas para o outro.
É se colocar à serviço
como guia, como norte.

Educar é ser forte.
É não perder a esperança.
É construir caminhos
no presente com a
convicção de que o
futuro vai ser melhor.

Cada vez MAIS.

centro
universitário



Nova Marca.
Novo Ritmo.
Para o seu Futuro.

Profa. Dra. Giselle
Larizzatti Agazzi
Departamento de Ciências Sociais
e Jurídicas

